

ALTEROSA

Dezembro • 1959

Primeira Quinzena

Cr\$ 15,00

Guaraci



NESTE
NÚMERO: Geração Sem "Blue Jeans"

Glamour de Paris

Cativante! A cútis suave de Françoise Brillouet! Veja esta bela modelo parisiense nas cenas filmadas pela Pond's.



Conserve sua pele suave, beijável... com Pond's

Nada limpa mais profundamente! Creme C (Pond's Cold Cream) remove todas as impurezas e o "maquillage". Deixa o rosto imaculadamente limpo!

Nada lhe dá à cútis essa suavidade! Que suavidade acetinada, que elasticidade juvenil, os ricos óleos embelezadores do Creme C Pond's dão à sua pele!

Nada é mais refrescante! Que frescor tem a sua pele tratada com Creme C Pond's! Amacia a cútis, apaga as pequeninas rugas, como por encanto... torna radiante a sua pele!



Creme C Pond's



Creme V Evanescente Pond's —

— Finíssima e invisível base para pó, leve, aderente, pura como o orvalho. E, também, — que milagre de beleza para a sua cútis! Em apenas 1 minuto — uma boa camada do Creme V Evanescente Pond's no rosto — as impurezas e as células mortas da pele dissolvem-se e são removidas: ressurge uma pele radiante, encantadora, imaculada! E tudo em 60 segundos!



Siga a linha de beleza que Paris consagra!

A beleza a seu alcance

Por Gladys Seymour

— Quantas vezes por dia deve-se limpar a pele?



— Quantas vezes fôr preciso, minha filha. Nunca se deve usar um "maquillage" sobre o anterior. Cada vez que fôr maquilar-se, limpe a pele. Também à noite, antes de deitar-se, é indispensável a limpeza completa do seu rosto, restando, com um bom creme de limpeza, como o Creme C, todas as impurezas, a poeira acumulada durante o dia e os restos da pintura. Toda vez que lavar o rosto, minha amiga, você deve usar o creme de limpeza. Está esclarecido o seu problema?

— Qual a finalidade da base para pó de arroz?

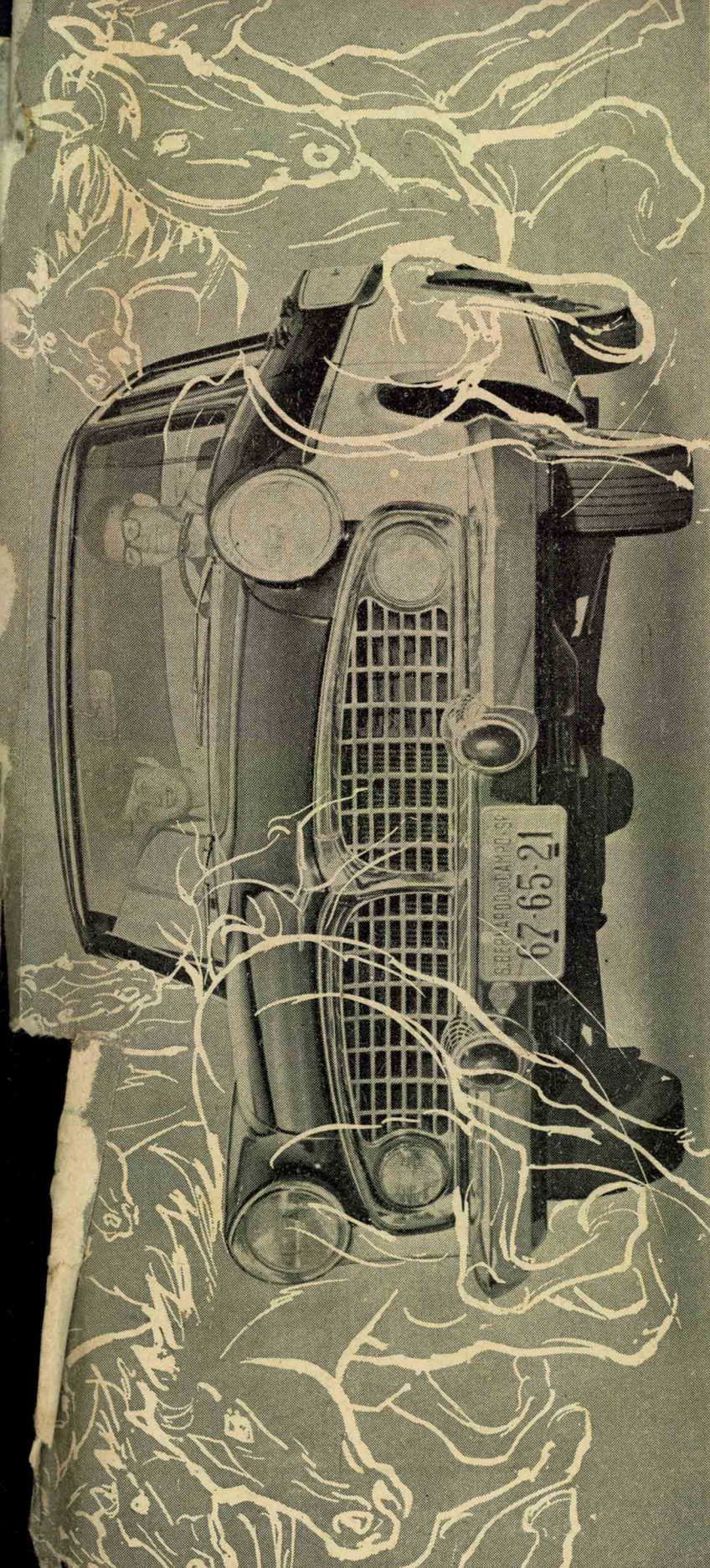


— Antes de qualquer outra, é proteger. O pó de arroz usado diretamente sobre a pele asfixia-a, resseca e prejudica o "maquillage". Usando a base, uma boa base como o Creme V, evita-se isso, e o creme ainda serve para fechar os poros e amaciar a pele. As bases com cremes evanescentes, como o caso do Creme V, são indicadas especialmente para peles oleosas.

— Por que não basta lavar o rosto com água e sabão?



— A água e o sabão limpam superficialmente a pele, mas não atingem as impurezas depositadas no fundo de cada poro. Estas vão se acumulando, obstruindo os poros com gorduras, restos de cosméticos e poeira, formando esses odiosos pontos negros que enfleem o rosto mais bonito. É indispensável o uso de um produto que penetre profundamente para remover essas impurezas. Um creme de limpeza que "limpe" de fato. Como o Creme C. Além disso, a água e o sabão, apenas, destroem os óleos que são a defesa natural de nossa pele, e o creme de limpeza deve restituir essa oleosidade. Se você deseja maiores esclarecimentos sobre limpeza e tratamento da pele, procure ler o "Guia de Elegância e Encanto", onde você encontrará todas as informações que lhe interessam. Escreva para o Departamento de Beleza Pond's — Seção D-2 — Caixa Postal 3.705 — Rio de Janeiro. Você receberá, inteiramente grátis, esse folheto com toda a orientação de que necessita.



HARMONIA PERFEITA DE

BELEZA E FÔRÇA!

Linhas serenas, de aristocrático bom gosto, proporções harmônicas, acabamento luxuoso, porém, isento de exageros; perfeição absoluta das soluções técnicas em todos os detalhes - tudo isto forma aquele conjunto maravilhoso que é o

Simca

Hammond



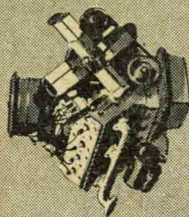
CHASSIS TIPO "MONOBLOCO"

de barras
integradas e
reforçadas
o mais resistente
que existe.



PODEROSO MOTOR V-8 "AQUILON"

desenvolve 85 HP
a 4.800 rpm;
ultra-ecônômico,
carburetor
de duplo corpo
invertido.



ALTEROSA

A revista da família brasileira

Propriedade da

SOC. EDITORA ALTEROSA LTDA.

Av. Afonso Pena, 941 — 4º andar
Fones 2-0652 e 2-4251 — Cx. Postal 279 —
End. Teleg.: "Alterosa" — Belo Horizonte — Minas Gerais — Brasil.

* * *

DIREÇÃO: N. M. Castro e Miranda e Castro, diretores; Justo de Manso Soares, assistente.

REDAÇÃO: Jorge Azevedo, secretário; Guido de Almeida e Neusa Batista, assistentes; Afrânio Cardoso; Cristiano Linhares, Delauro Baumgratz, Ernesto Rosa Neto, Euclides Marques Andrade, Garry C. Myers, Gibson Lessa, Gilberto de Alencar, Leonor Telles, Maria Madalena, Maria Lysia e Oscar Mendes.

REVISÃO: Cléa Dalva Moraes Ramos, Maria Dirce do Val e Maria Rizza de Oliveira.

ARTE: Paginação: Eduardo de Paula; desenhos: Adão Pinho, Alvaro Apocalypse, Eduardo de Paula, Euclides L. Santos, J. C. Moura, Jarbas Juarez Antunes e Jerônimo Ribeiro.

REPORTAGEM: Afonso de Souza, André F. de Carvalho, Aristides Roriz, Domingos De Lucca Júnior, Dario Carrera Justo, José Inácio, José Nicolau da Silva, Mauro Santayana, Moacir de Castro Oliveira, Naly Burnier Coelho, Nivaldo Corrêa, Osvaldo Profeta, Pepito Carrera, Ponce de Leon, Roberto Drumond e Wilson Frade.

OFICINAS GRÁFICAS E FOTOGRAVURA: Wilson Manso Pereira, gerente geral; assistentes técnicos: Delvair H. dos Santos, Gustavo Resende Moreno, José Fiuza Filho, João Tibúrcio Pessoa, Juarez Drosghic e Oldemar Almeida.

CORRESPONDENTES: Olga Obry, em Paris; Orlani Cavalcante, em Hollywood; Gastão Fernandes dos Santos, em Roma.

SERVIÇO INTERNACIONAL: Camera Press, King Features Syndicate, Odhan Press, Opera Mundi, Reuter, Transworld e United Overseas Press.

PUBLICIDADE

BELO HORIZONTE: Oscar de Oliveira, chefe; Geraldo Alves de Queiroz e Moacir de Castro Oliveira, assistentes.

RIO: Ulisses de Castro Filho — Rua da Matriz, 108 — conj. 503 — Fone 26-1881.

SÃO PAULO: Newton Feitoza — Rua Boa Vista, 245 — 3º andar — Fone 33-1432.

ASSINATURAS:

2 anos (48 números) Cr\$ 600,00
1 ano (24 números) 320,00
1 semestre (12 números) 170,00

Esses preços valem para todo o continente americano, Portugal e Espanha. Para outros países: US\$ 5,00, para 2 anos; US\$ 3,00, para 1 ano; US\$ 2,00, para um semestre.

VENDA AVULSA

Em todo o Brasil Cr\$ 15,00
Portugal e colônias Esc. 5,00
Número atrasado 20,00

* * *

A redação não devolve originais de fotografias ou colaborações não solicitados.

* * *

Os conceitos emitidos em artigos assinados não são de responsabilidade da direção da Revista.

LEITOR AMIGO

A O inaugurarmos este cantinho para a nossa conversa quinzenal, desejamos levar-lhe a expressão do nosso contentamento pelas comemorações do Natal, formulando votos para que a doutrina pregada pelo meigo Nazareno encontre, em cada um de nós, fiel seguidor, a fim de que a humanidade se liberte, afinal, dos males que a afligem.

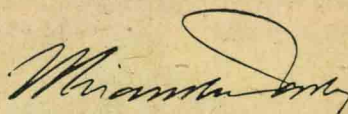
Neste número, leitor amigo, podemos oferecer-lhe três excelentes trabalhos de ficção consagrados a temas natalinos — **Chico Ventura**, **O Natal do Usurário** e **O Bôlo de Natal** — além de outros assuntos relativos à grande data universal.

Chamamos, também, sua atenção para a vida efêmera de Mario Lanza, vitimado pelos prazeres da mesa, num doloroso drama ainda pouco conhecido no Brasil.

Denise Guimarães Prado, Miss Minas Gerais e Rainha Continental do Café, também está presente nesta edição, assim como algumas das debutantes na alta sociedade belo-horizontina.

Neil R. da Silva conta, na reportagem **De Dentista Frustrado ao Alferes Tiradentes**, a estória do sucesso da editora responsável pela versão brasileira do maior best-seller do ano: «O Doutor Jivago». E o leitor poderá conhecer o que significou esse famoso romance de Boris Pasternak, lendo também **O Livro Que Abalou o Kremlin**.

Finalmente, convidamo-lo a recordar o mais emocionante processo da história moderna lendo Oscar Mendes em **O Processo Dreyfus**, e a conhecer **O Novo Inquérito Sobre o Meteoro Siberiano**.



SUMÁRIO

CAPA

ELEONORA ROSSI DRAGO, um dos autênticos valores do cinema italiano, numa foto de Luxardo, especial para esta Revista.

CONTOS E NOVELAS

Chico Ventura	30
O Natal do Usurário	42
O Bôlo de Natal	52
E Ela Disse: "Talvez..." ..	82

VAMOS EMBORA PRA BRASÍLIA?



Maria Lysia

NÃO montaremos em burro brabo, nem subiremos no pau de sebo, talvez um pouco de ginástica e andar de bicicleta. Sim, porque tudo plano, não dando aquelas canseiras de subidas de Belo Horizonte e Ouro Preto. Banhos de mar não haverá, que pena! Nada de mães-d'água para contar histórias em que não acreditamos mais. Não sei ainda como lá é a existência, se é aventura de tal modo inconsequente que uma falsa demente é contraparente de parentes que nunca tivemos. Enfim, isso é brincar, que não sei mesmo como é Brasília. Sei de ouvir falar, às vezes uma fotografia, cinema, mais nada. Dizem os que já a viram que os que lá não foram não podem nem de longe imaginar a magnificência, o esplendor, enfim, a última palavra em arquitetura moderna, em beleza, em tudo. Também nada sei de finanças — a não ser as minhas que sei parcas — como é essa engrenagem financeira, se é nisso que enterram a pátria amada, sei apenas que Brasília tem qualquer coisa de Pasárgada, onde somos amigos de reis, telefones em quantidade, alcalóides à vontade,

tudo fácil, fácil, outra civilização. Só não quero burros brabos, nem paus de sebo que já vimos escorregando por aqui, nem mães-d'água contando histórias impossíveis. Banhos de mar, que pena, isto é mais triste. Absurdo Brasília ou Pasárgada sem aquela amplidão de espumas fazendo a gente criança. E isso é tão necessário... O importante é que ela esteja lá, crescendo dia a dia e nós, de longe, observando êsse crescer. Ruas, avenidas, jardins, escolas, hospitais, casas, tudo maravilhosamente novo nos dando alma nova, vontade mesmo de que ela cresça cada vez mais, fique enorme, linda, não se pensando em finanças, desvarios de rei, mas apenas em novo, em seiva, entusiasmo. Não sei, mas Brasília me parece qualquer coisa de sonho, maravilhas utópicas, Pasárgada. Para nós, que já tivemos tantas pasárgadas caídas, não será difícil enfrentar mais uma, mas não os outros, os que estão chegando. E' preciso que vejam e acreditem. Que seja uma verdade êsse cantar à Brasília. Que essa coisa enorme seja mesmo aquela Pasárgada que em vão buscamos.

ARTIGOS E REPORTAGENS

Academia Maxim's	18
Os Cartões de Natal	22
Geração Sem "Blue-Jeans" ..	34
O Livro Que Abalou o Kremlin	46
O Meteoro Siberiano	60
Supermercado de Moscou	76
Denise	78
Emigração, Problema Moderno	92

De "Dentista Frustrado" ao

Alferes Tiradentes	94
História Sem "Happy-End" ..	98

SEÇÕES PERMANENTES

Cartas	4
A Voz do Brasil	6
Páginas Escolhidas	8
Picadeiro	10
Aquarela	14
Teleguiados	17
Quitandinha	26

Crianças	28
Humor (Coq)	41
História	56
Fuga	59
Esparsos	64
Bazar Feminino — A partir da	66
Concurso de Contos	85
Palavras Cruzadas	91
Caixa de Segredos	97
Panorama	100
Livros e Letras	106
Cinema — A partir da	108

SUPERCOR

ESTA REVISTA É
IMPRESSA COM
AS NOSSAS TINTAS

Rua Viúva Cláudio, 247-260
End. Tel. «Tinsuper» — Tele-
fone 49-3800 - Rio de Janeiro

DR. JOSÉ CHIABI

Clínica e cirurgia de
Ouvindo, Nariz e Garganta

☆

Edif. Banco Crédito Real —
13º pav. — Sala 1302 — Rua
Espírito Santo, 495 — Telefo-
ne : 4-4040

*Considerado em relação à tiragem
e à classe de leitores, o anúncio em
ALTEROSA é dos mais baratos da
grande imprensa periódica bra-
sileira.*

CLÍNICA HOMEOPÁTICA

Dr. J. Schembri

Adultos e Crianças

Av. Afonso Pena, 526 — Edifício
Mariana, 8º andar — Das 15 às 18
horas — Fone 4-1791 — Residên-
cia : 4-5965.

Nenhum Sectarismo Religioso

DESDE muitos anos, venho lendo essa interessante Revista com a maior assiduidade, porque nela encontro um pouco daquele decantado espírito de equilíbrio, ponderação e sensatez, que caracteriza a gente destas montanhas. Distingo, sobretudo, o louvável respeito que essa Redação dispensa aos sentimentos religiosos da coletividade brasileira — seja quais forem esses sentimentos — revelando alto

grau de compreensão e tolerância cristãs.

Não me filio à Igreja Presbiteriana, mas nem por isso posso deixar de levar-lhes meu aplauso pela reportagem que acabo de ler na edição desta quinzena (nº 315), na qual se pode sentir que ALTEROSA reflete, admiravelmente, o espírito arejado e esclarecido de seus diretores e redatores.

C. V. NOGUEIRA —
BELO HORIZONTE

«Condomínio : Negócio Perigoso»

COM relação às firmas inidôneas, não citadas por essa Revista em sua oportuna reportagem «Condomínio : Negócio Perigoso», penso que houve um lapso lamentável, pois o público deve conhecer os que ameaçam sua economia com os métodos de que fui vítima.

O nome dos ladrões deve ser

escrito sempre, em letras bem grandes, para que não venham a «embrulhar» as pessoas de boa fé. Toda propaganda feita contra esses tubarões dos negócios imobiliários ainda será pouca, já que não conhecem limites em sua disposição de lesar o público incauto.

WANDERLEY JOSE DE ALCÂN-
TARA — BELO HORIZONTE

• Apuramos que a firma apontada pelo leitor não merece a classificação que lhe foi dada. Por isso mesmo, omitimos o trecho de sua carta, no qual envolve o nome de uma organização que, embora com falhas decorrentes de dificuldades financeiras, está procurando atender aos compromissos assumidos. Nossa reportagem conhece perfeitamente o assunto, que foi objeto de ampla e recente investigação, mas não temos nenhum interesse em agravar a situação daqueles que procedem com boas intenções. Em nosso trabalho, tivemos um só objetivo : alertar o público, orientando-o no sentido de evitar prejuízos e decepções. Nada mais.

«Quatro Letras (Amor) Não Bastam»

APRECIEI bastante a reportagem de Roberto Drumond (Quatro Letras — Amor — não bastam para casamento). É um trabalho que diz bem das dificuldades que enfrentamos nestes dias, para a constituição de um lar e para proporcionar uma vida decente à família. O repórter, porém, esqueceu-se de um detalhe importante : explicar porque tudo sobe de preço tão rapidamente, tornando o nosso dinheiro cada vez mais desprezível, mais insignificante.

Agora que estamos iniciando no-

va campanha eleitoral, nunca é demais esclarecer o povo : — lembrai-vos da inflação galopante, que reduz cada vez mais o valor do dinheiro e faz do brasileiro povo cada vez mais pobre e sofrido !

Se continuarmos votando mal, dentro em pouco o dinheiro será insuficiente não só para casamento, mas até mesmo para o teto, a roupa e a própria alimentação.

JOSUE MARTINS PEDREIRA —
BELO HORIZONTE

A Sucessão, no Estado e no País

NÃO sou homem de partido, pois sempre votei pelo critério da seleção de valores, estejam em que legendas estiverem. Os partidários não prestam para nada, mas há homens, aqui ou ali, que ainda podem inspirar confiança ao eleitor.

Creio que o marechal Lott é um grande brasileiro, um homem de honestidade inatacável. Mas votarei em Jânio Quadros, porque este não tem compromissos com a «malta de ladrões» (vide declarações do deputado pessedista Último de Carvalho) que infesta os quadros da situação atual. E acresce que Jânio é, também, um homem que tem o culto da honestidade, como o demonstrou no governo paulista.

No pleito estadual, penso que nenhum candidato poderá ser melhor do que Magalhães Pinto, um homem de bem e de ação, capaz de pôr em ordem as anarquizadas finanças do Estado. O momento é dos grandes economistas e dos financistas de visão. Já passou a era dos politiquinhos de tricas e futricas, que nos levaram a essa triste situação de insolvência em que nos encontramos.

GERALDO LARA GOULART —
GOV. VALADARES — MG

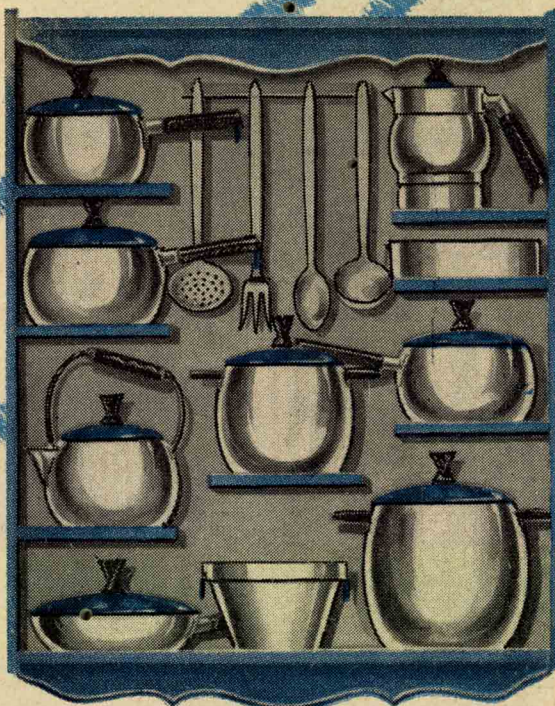
É BOBAGEM querer contrariar o povo. O povo quer Jânio, e acabou-se. Em Minas, qualquer candidato da oposição já venceu, quanto mais que esse candidato é um homem da estatura moral de um Magalhães Pinto! Mas não tenham dúvidas: o governador Bias Fortes já se encarregou de tornar vitorioso qualquer um político lançado pela oposição, de modo que o jeito é o Sr. Magalhães Pinto começar, desde já, a traçar o seu plano de governo e começar a escolher os homens que vão compor a sua administração. Vai ser «barbada!»

NELSON E. DO CARMO —
JUIZ DO FORA — MG

QUEM se certificar da verdade sobre o que foi a administração de Jânio à frente da Prefeitura e do Estado de São Paulo e quiser dar um rumo patriótico e certo à sucessão presidencial, há de querer um homem de fibra como o marechal Lott, que tem dado exemplos disso.

MANOEL DE SOUZA NETO —
LAVRAS — MG

O presente ideal para uma dona de casa!



Cativantes em todos os sentidos, fazendo exultar de satisfação quem as recebe, eis no que consistem as

COMPOSIÇÕES

FULGOR
Luxo
SOLDA ELETRÔNICA

As peças que as integram, de notável beleza de linhas, são de puro alumínio polido, tendo os cabos e azas de baquelite preto-ébano firmemente fixados a solda eletrônica, tampas anodizadas em azul metálico.

Composições de
14, 7, 5, 4 e 3
peças.



ALUMINIO FULGOR S.A.
CAIXA POSTAL 4238 — SÃO PAULO

NOVO!

**A última
palavra em
desinfetante**



- a) Na lavagem das mãos
- b) na desinfecção dos ambientes
- c) Nas instalações sanitárias
- d) Como desodorante
- e) Na higiene íntima da mulher

Por suas propriedades desinfetantes radiofórmio atua sobre o maior número de agentes patogênicos.

Radiofórmio é sinônimo de segurança.

VIDROS DE 2
TAMANHOS

LABORATÓRIO

WERSAN LTDA.

RUA UBÁ, 480 — FONE
4-5103
BELO HORIZONTE

**A VOZ
DO BRASIL**

• Segundo «Mundo Ilustrado», alguns críticos de arte reunidos em Brasília, teceram severas restrições à arquitetura de Oscar Niemeyer. Assim se expressou Charlotte Perriand, francesa, com relação aos apartamentos dos Institutos de Previdência: «A planta é ruim, a arquitetura é ruim, a construção é ruim». Isto porque, ao lado dos edifícios públicos, exageradamente luxuosos e monumentais, o que ali se constrói para o pobre funcionário carece de ar, luz e comodidade.

VOZ DE DIAMANTINA — MG

• Daqui a 70 anos: — Governador, quando serão concluídas as obras da rodovia Uberaba—Delta?

— O meu governo tem todo o empenho em solucionar este problema. E os senhores poderão trocar o meu nome, se ele não fôr resolvido em minha administração. Os últimos noventa centímetros que restam para ser asfaltados serão atacados em quatro etapas.

Dr. Sombriinha
CORREIO CATÓLICO — UBERABA — MG

• O médico proibiu Mário de Andrade de fumar: — Se você largar o cigarro, ainda poderá ter uns vinte anos de vida — assegurou.

E Mário, desalentado: — De que me adianta viver mais vinte anos sem fumar?

A partir de então — contou-me um dia — trancava-se no banheiro para acender um cigarrinho, escondendo-se de si mesmo.

Fernando Sabino
MANCHETE — DF

• Longe de mim dizer que os deputados são regularmente pagos. Como nós outros, eles também têm os seus problemas. Mas, se o povo está vivendo um drama tremendo, a miséria campeando aqui e ali, coisa que ninguém pode esconder, eles devem, por um princípio de solidariedade humana, compartilhar desse sofrimento, fazendo como Cristo, dando um exemplo sublime de renúncia e sacrifício, despertando confiança nessa gente que vive dias amargurados, na ânsia de encontrar, neste brusco e violento dilúvio de preços, uma arca salvadora.

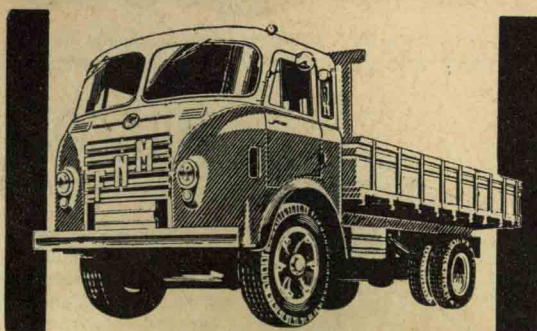
J. C. Vaz de Melo
JORNAL DO POVO — PONTE NOVA — MG

• O diretor da Carteira de Penhores da Caixa Econômica Federal no Distrito Federal, alarmado com os objetos levados a penhor pelos chefes de família de classe média (óculos, liquidificadores, despertadores, panelas de pressão, etc.) considera o fato como «a radiografia mais eloquente de que a fome já ronda uma grande maioria dos lares brasileiros».

O DIÁRIO — BELO HORIZONTE — MG

• A televisão mata, dizem os telegramas, mas mata somente canários e outras aves, com o assóvio ultra-sônico que emite. Gente só morre com os programas propriamente ditos, morte cerebral, derivada da subnutrição cultural.

Millôr Fernandes
DIÁRIO DA NOITE — DF



caminhões

FNM

2ª Série
1960

PEÇAS E ACCESSÓRIOS

Entrega imediata
Facilidades de pagamento

Informações e vendas

ALFAMOTOR LTDA.

Rua Rio Grande do Sul, 172 — Fone 4-6160
BELO HORIZONTE

• A existência de Listas Telefônicas Brasileiras é uma história de fraudes e de crimes. Os representantes da organização, para conseguirem um contrato de publicidade, já chegaram ao cúmulo de se fazerem passar por mecânicos da CTB. Carregavam uma pasta, fios e chaves de parafuso, faziam uma vistoria nos aparelhos e conseguiam a assinatura do proprietário numa folha em branco. Muitas firmas foram lesadas por esse expediente.

BINÔMIO — BELO HORIZONTE

• Incontestavelmente vivemos num país onde a carne é forte. Movimenta presidentes, derruba generais, abala os alicerces da nacionalidade e, quase que sozinho, faz perigar o regime e a ordem constitucional. De onde se comprova que a Bíblia, quando alertava sobre a fragilidade da carne, não previa a existência do Brasil.

Odin de Andrade

DIÁRIO DE MINAS — BELO HORIZONTE

• Juracy Magalhães disse que há uma crise militar, agravada pela presença do Sr. Jânio Quadros entre os candidatos à Presidência da República. De fato, os três candidatos principais são militares: o marechal Teixeira Lott, o general Juracy Magalhães e o cabo Jânio Quadros (cabo de vassoura).

Jair Silva

ESTADO DE MINAS — BELO HORIZONTE

• «Apavorado» é um termo que vem, já de algum tempo para cá, sendo usado com muita frequência. Em verdade, acabou mesmo o bom tempo da tranquilidade e todo o mundo vive hoje «apavorado». Vive-se o século das evoluções fabulosas. Há uma corrida louca e vertiginosa para chegar-se não sei aonde e não sei a quê.

Théo de Paula

MUNICÍPIO DE PITANGUI — MG

• Lott, o ingênuo, afirma que o País está em clima de paz e tranquilidade. Em paz está o Marechal (do pijama e das medalhas falsas), está o Exército, estão os cavalos do Exército, que têm o povo para sustentá-los com milhões. O povo está inseguro, intranquilo. E indócil também.

TRIBUNA DE FORMIGA — FORMIGA — MG

• Já descobriram por que a carne argentina está custando tanto a chegar. O contrabando de gado brasileiro necessário para o abate ainda não passou todo para o lado de lá.

Dr. Sombrinha

CORREIO CATÓLICO — UBERABA — MG

• Nesse caso do Cacareco, é lamentável, não há dúvida, que tão elevado número de eleitores, inspirados pela ignorância e falta de patriotismo, tenha tido tão infeliz procedimento, pois, acreditamos que somente um animal, poderia votar noutro animal.

Gaspar Camargo

O ATIBAENSE — ATIBAIA — SP

• Já se disse — com muita exatidão a nosso ver — que no Brasil existem duas classes sociais, apenas duas: o povo e traidores do povo. A primeira é constituída pela massa sofredora e abandonada; a segunda, pelas chamadas elites, que traíram a sua missão e o seu mandato.

AÇÃO DEMOCRÁTICA — DF



Um liquidificador diferente de tudo que V. conhece!

NOVO ARNO

Nova concepção estrutural — da tampa até a base!

Novo jarro — liquidificação mais rápida!

Nova base — mais prática... mais estável, maior aproveitamento da força do motor!

Nova alça — inquebrável!

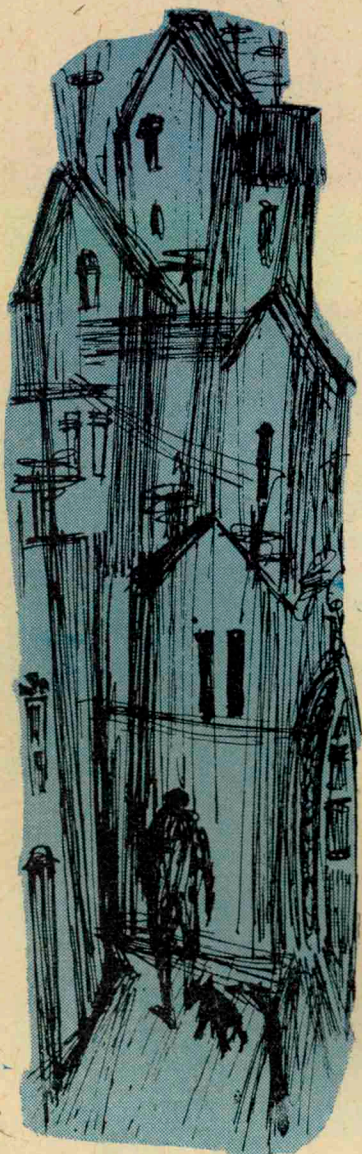


— A MARCA DIZ TUDO!

Aventura do Cotidiano

FERNANDO SABINO

Transcrita de "Manchete"



PÁGINAS
ESCOLHIDAS

ERAM onze horas da noite de Sexta-Feira da Paixão e eu caminhava sozinho por uma rua deserta de Ipanema, quando tive a gelada sensação de que alguém me seguia. Voltei-me e não vi ninguém.

Prossegui a caminhada e foi como se a pessoa ou a coisa que me seguia se tivesse detido também, agarrado à minha sombra, e logo se pusesse comigo a caminhar.

Tornei a olhar para trás, e desta vez confirmei a intuição que tivera, descobrindo meu silencioso seguidor. Era um cão.

A poucos passos de mim, sentado sobre as patas junto à parede de uma casa, ele esperava que eu prosseguisse no meu caminho, fitando-me com olhos grandes de cão. Não sei há quanto tempo se esgueirava atrás de mim, e nem se trocaria o rumo de meus passos pelos de outro que com eles cruzasse. O certo é que me seguia como a um novo dono e me olhava toda vez que me detinha, como se buscasse no meu olhar assentimento para a sua ousadia de querer-me. No entanto, era um cão.

Associei a tristeza que pesava no luto da noite com o silêncio daquele bicho a seguir-me, insidioso, para onde eu fosse e tive medo — medo do meu destino empenhado ao destino de um mundo responsável naquele dia pela morte de um Deus ainda não resuscitado. Senti que acompanhava o rumo de meus pés no asfalto o remorso na forma de um cão, e o cansaço de ser homem, bicho miserável, entregue à própria sorte depois de ter assassinado a Deus e Homem Verdadeiro. Era como se aquele cão obstinado à minha cola denunciasse em mim o anátema que pesava na noite sobre a humanidade inteira, pelo crime ainda não resgatado — e meu desamparo de órfão, e a consciência torturada das contradições desta vida, e todo o mistério que do bôjo da noite escorria como sangue derramado, para acompanhar-me os passos configurado em cão. E não passava de um cão.

Um cão humilde e manso, terrível na sua pertinácia de tentar-

me, medonho na sua insistência em incorporar-se ao meu destino — mas não era o demônio, não podia ser o demônio: perseverava apenas em oferecer-me a fidelidade própria dos cães e nada esperava em troca senão correspondência à sua fome de afeição. Uma fome de cão.

Antes seria talvez algum amigo nêle reencarnado e que desta maneira buscava olhar-me de um outro mundo, tendo escolhido os olhos de um cão para transmitir-me a sua mensagem de amor, e justamente a noite em que a morte oferecia ao mundo a salvação pelo amor. E a simples lembrança do amor já me salvava da morte, levando-me à inspiração menos tenebrosa: larguei o pensamento a distrair-se com idéias de metempsicose, pus-me a percorrer mentalmente a lista de amigos mortos, para descobrir o que me poderia estar falando pelo olhar daquele cão. Mas era apenas um cão.

E tanto era um cão que, ao atingir uma esquina, deixou-se ficar para trás, subitamente tenso e cauteloso, ante a presença, do lado oposto da rua, de dois outros cães. Detive-me à distância, para assistir à cena. Os dois outros cães também o haviam descoberto e vinham se aproximando. Ele aguardava, na expectativa, já completamente esquecido de mim. Os três cães agora se cheiravam mutuamente, e se fuçavam sem cerimônia naquela intimidade tensa em que o instinto prevalece e o mais forte impõe tacitamente o seu domínio. Depois me olharam em desafio até que eu me afastasse, e meu breve companheiro se deixou ficar por ali, dominado pela presença dos outros dois, na fatalidade atávica que fazia dele, desde o princípio dos tempos, um cão entre cães.

E agora era eu que, animal, sozinho na noite, tinha de prosseguir sozinho no meu confuso itinerário de homem, sozinho, à espera da Ressurreição do Deus morto e sem merecê-la, e sem rumo certo, e sem ao menos um cão.



MADERAS DE ORIENTE

Harmonia de distinção e beleza

MYRURGIA

LOÇÃO • PÓ DE ARROZ • SABONETE

REGISTRO

• As empresas imobiliárias, assim como todas as firmas que operam com vendas a prestações, não poderão reter mais de 10% (dez por cento) do valor total da venda, em caso de rescisão de contrato. Assim decidiu o Juiz Costa Carvalho, com fundamento na Lei de Usura, em ação ordinária movida contra a Imobiliária Estrela do Sul, de Belo Horizonte.

• Os deputados à Assembleia Legislativa mineira, que tiveram seus subsídios aumentados no ano passado de 36 para 54 mil, querem agora novo aumento, desta vez para 78 mil por mês. A bancada da oposição, assim como alguns elementos dos partidos situacionistas, também se opõem a essa nova sangria nos depauperados cofres públicos mineiros.

• A Academia Mineira de Letras tem novo imortal na pessoa do prof. Artur Versiani Veloso, eleito para a cadeira que foi ocupada pelo saudoso historiador Abílio Barreto.

• Informa o eng.º Mário Mendes, presidente da Comissão de Tombamento dos bens da Cia. Força e Luz de Minas Gerais (grupo "Bond and Share"), que os trabalhos a cargo de sua equipe levarão provavelmente um ano, prometendo facilitar amplo acesso à imprensa no transcurso de suas atividades. Como se sabe, essa concessionária dos serviços de energia elétrica deverá ser encampada, como ocorreu com sua irmã gêmea de Porto Alegre.

• Foi apresentado à Câmara dos Deputados o projeto de autoria do Sr. Euzébio Rocha, criando a "Empresa Nacional de Eletricidade" (ENE) e desapropriando, por utilidade pública, os bens e os direitos das empresas estrangeiras que exploram a indústria de energia elétrica em todo o território nacional.

• Não é só em Belo Horizonte que a "picaretagem" imobiliária continua fazendo vítimas. Uma firma incorporadora de condomínios em Porto Alegre acaba de dar um rombo de mais de 200 milhões, paralisando as obras de 14 grandes edifícios. Seu titular fugiu para Montevideu. Enquanto isto, os responsáveis pela proteção à economia popular continuam omissos.

• O deputado Hernani Maia (PTB) censura acrimosamente os Srs. Tancredo Neves e Ribeiro Pena pela "sem-cerimônia com que abandonam as responsabilidades de suas pastas para viajar, no interior, em busca de votos para a próxima convenção do PSD". Afirmando que "Tancredo e Pena fazem jogo desleal", o ardoroso líder petebista acrescentou: "Por um dever de consciência cívica, preciso acentuar que há pelo menos mais outro candidato ao Governo de Minas, o Sr. Magalhães Pinto, que não tem Secretaria de Estado a seu favor, e só entra no jogo com armas que ele próprio fabricou".

• Vamos filtrar as tendências que dominam as nossas correntes partidárias, através das declarações que escapam de seus líderes. O Sr. Tristão da Cunha, da bancada do PR à Câmara Federal e pai do deputado Aécio Cunha, da bancada perista na Assembleia e genro do Sr. Tancredo Neves, candidato a candidato do PSD: "Eu não sei quando isso vai arrebentar. Mas que arrebenta, arrebenta. Observe-se, pela História do Brasil, que as sucessões, quando há dois candidatos, terminam em movimentos militares. Não acredito que isso deixe de ocorrer agora, com dois candidatos fortes: um de São Paulo, outro dos militares". O Sr. Magalhães Pinto, presidente nacional da UDN, e candidato das oposições mineiras ao Palácio da Liberdade: "Confiamos inteiramente nas classes armadas, que — estamos certos — cumprirão o seu dever, que é o de garantir a ordem".

• O freguês enfrenta o açougueiro, em Belo Horizonte, depois de permanecer das 5 às 7 horas numa longa fila, e consegue ainda um quilo de carne, contendo pelo menos cinquenta por cento de osso e sebo, pela qual lhe foram pedidos 80 cruzeiros. Humildemente, o freguês pergunta ao açougueiro se não lhe poderia fornecer uma carne mais barata, que fosse "de segunda, mesmo". E ouviu essa admirável resposta do magarefe: — Meu amigo, numa época como esta, o boi só tem carne de primeira.

• Segundo informa o Tribunal Superior Eleitoral, o número de eleitores brasileiros, até o último dia de outubro, havia ultrapassado a cifra dos 14 milhões. Com a marcha do alistamento, é de esperar que o nosso eleitorado se aproxime dos 20 milhões, até a data do pleito presidencial, em outubro do ano que vem.

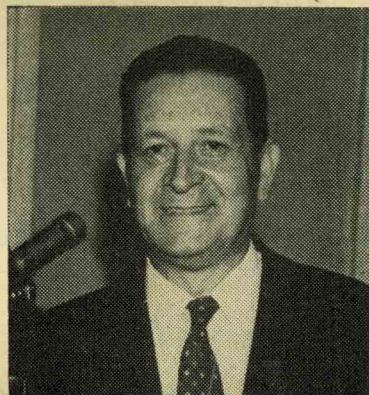
• O Banco da Lavoura acaba de alcançar a casa dos 16 bilhões de depósitos. Sabe-se ainda, de fontes seguras, que o maior banco particular do Brasil está ultimando a encampação de outro estabelecimento de crédito, com o que seus depósitos se elevarão a 20 bilhões de cruzeiros.

• A Usina Intendente Câmara, da Usiminas, em Ipatinga (MG), realizará dentro de algumas semanas, a primeira corrida de concreto, passo avançado na intensificação dos trabalhos de sua usina, cuja construção prossegue em ritmo intenso. A primeira corrida de aço está prevista para princípio de 1962, devendo a produção atingir 500 mil toneladas em 1964, e 2 milhões de toneladas em sua última etapa.

Revelações
Espantosas

A OPINIÃO esclarecida do País, em que pese o alto aprêço que sente pela colaboração do capital estrangeiro no desenvolvimento nacional, não pode ocultar o seu espanto diante das revelações de abusos praticados contra a economia brasileira por algumas organizações comprovadamente inidôneas, como as subsidiárias do grupo «Bond and Share» que exploram a energia elétrica em numerosas capitais e ci-

PETRÓLEO — O Cel. Idálio Sardenberg, presidente da Petrobrás, anunciou, em Belo Horizonte, que as principais metas para o ano que vem consistem na produção de pelo menos 50% do petróleo consumido no Brasil e no aumento do capital de Cr\$ 16 bilhões para Cr\$ 26 bilhões. Disse também que a Petrobrás concentra suas pesquisas no Recôncavo baiano e, em segundo lugar, nos estados nordestinos. Informou ainda que pretendem construir além da refinaria em Minas uma outra em Porto Alegre. Sua declaração mais importante, todavia, foi a de que não considerava o acordo de Roboré como «econômicamente interessante». Na foto, o presidente da Petrobrás, quando falava na Sociedade Mineira de Engenheiros.



dades importantes do Brasil. Ainda agora, quando a Assembléia Legislativa mineira discute, em suas Comissões, a melhor fórmula para encampação da Cia. Fôrça e Luz de Minas Gerais (Bond and Share), o Sr. Arno Schiling, consultor jurídico da Comissão de Energia Elétrica do Rio Grande do Sul, especialmente convidado para esclarecer a nossa Assembléia, vem de fazer revelações que deixaram estarrecidos os mineiros.

Como é do conhecimento público, a capital gaúcha vinha sendo servida, até há pouco, por uma companhia de energia elétrica pertencente ao mesmo grupo (Bond and Share) a que se filia a concessionária da luz e força consumidas pelos belo-horizontinos. Em ato recente do governo sulino, os porto-alegrenses se libertaram do domínio daquele grupo, com a ruidosa encampação da sua filial pelo governo do Estado.

Disse o Sr. Arno Schiling, entre outras coisas, o seguinte:

1 — Os lucros das empresas de eletricidade são tão fabulosos que a encampação não oferece ao Estado nenhum risco. O governo gaúcho reduziu as tarifas que eram cobradas pela concessionária em 10% e ainda assim está auferindo lucros superiores a vinte milhões, por mês.

2 — Uma das dificuldades para a encampação é a falta de um inventário completo dos bens da empresa, os quais — por Lei — deveriam ter sempre em dia a sua escrituração.

3 — Há um autêntico malaba-

rismo contábil, pôsto em prática pela «Bond and Share» em tôdas as empresas a ela ligadas. Nos Estados Unidos, o lucro máximo das empresas de eletricidade está fixado em 5,4%. Para ganhar mais, inflacionam as suas despesas, reduzindo, assim, aparentemente, seus lucros. No passivo de tôdas elas, por exemplo, estão computadas altas somas por pagamentos efetuados à «Ebasco», pela prestação de serviços técnicos. Acontece, porém, que a «Ebasco» não passa de outra subsidiária da «Bond and Share», com o que a remuneração sempre elevadíssima, para serviços de pequena monta — não passa de uma escamoteação contábil, que permite às filiais (operando em diversos países) remeter à matriz (nos Estados Unidos) maior soma de lucros.

4 — No tombamento da Cia. Rio-Grandense de Eletricidade verificou-se que a empresa lançava como despesa até mesmo os juros dos empréstimos obtidos da American Foreign Power — braço sul-americano da «Bond and Share» — os donativos às instituições de caridade, etc., tudo constando como aplicado ao custo de produção e distribuição de energia elétrica.

5 — O excesso de lucro obtido e não confessado pela Cia. Rio-Grandense de Eletricidade (Bond and Share), somente de 1941 a 1957, totalizou 372 milhões de cruzeiros. Dêste modo, mesmo que o Estado tenha de pagar o valor apurado no tombamento, aquela concessionária ainda lhe ficará devendo cerca de 150 milhões.



JÂNIO QUADROS

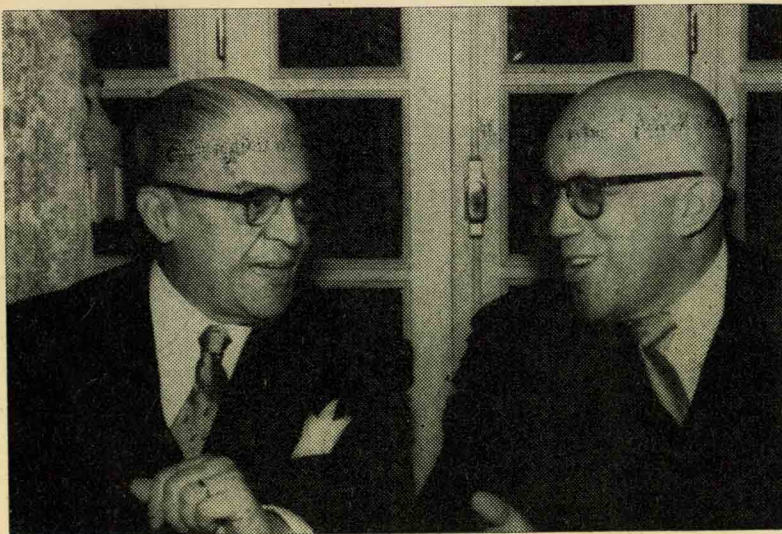
Empolgou tôdas as correntes da oposição no País.

Fortalecida a candidatura Jânio

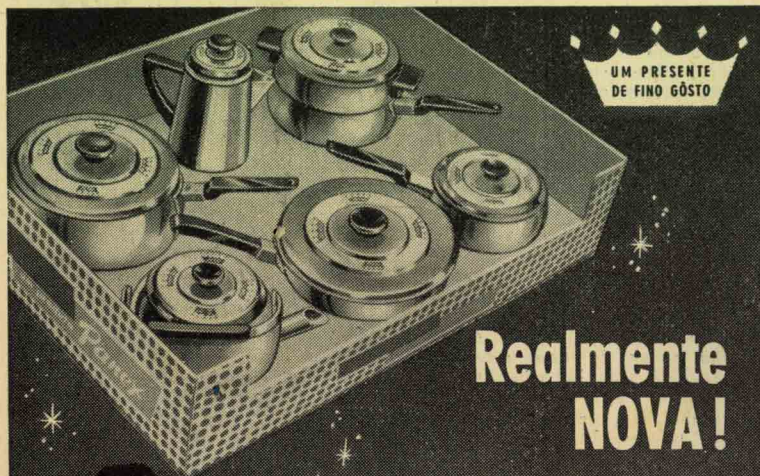
FOI uma decepção para os seus adversários, o êxito da candidatura do ex-governador paulista na convenção nacional da UDN. Cerca de 80% dos convencionais manifestaram sua preferência por Jânio Quadros, confirmando, assim, as afirmações do presidente Magalhães Pinto, quando esclareceu o governador Juraci Magalhães sobre as tendências partidárias. Por outro lado, não houve a desejada cisão do antagonista de Jânio, e dos governadores nordestinos, que aceitaram, democraticamente, o pronunciamento do partido.

Além do PTN, do PDC e do PL, vem agora a UDN engrossar as fileiras janistas, completando o agrupamento total das oposições em torno do nome de Jânio Quadros.

Por outro lado, acentua-se a cisão nas hostes petebistas, com ponderáveis parcelas eleitorais que se voltam também para o candidato das oposições, especialmente depois que a derrota de Jango e Brizola, nas urnas municipais rio-grandenses, veio revelar o enfraquecimento do prestígio do vice-presidente da República em sua própria terra natal. Não só em Porto Alegre, como ainda na maioria das grandes comunas gaúchas, a situação petebista dominante foi derrotada, revelando-se uma evidente insatisfação do eleitorado do PTB contra a orientação personalista que o Sr. João Goulart vem imprimindo à chefia partidária. Os observadores não escondem a expectativa de que o Sr. Jânio Quadros venha ainda a ser apoiado por Fernando Ferrari, Loureiro da Silva e outros líderes do PTB gaúcho, pretendendo-se, ainda, que a esses nomes se venham juntar o senador Lourival Fontes e outras destacadas figuras do trabalhismo no País.



SEGUROS E POLÍTICA — O deputado pessedista Carlos Luz, assim como o presidente nacional da UDN, Sr. Magalhães Pinto, integram a diretoria da Cia. de Seguros Minas-Brasil. Por ocasião de recente Conferência Nacional de Seguros, em Belo Horizonte, os dois próceres se encontraram por várias vezes, como nos mostra a foto, em demoradas e cordialíssimas palestras. Tendo em vista a marcha dos acontecimentos, não será surpresa se o prestigioso líder pessedista da zona da Mata apoiar a candidatura Magalhães Pinto, com o que se levará um substancial reforço à votação do candidato udenista à sucessão do Sr. Bias Fortes.



**Realmente
NOVA!
Realmente
SENSACIONAL!**



Uma nova beleza na cozinha: PANEX LUXO com tampa dourada ou azul, está sempre brilhante. PANEX LUXO é realmente um presente de fino gosto.

Em finos estojos, baterias completas ou peças avulsas.

a nova linha de utensílios

**Panex
Luxo**

com tampa *
dourada
ou azul



* MOD. IND.
PATENTE
1-108285

Panex

- o 1º nome em alumínio!

PICADEIRO



WALDEMAR DINIZ HENRIQUES
Absolvido no inquérito administrativo
realizado pelo DASP.

Sensacionalismo Nocivo

TODOS se lembram, em Belo Horizonte, do que foi a campanha movida pela imprensa diária contra o ex-vereador e ex-presidente da Câmara de Vereadores, Sr. Waldemar Diniz Henriques, então ocupando a presidência da COAP mineira, acusado da prática de graves irregularidades na sua gestão daquele organismo federal. Afastado do cargo pela Comissão de Inquérito enviada pela COFAP, teve o Sr. Waldemar Diniz Henriques o seu nome arrastado na rua da amargura, por longo tempo, como se fôsse o chefe de uma tenebrosa «gang» que se teria estabelecido na COAP para desviar o patrimônio público.

Recentemente, o «Diário Oficial» divulgou o despacho do presidente Juscelino Kubitschek no processo que lhe foi submetido pelo DASP, «considerando o indiciado isento de culpa».

Diante do exposto, é natural que se recorde a necessidade de mais cautela, por parte da imprensa, na divulgação de fatos que possam ferir a dignidade e o conceito de um cidadão, especialmente quando investido de função pública, no exercício da qual, muitas vezes, se vê forçado a contrariar interesses e, por isso mesmo, sujeito a explosões de ódios e decepções mal contidas.

Melhores preços e
maiores vantagens para

o presente mais desejado



Uma assinatura de **ALTEROSA** como presente de **Festas**



Eis o plano:

- Você oferece agora o seu presente, com descontos de até 30,47% sobre o preço de um exemplar;
- As revistas começam a chegar agora mesmo, mas a assinatura só será contabilizada a partir de dezembro;
- Em dezembro, enviaremos à pessoa presenteada um belo cartão de Festas, em cores, anunciando o seu presente.

Eis as vantagens:

- Você não tem mais de se preocupar com o que vai presentear;
- O seu presente «chegará» todas as quinzenas, fazendo o seu nome permanentemente lembrado;
- Você, realmente, não pode adquirir outro presente que agrade tanto, dispendendo tão pouco.



Eis os preços:

2 anos (48 números)	Cr\$ 500,00
(desconto de 30,47% sobre o preço de cada exemplar)	
1 ano (24 números)	Cr\$ 270,00
(desconto de 25% sobre o preço de cada exemplar)	
6 meses (12 números)	Cr\$ 160,00
(desconto de 11,14% sobre o preço de cada exemplar)	

(Esses preços vigoram até 31 de dezembro deste ano).

E se ainda não sabia...

ALTEROSA é uma revista para ver, para ler, para guardar, porque focaliza o pitoresco e o atual, porque se mantém permanentemente em dia com a atualidade, porque é uma utilíssima fonte para consultar, em qualquer tempo.



Alterosa

Uma revista de classe
para pessoas de gosto

À SOC. EDITORA ALTEROSA LTDA.
Caixa Postal 279 — Belo Horizonte — MG

Segue junto a importância de Cr\$
correspondente a assinatura(s) de ALTEROSA,
a ser(em) enviada(s) como Presente(s) de Festas para:

NOME:

ENDEREÇO:

CIDADE: ESTADO:

Ofertante:

Endereço:

Cidade: Estado:



Pianista Laís de Sousa Brasil, que realizará, nesta Capital, sob o patrocínio da Pró-Música, um ciclo de recitais.

TEXTO DE
NALY BURNIER COELHO

PRÓ-MÚSICA

FOTOS DE
NIVALDO CORREA

ANIMADA por ideais bem diferentes dos que vêm orientando nossas agremiações musicais, surge em Belo Horizonte a **Pró-Música**, com o objetivo primordial de levar aqueles que ainda não se identificaram com a música a compreendê-la melhor e sentir-lhe a beleza.

Audições musicais com explicações sobre as peças apresentadas e seus compositores — eis o que nos oferecerá a Pró-Música.

É interessante notar que esta Revista foi o primeiro órgão da Imprensa a registrar o nascimento da Pró-Música, que surgiu entre os que participaram do Iº Seminário de Música desta Capital. Em sua diretoria conta a nova agremiação com um grupo de idealistas, assistidos por abalizados mestres e técnicos no assunto, como os professores Ernst Schurmann, Georg Kuhlmann, Hiran Amarante, Altino Pimenta. Do Conselho Diretor fazem parte Olívio Tavares de Araújo, Rosalie Santos, Elza Franco Rothéia, Antônio Silveira.

O presidente da Pró-Música, Olívio Tavares de Araújo, jovem compositor e jornalista, cujo entusiasmo é contagiante, falou-nos sobre os elevados ideais que norteiam a agremiação:

— «Não basta, para a cultura musical de uma comunidade, a simples audição de concertos. A prova disso aí está, em pequenos grupos que se reúnem, periodicamente, aqui em Belo Horizonte, para trocar idéias, ouvindo a música, como deve ser verdadeiramente apreciada. Não como agradável fundo para palestras ou oportunidade para a exibição do «grand-monde», mas como uma Arte cuja compreensão e cuja apreciação demandam estudos e grande seriedade. A Pró-Música nasceu dessa necessidade: propomo-nos proporcionar a quem se interesse pelo assunto êsses estudos e essa seriedade».

A Pró-Música tem já projetadas, entre suas realizações dêste ano, várias atividades de vulto, tôdas eminentemente educativas. Podemos citar:

1) Curso de «Música Moderna e sua apreciação», pelo conhecido professor Ernst Schurmann, de Belo Horizonte.

2) Audições abordando a música para teclado, de Bach, trabalho de equipe, sob a direção do professor Hiran Amarante, compreendendo análise formal, histórica e estética.

3) Estudo da música antiga até a Renascença, realizado sob a direção do professor

Laís, como solista da orquestra da Sociedade Mineira de Concertos Sinfônicos, interpretando Rachmaninoff.



Maestro Ernst Schurmann, com ilustração do coral «Ars Antiqua» e acompanhamento em instrumentos da época.

4) Realização de um ciclo de audições, abordando o tema «A evolução da Sonata para piano», compreendendo obras desde Scarlatti a Prokoffieff, devidamente analisadas e comentadas histórica e esteticamente. Trabalho a ser realizado pela pianista Laís de Sousa Brasil, do Rio de Janeiro.

Belo e atraente programa, para uma agremiação que apenas inicia suas atividades.

LAÍS DE SOUSA BRASIL

A jovem pianista carioca, cujo nome figura no programa de realizações da Pró-Música, tornou-se conhecida do público de Belo Horizonte em outubro de 1959, quando se apresentou como solista junto à orquestra da Sociedade Mineira de Concertos Sinfônicos de Minas Gerais, sob a regência de Sérgio Magnani. Vibrantes aplausos coroaram sua interpretação de Rachmaninoff (Concerto nº 2, para piano e orquestra). Conhecemo-la, então, encantando-nos sua beleza e inteligência. Laís revelou muito cedo sua vocação para a música: aos 6 anos de idade, ei-la como solista num concerto. Aluna de Guilherme Fontainha, diplomou-se pela Escola Nacional de Música do Rio de Janeiro.

Apesar de sua juventude, vem Laís colecionando prêmios em concursos realizados no Brasil e na Europa, onde estudou com Brunus Seidlhofer, em Viena, e Argeo Andolfi, na Itália. Em 1959, mais uma vitória: classificação no concurso para Livre Docência de piano, na Escola Nacional de Música.

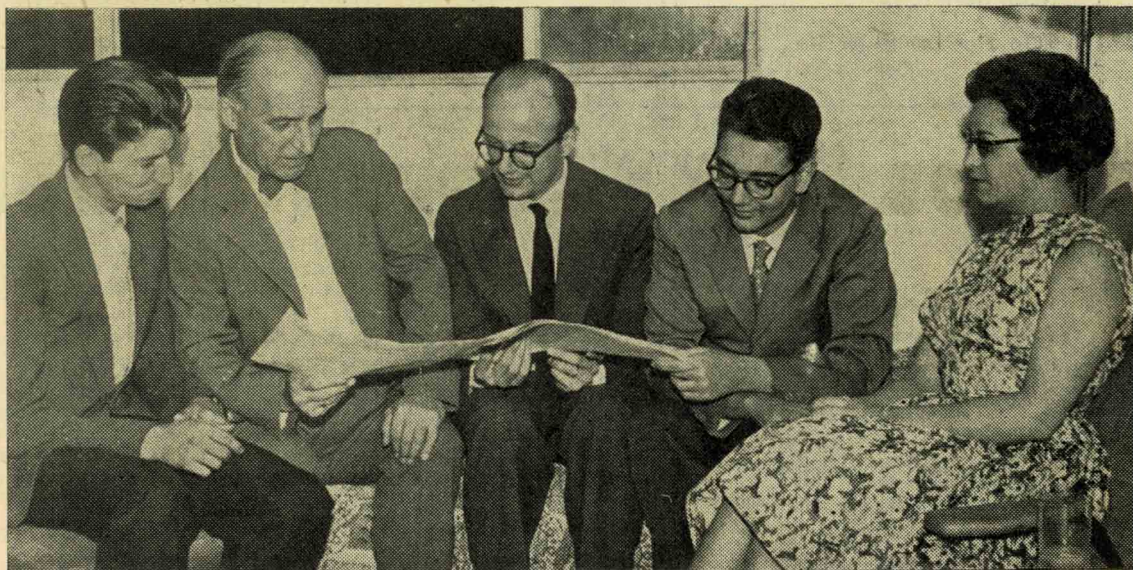
Nossa curiosidade infringiu a Laís uma série de indagações. Ouçamo-la:

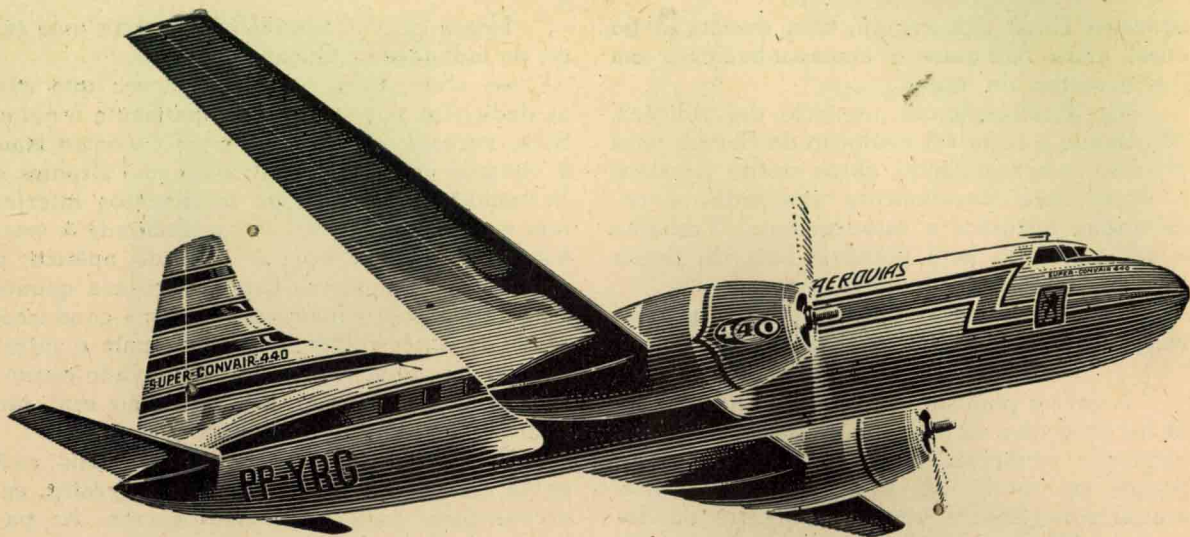
— «Sim, toco em outras horas que não as dedicadas ao estudo, principalmente à noite. Sinto necessidade de tocar e me encontro mais à vontade com os românticos, como Brahms e Schumann. Creio que os sentimentos interferem na Arte; há horas de sensibilidade à mesma. O que não é bom é o estado apático, o «spleen» dos ingleses. Tanto a tristeza quanto a alegria proporcionam emoções que conduzem o artista à sensibilidade e aproximam o intérprete dos sentimentos que teriam levado o compositor a criar. A propósito, nunca me senti tão eufórica quanto no momento presente».

Esse euforismo, explicamo-lo: Laís está noiva do cineasta Geraldo Santos Pereira, em preparativos para o próximo enlace. Às palavras de Laís de Sousa Brasil acrescenta-se a visão de uma jovem figura de beleza loura, olhos azuis; ter-se-á uma imagem da pianista que a Pró-Música nos apresentará, no início de 1960. Outros recitais se sucederão, sempre com o objetivo de fazer compreender a música, organizados pela Pró-Música. Registramos as últimas palavras do presidente da nova agremiação, como uma mensagem ideal de felicidade:

— «O trabalho em equipe levará ainda muito longe os ideais que norteiam a ação da Pró-Música, mostrando que, se, como queria Schumann, «levar luz às profundezas do coração humano é dever do artista», todos aqueles que se sentem já próximos da Arte estarão fazendo por onde enviar, também eles, o seu quinhão de luminosidade aos corações humanos».

Reunião da Pró-Música, vendo-se alguns membros da diretoria: maestro Ernst Schurmann e Georg Kuhlmann, Olívio Tavares de Araújo, presidente da agremiação, Rosalie Santos e o associado Antônio Silveira.





GANHE TEMPO!

Realmente, tal é a suavidade de voo, tão extrema a rapidez, que você tem a impressão de chegar antes do tempo, quando viaja num Super-Convair da Real. Tão seguro quanto veloz, este avião ultra moderno fará de sua próxima viagem na Real um voo inesquecível.

VEJA QUE RAPIDEZ!

Belo Horizonte - Rio 0 h. 55'
 Belo Horizonte - São Paulo ... 1 h. 25'
 Belo Horizonte - Brasília 1 h. 40'
 Belo Horizonte - Salvador 2 h. 45'
 Belo Horizonte - Recife 5 h. 00'

São Paulo - Curitiba 0 h. 50'
 São Paulo - Londrina 1 h. 05'
 São Paulo - Porto Alegre 2 h. 05'
 São Paulo - Montevideu 5 h. 00'
 São Paulo - Buenos Aires 6 h. 30'

Voe nos Super-Convair da Real

Veja quanto conforto!

Cabine pressurizada (a qualquer altitude, você goza a pressão do nível do mar). Grandes e macias poltronas reclináveis. Ar condicionado. Lanches deliciosos... e a famosa cortesia da Real.

Rua Espírito Santo, 647-Ed. Acaiaca
 Av. Afonso Pena, 342-Ed. IAPC - Tel. 4-8200



GIBSON LESSA

AGRIPPINO GRIECO, com aquela arte de desagravar que todos lhe perdoam, tem por hábito dizer que «não vai a casas que não tenham livros: são casas de gente sem caráter». É um desabafo duro, que se engole, porque Grieco afinal tem autoridade para desabafar tão duro. Espremendo seu orçamento de funcionário público, comprando livros, através de quarenta anos, conseguiu **A. G.** construir num pavilhão dos fundos de sua casa de subúrbio, no Méier, a maior biblioteca particular do Brasil: **50 mil volumes!**

Cinqüenta mil livros acotovelados num pavilhão, sem bicho. O pavilhão é à prova de bicho. E a prova é que ninguém, nem ele, o dono, consegue permanecer lá dentro mais de cinco minutos, sob risco de asfixia: é tanta a naftalina e tão forte que o próprio **Agrippino** quando precisa de um livro, estufa o peito, corta a respiração, entra no pavilhão correndo, voa direto à estante, saca o volume e aos pulos foge para casa e deita, passando então a folhear a prêsca com a devida calma.

Agrippino tem também no pavilhão um fichário-roteiro que lhe facilitaria a procura da obra. Mas nunca se utiliza dêle. Quando embarafusta pela câmara de gás, **A. G.** já sabe de cabeça a prateleira onde se encontra qualquer um dos seus cinqüenta mil volumes.

FERNANDEL OU GARY COOPER ?

Quem conhece o «**D. Quixote**», quem já leu o «**D. Quixote**», quem já teve a ventura de se deliciar com as aventuras do patrão de Sancho Pança a desafiar meio mundo em honra de Dulcinéia del Toboso — que responda: quem vai calhar melhor na pele cinematográfica do «Cavaleiro da Triste Figura»? **Gary Cooper**, com quem está sendo rodado na Espanha o filme norte-americano? ou **Fernandel** com quem está sendo, também na Espanha, rodada a versão francesa?

NEM JANIO, NEM LOTT: UM REI! um rei para a República dos Estados Unidos do Brasil! eis a salvação sucessória preconizada pelo **Tenente Nascimento Junior**, da reserva da FAB. Considerando que o trono do Brasil está vago desde 1889, quando da abdicação forçada de D. Pedro II, aconselha o tenente que se entregue a coroa ao herdeiro legítimo do nosso último monarca, o príncipe D. João de Orleans e Bragança, morador em Petrópolis. Recorda que a Imperatriz Teresa Cristina e o Imperador Pedro II morreram pobres, a imperatriz no modesto quarto de um hotel português, e o imperador num igualmente modesto quarto de hotel de Paris. Baseado em tais antecedentes, aconselha o Tenente que o Tribunal Superior Eleitoral, nas próximas eleições, mande distribuir também uma cédula com os seguintes dizeres: «**Desejais o Príncipe D. João de Orleans e Bragança como Rei da República dos Estados Unidos do Brasil?**»

O CRONISTA (JUAREZISTA) FERNANDO SABINO, rendendo-se ao milagre de **Brasília**: «Confir-mou-se minha desconfiança, trata-se mesmo da mais extraordinária aventura de nossa História. Ou sairemos dela arrasados, ou o Brasil terá dado o maior passo, desde que foi descoberto, para seu engrandecimento como Nação. Brasília é obra de gênio. Não interessa mais discutir se devia ou não ser feita: está feita. Agora é sair do atoleiro. Não adianta chorar. Temos pela frente uma realidade chamada Brasília. Ou fazemos dela um monumento ou a nossa sepultura».

E o mesmo **Sabino**, voltando à carga, numa outra crônica, no dia seguinte:

«Se o Brasil agüentar Brasília, estamos salvos — ou, como disse um índio para o outro ao ver aproximar-se a frota de Cabral: estamos descobertos. Tudo considerado, inscrevo-me pois entre os que são a favor de Brasília, mas não nesse ritmo: acho que teria de ser ainda mais depressa».

ARGUMENTO

Gustavo Corção confessando porque não aceitou o convite de Israel Pinheiro para ver **Brasília** de perto e deixar de escrever tolices sobre o presente e o futuro da nova capital:

— Não aceitei porque só se pode ir à Brasília de avião. E eu não gosto de avião.

BEIGA DE VEDETE

Que é uma briga de vedete? Acabo de aprender, folheando o último número de uma das três maiores revistas do Brasil: «Briga de vedete é uma fofoca sofisticada diante da qual o cidadão mais lalau dêste mundo fica imparcial a favor da briga e contra o deixa-disso».

Vou repetir, porque não é a toda hora que se pode ter o privilégio vernáculo de deparar numa revista com uma delícia dessas: **Briga de vedete é uma fofoca sofisticada diante da qual o cidadão mais lalau dêste mundo fica imparcial a favor da briga e contra o deixa-disso...**

Morou?

TV

— A Televisão é uma descoberta extraordinária, diz o ator teatral austriaco **Walter Slezak**. E explica porque: «No teatro é preciso permanecer no cartaz anos a fio para que o público enjoe da nossa cara. Graças à televisão, porém, a gente consegue enjoar o público numa semana apenas».

A ÚNICA INDEPENDÊNCIA VERDADEIRA

O poeta **C. D. A.** rememorando um encontro com o recém-falecido general **Flôres da Cunha**, na Câmara dos Deputados: «perguntei ao general porque não redigia as suas Memórias e ele respondeu-me:

— Por falta de tempo. De tempo e de independência econômica, que, como dizia Pedro Lessa, é a única independência verdadeira».



Na solenidade de encerramento do primeiro Curso da «Academia Maxim's», o presidente da banca examinadora, Conde André de Vilmorin, faz uma pequena palestra antes de entregar os diplomas.

Academia Maxim's

Perfeitas donas de
casa diplomadas pelo restaurante
mais famoso do mundo.

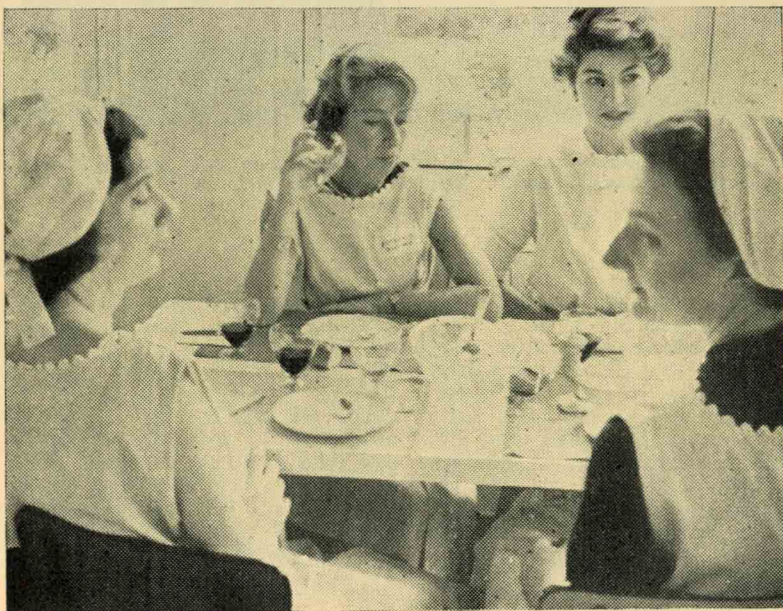
OLGA OBRY, Paris

A monitora Mademoiselle Véronique de Montesquiou, dando palpite à aluna argentina, «señorita» Attucha.

PARIS (VIA PANAIR) — Até agora existem no mundo apenas cinco donas de casa absolutamente perfeitas, isto é, diplomadas pela única Academia, onde, vencendo às provas finais de um curso de cinco semanas, pode ser adquirido esse muito cobiçado «Diploma de Excelência»: a Academia Maxim's, em Paris. A matrícula, aliás, não é de graça: para as alunas americanas 1050 dólares, para as europeias 300.000 francos (ou seja, mais ou menos, cem contos de réis), tudo incluído: morada numa casa de família da alta sociedade francesa, com todo o conforto, inclusive café pela manhã, almoço preparado durante as aulas pelas próprias alunas, aulas, visitas a museus, oficinas, lojas, excursões com guia em ônibus particular da Academia, conferências, etc., etc.

Quem achar caro, sem dúvida, ignora o que é «Maxim's». Mas, será que existe, pelo mundo a fora, a não ser entre os povos primitivos da selva virgem, alguém que ignore este nome prestigioso? Conforme o «slogan» publicitário da famosa casa da Rue Royale, a dois passos da Place de la Concorde: «Desde há 60 anos, Maxim's é Paris».

A época mais gloriosa de Maxim's foi lá por volta de 1900, quando ainda havia bastante reis no mundo para fornecer uma clientela de escol ao restaurante da Rua Real. Reis, príncipes, grão-duques, saboreavam, naquele tem-



As alunas Frances Heard, Jean Semon e Dana Robertson almoçando na cozinha-sala de aulas com a monitora Sabine Taillandier.

ACADEMIA MAXIM'S



A ciência do «bem beber» está a cargo do Diretor-proprietário do famoso restaurante Maxim's, Monsieur Vaudable, um dos maiores conhecedores do assunto.

po, hoje chamado «la belle époque», as iguarias finas e o delicioso champanha nos salões dourados de Maxim's, em companhia de criaturas encantadoras e elegantíssimas, porém raramente pertencentes a famílias de alta nobreza. Naquele tempo, não era costume as senhoras da alta sociedade freqüentarem os restaurantes de luxo. Eram as célebres beldades do «demi-monde» que ali brilhavam, cobertas de jóias e

peles preciosas: «La Dame de Chez Maxim's», hilariante comédia de Feydeau, narrava suas incríveis aventuras, nas altas rodas e, na «Viúva Alegre», de Lehar, o conde Danilo cantava a famosa arieta das «Damas de Maxim's» que todo o mundo sabia de cor.

Após a primeira guerra mundial, Maxim's conheceu ainda um período de prosperidade, até a crise econômica mundial, quando sua situação se tornou periclitando.

te. 1930 foi um ano crucial: muita gente achava que Maxim's estava acabado. Outros, porém, opinavam que o eclipse não podia ser senão passageiro e que o nome lendário de Maxim's não devia ser riscado do mapa de Paris, como uma das curiosidades, dos pontos de atração turística, ao lado da Torre Eiffel, do Arco do Triunfo e de outros tantos que nenhum forasteiro deixa de ver, mesmo durante uma breve estada nas margens do Sena. Sob os cuidados de um deles, o Sr. Louis Vaudable, que não hesitou em adquirir a maioria das ações da empresa, na hora em que os pessimistas as vendiam a preços irrisórios, Maxim's renasceu tal um Fênix das cinzas.

Para conseguir a façanha, Monsieur Vaudable contratou um dos mais famosos mordomos de Paris, da França e do mundo, o «maitre d'hôtel» Albert, que, aliás, acaba de falecer septuagenário, rodeado da estima e consideração de todos os parisienses: chamavam-no pelo primeiro nome, Albert, tal como pelo primeiro nome se costuma chamar Elisabeth, a rainha da Inglaterra, ou Baudouin, o rei da Bélgica, pois Albert era um rei no seu campo e toda Paris lhe fez exéquias realmente reais. Albert tratava quase em pé de igualdade, embora com o devido respeito, os reis em exílio, agora mais numerosos do que os monarcas reinantes, porém ainda bastante endinheirados para continuarem fregueses do Maxim's na sua nova fase.

Também à segunda guerra mundial, Maxim's conseguiu sobreviver como ponto de encontro dos nomes mais ilustres dos quatro cantos do mundo. Os tempos mudaram. O Duque de Windsor jantava no Maxim's em companhia da duquesa, o Aga Khan na companhia da Begum, Magnatas da indústria, estrelas do palco, incluíam um jantar no Maxim's no programa de suas férias em Paris. A cada um, Albert sabia dar a sensação de que para ele estava reservada a melhor mesa, o prato mais gostoso. Entre os empregados da casa, ele criou uma disciplina de ferro, tudo devia ser impecável, desde a arrumação dos talheres e copos até o último pormenor na copa e na cozinha. O dono de Maxim's, Sr. Vaudable e sua senhora procuravam dar à casa um cunho cada vez mais fidalgo e distinto. Bailes de debutantes da alta sociedade eram organizados no Maxim's, as mais renomadas donas de casa de Paris vinham, uma vez por semana, nas



A arte de arrumar a mesa é comentada durante uma visita à loja da famosa fábrica de cristais Baccarat.

têrças-feiras, executar sua receita preferida, convidando seus amigos a saboreá-la, e as receitas entravam no repertório de Maxim's com o nome da autora.

Assim foi que um dia surgiu a idéia de fundar uma Academia para ensinar às moças e senhoras francesas e estrangeiras, aquela tradição do «bem viver», tão tipicamente parisiense, de que o nome Maxim's se tornara um símbolo. As principais matérias de ensino

são: a arte da mesa, com os grandes segredos da cozinha e dos vinhos franceses; a arte de receber em casa, com todos os requintes da hospitalidade elegante; a arte de ver. Entre os professores, o próprio Senhor Vaudable ensina a «ciência dos vinhos» que são, diz ele, não somente um complemento indispensável para uma boa refeição e sim «produtos da cultura e civilização que uma perfeita dona de casa deve sa-

ber escolher, apreciar, combinar com a natureza, o estilo, o ambiente de uma recepção». Uma excursão a Reims, pátria do champanha, completa conferências e aulas práticas.

A condessa «Mapie» de Toulouse-Lautrec (aliás, esposa de um sobrinho do grande pintor Toulouse-Lautrec) leciona nas ultramodernas cozinhas da Sociedade do Gás de França, instaladas es-

(Continua na pag. 72)



O primeiro cartão de Natal, desenhado por John Calcott Horsley para Sir Henry Cole, em 1843. Somente 1.000 exemplares deste cartão foram produzidos; o espécime reproduzido aqui foi realmente enviado por Horsley a alguns amigos não identificados. O artista desenhou uma paleta e pincéis, em baixo, à direita, em vez de assinar o cartão. Várias outras cópias do cartão que ainda existem foram também enviadas por Horsley e não pelo homem para quem o cartão foi especialmente produzido.

Fotos de R. S. Martin
(Camera Press)

Na década de 1880 muitos cartões foram produzidos na Inglaterra, representando soldados e as suas namoradas. Este, intitulado «De Volta ao Lar», foi desenhado por Arthur C. Payne. Houve dois Paynes que se especializaram neste tipo de cartão nesse tempo; o outro era Harry Payne.



Por volta de 1875, havia grande procura de cartões engenhosos. Este cartão, mostrando uma família festejando com amigos, dava um efeito tri-dimensional um tanto parecido com o causado pelos teatros de brinquedo da mesma época. Quando puxadas, as figuras pareciam extremamente realistas e os ornatos em torno aumentavam o efeito teatral. Este cartão foi produzido em todas as cores.

Uma idéia que
dá prazer a milhões
e tem apenas cem anos.

A HISTÓRIA DOS CARTÕES DE NATAL

TODO ANO, milhões e milhões de cartões de Natal são enviados e recebidos no mundo inteiro. Hoje

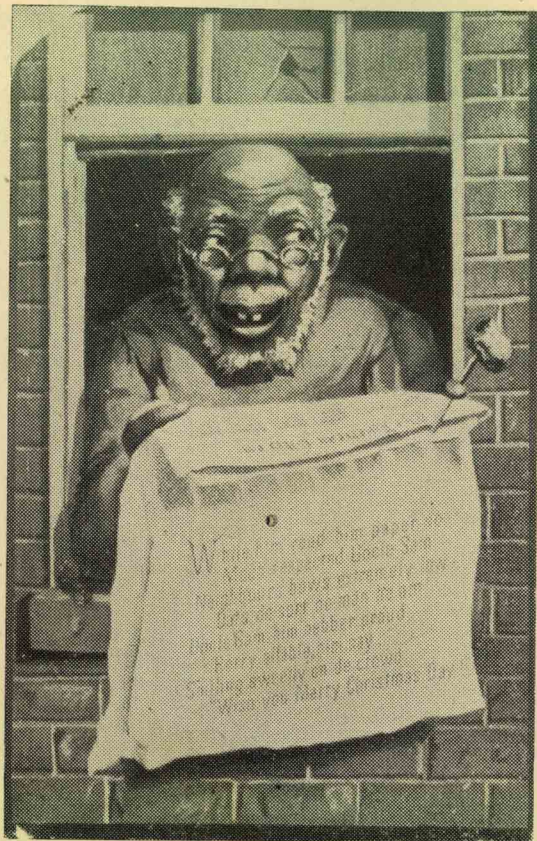
em dia, estamos tão acostumados com eles que nunca nos damos ao trabalho de imaginar como foi que surgiram,

mas a verdade é que esse costume, de origem inglesa, tem pouco mais de cem anos.

O primeiro cartão de Natal



Outro cartão decorativo, produzido em cores, na segunda metade do século XIX; representa o Cristo como o Deus Pastor. Os cartões religiosos foram até certo ponto sobrepujados por cartões representando a vida agradável, crianças e flores.



Um cartão de Natal cômico dos Estados Unidos, provavelmente datado da década de 1880. Era parte de um conjunto que representava negros, de uma maneira que, hoje, seria considerada difamatória.

A História dos Cartões de Natal

de que se tem notícia foi desenhado em 1843, por John Calcott, para Sir Henry Cole, que desejava algo especial para enviar aos amigos. Dêsse primeiro cartão, foram feitos mil exemplares somente, e vários deles existem ainda hoje, guardados por alguns colecionadores. E assim, embora fôsse muito antigo o costume de mandar cartões de Ano Novo, foi em 1843 que nasceu a idéia de mandá-los também pelo Natal. Com o tempo, os cartões de Ano Novo chegaram quase a desaparecer, e, hoje em dia,

observa-se que a maioria dos cartões de Natal contém também a tradicional saudação de «boas entradas».

Todavia, foi somente em princípios da década de 1860 que se iniciou a produção comercial de cartões, e o que era, a princípio, uma novidade, logo passou a ser um hábito tradicional. Tanto que, dez anos depois, a indústria de cartões de Natal era um negócio rendoso, ocupando numerosos trabalhadores. No princípio, os desenhos eram variados e qua-

se sempre coloridos. Hoje em dia, muitos dos primitivos cartões de Natal apresentam características nitidamente vitorianas, parecendo tristemente antiquados, mas há muitos outros que, tendo sido produzidos por verdadeiros artesãos, ainda conservam o mesmo encanto e a mesma beleza de quando surgiram.

As fotos aqui apresentadas mostram exemplares de alguns tipos diferentes de cartões de Natal e foram feitas na coleção do «Victoria and Albert Museum», de Londres.

Senhora,

*este livro lhe proporcionará
uma das experiências mais
felizes da vida cotidiana!*

Saber costurar bem não nos vem do raciocínio, mas do verdadeiro trabalho de aprendizagem. O *Livro de Costura Singer* lhe ensinará como conseguir realizar seus sonhos em costura, dando-lhe sugestões, idéias e exemplos. Ele lhe trará muitas horas de alegria e muitos cruzeiros de economia; poderá, também, tornar sua família e seu lar os mais bem vestidos da vizinhança.



LIVRO DE COSTURA SINGER

por Mary Brooks Picken

Tradução de
OLGA BIAR LAINO

aprenda com o
Livro de Costura SINGER:

- todos os tipos de costura, arremates e bordados
- decoração de interiores, confecção de cortinas e capas para estofados
- ornamento de mesas, armários e tapetes
- monogramas e aplicações
- conhecimento de fazendas e suas diferentes aplicações
- côres e sugestões de acôrdo com seu manequim
- moldes para todos os fins e seu reajustamento
- cuidados com a máquina de costura

atendemos pedidos pelo
Reembôlso Postal

**LIVRARIA
CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA**

Rua 15 de Novembro, 144 — SÃO PAULO
Rua 7 de Setembro, 97 — RIO DE JANEIRO
Rua Chile, 23 — SALVADOR



volume em grande
formato, 280 págs.,
papel de primeira,
encadernado e com
16 páginas a côres,

300,



Bom Vendedor

A jovem espôsa entrou na livraria e pediu um exemplar de «O Casamento Ideal» e acabou comprando também um livro de arte culinária e um outro sobre os cuidados do bebê. Finalmente, interessada em vender-lhe mais alguma coisa, a balconista perguntou-lhe:

— A senhora já tem Atlas?
 — Atlas? Para que teria eu necessidade de um?
 — Ora, a senhora tem um rádio na cozinha, não tem? Ouve as notícias tôdas, não ouve? Acontece que, com o Atlas, a senhora poderá se informar melhor das notícias e estar sempre um passo à frente do seu marido, quando ele volta da cidade trazendo os jornais.
 A jovem espôsa comprou o Atlas imediatamente.

Admiradores em Bloco

Um jovem ator contava a seu amigo que recebia cerca de cinquenta cartas diariamente.

— E você lê tôdas? — perguntou o amigo, admirado.

— Oh não! Mas respondo à tôdas!!!



Marido, Mulher & Cia.



Amigo da vida pacífica, mesmo quando a sogra está presente, aquele senhor convidou a sogra e a filha da sogra para um passeio de automóvel. Mal saíram da cidade, as duas começaram a dar palpites:

— Atenção! Use o freio! — sugeriu a espôsa.
 — Acelere agora! — aconselhou a sogra.
 — Mude a marcha! — intimou a espôsa.
 — Use a seta! — ordenou a sogra.
 — Buzine! — gritou a mulher.
 — Diminua a marcha! — ajuntou a sogra.

Até que, afinal, cansado de tantas ordens, o bom homem parou o carro e perguntou à espôsa, em tom categórico:

— Mas, afinal de contas, quem é que está dirigindo: você ou sua mãe?

Uma senhora bastante ciumenta conversa com uma amiga:

— Estou furiosa com o meu marido. Imagine que esta noite vi-o em sonho abraçando e beijando apaixonadamente Marilyn Monroe!

— Bem, bem — comenta a amiga. — Afinal de contas, não passa de um sonho, não é?

— Ah! — acrescenta a ciumenta, furiosa. — Se ele procede assim nos meus sonhos, imagine o que não fará nos dêle!

Uma senhora, elegantemente vestida, aproximou-se de um policial e disse-lhe:

— Desculpe-me, mas são seis horas e eu tinha um encontro marcado com o meu marido, aqui, às quatro e meia. Por acaso o senhor não o viu?

— Não sei, minha senhora — respondeu gentilmente o policial. — Terá ele algum sinal particular que o identifique?

— Bem — disse a senhora, pensativa — suponho que a esta hora ele está roxo de raiva.



O Homem, Esse Desconhecido



Um velho misantropo foi mordido por um cão raivoso e, como se demorasse muito a procurar um médico, este não pôde fazer outra coisa senão diagnosticar todos os sintomas da hidrofobia. Ferido pela notícia, o velho resmungou:

— Se é assim, doutor, dá-me um bloco e uma caneta, pois vou escrever umas coisinhas.

— Talvez seja melhor chamar um tabelião — disse apressadamente o médico. — Aqui ao lado temos um.

— Ora — explicou o homem — eu não quero fazer testamento. Quero apenas fazer uma lista das pessoas que devo morder.

* * *

No teatro, durante a apresentação de uma comédia, um espectador sentado à frente de um casal que não parava de falar um segundo virou-se para trás e disse, educadamente:

— Senhores, por favor, sejam gentis! Não consigo entender uma só palavra!

Foi então que o «cavalheiro» virou-se indignado para ele e perguntou:

— Por que quereria o senhor ouvir o que eu e minha mulher estamos conversando?

* * *

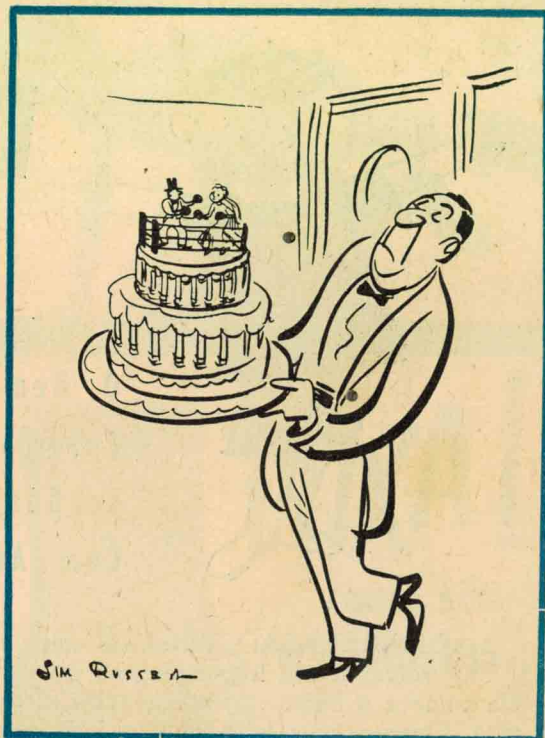
Baseando-se em dados estatísticos rigorosamente controlados, um dos relatórios ao último congresso internacional de médicos psiquiatras, realizado em Paris, declarou:

«Entre os hóspedes dos manicômios do velho continente, tomados pela mania de grandeza, o número daqueles que entendem de ser Napoleão Bonaparte tem diminuído consideravelmente. E pode-se prever que, dentro de poucos anos, o grande conquistador francês já não será encarado mais como meta ideal por parte dos pacientes confiados aos cuidados dos especialistas em doenças mentais. Novos astros estão surgindo no horizonte dos enfermos».

* * *

O homem chegou a uma barbearia, numa cidade do interior e, enquanto esperava a sua vez, observou a um canto uma navalha velha com o cabo quebrado, a lâmina enferrujada. Meio apavorado, perguntou ao barbeiro se aquela era a única navalha que ele possuía.

— Não — sussurrou-lhe o barbeiro. — Esta é a navalha usada para os fregueses que pedem fiado.



Mundo Infantil

Voltando da casa de sua filha casada, a mãe de Toninho chamou-o para dar-lhe a notícia de que sua irmã aguardava a visita da cegonha. Com bastante jeito, a boa senhora disse ao menino que a chegada do nenê, além de torná-la avó, transformava a sua irmã em mãe e ele em tio. Muito pensativo, o garoto ouviu a notícia e depois replicou:

— Acontece que não estou com nenhuma vontade de ser tio. Deixa eu ser a avó?

* * *

Um garotinho entrou na flora, olhou bem umas bonitas rosas vermelhas e perguntou à florista o preço delas.

— 150 cruzeiros a dúzia — respondeu a moça.

— E uma só? — perguntou o menino.

— 15 cruzeiros.

— Então dê-me uma — disse o garoto, depois de contar as notinhas que trazia no bolso.

Feita a transação, a moça perguntou ao garoto o que é que ele ia fazer com aquela rosa.

— E' para a minha mãe — disse ele. — Amanhã eu vou fazer operação de garganta e como sei que ela vai ficar apavorada, vou deixar essa rosa à sua cabeceira.



Atendendo a uma queixa feita por um marido furioso a quem a telefonista comunicou ser menino o seu filhinho que acabava de nascer, quando na realidade era uma menina, um hospital colocou o seguinte aviso em sua sala de espera: «E' proibido dizer o sexo pelo telefone».



CRIANÇAS

O Bem Falar se Ensina Com Amor

COMPREENSÃO, carinho e amor ajudam a desenvolver a boa linguagem, na criança, desde quando ela começa a balbuciar, até quando se tornar mais crescida. Quanto mais feliz, quanto mais segura ela se sentir, junto de sua mãe, nos primeiros meses de sua vida, tanto mais cedo aprenderá a entendê-la e a fazer-se entender por meio de palavras. A criança, sendo alvo de afeição — de uma afeição que se manifesta sob a forma de sorrisos, carinhos, conversas (mesmo que não sejam entendidas) — responderá também com afeição, sorrindo, por sua vez, e emitindo gritinhos e balbucios.

Quando se sente feliz, a criança manifesta a sua satisfação por meio de sons e, percebendo que sua mãe gosta de ouvi-los, ela os repete. A mãe, compreendendo essa manifestação, deve sorrir e falar. Com isso, o bebê passa a contar com uma coleção maior de sons e ruídos, que julga serem verdadeiras palavras, sobretudo porque a mãe, via de regra, repete estas expressões infantis. E assim, pouco a pouco, a criança passa a empregá-las como se tivessem significados próprios. E' quando, efetivamente, começa a falar. Dentro em breve, estará imitando os sons que ouve, procurando repetir palavras que nunca pronunciou. E' tempo, então, de sua mãe começar a falar com ela, em frases simples e fáceis de guardar, sobre as coisas que está fazendo, ou as coisas que se encontram ao redor.

A criança sente-se melhor quando é convidada a repetir aquilo que lhe é mais fácil de compreender. Quando pega uma bola, ela diz, simplesmente, «bola», em vez de explicar: «Isto é uma bola». Assim, também, deve proceder sua mãe, para que ela aprenda, primeiro, os nomes das coisas.

E' muito importante, por outro lado, que a mãe não fique irritada com a criança, se esta não se esforça por imitar uma ou outra palavra, ou se lança mão de sons desarticulados e de gestos, para exprimir suas idéias.

(Conclui na pag. 45)

De «Dentista Frustrado»...

Conclusão da pag. 96

De Gilberto de Alencar, «Tal Dia E' o Batizado», lançado em setembro. Vai nesta sua opinião um pouco de vaidade pessoal: Pedro Paulo considera-se, de certa maneira, co-autor do livro, que conta a vida do alferes Tiradentes. Admirador da personalidade do alferes, procurou vários escritores de Belo Horizonte, convidando-os a escrever a sua biografia, mas as suas solicitações não foram lá muito bem recebidas. Até que entrou em contato com Gilberto de Alencar.

«Ele também, no princípio, não queria — conta o editor. — Mas eu insisti e ele acabou concordando. Enviei-lhe, então, para Juiz de Fora, toda a documentação que havia coligido sobre José Joaquim da Silva Xavier».

O resultado foi um livro realmente espetacular. Preenchendo com a imaginação todas as numerosas lacunas encontradas naqueles documentos, sobretudo com relação à vida de Tiradentes antes da Inconfidência, o autor conseguiu estruturar um romance belíssimo.

☆

Em três anos de atividades como editora de livros, a «Itatiaia» é isso que contamos. Mas não é ainda o que imaginam os seus proprietários. Os irmãos Moreira estão anunciando para breve a instalação de oficinas próprias, o lançamento de livros-de-bólso, e, ainda há pouco, deram ao comércio de livros, em Belo Horizonte, uma nova dimensão, inaugurando a sua moderna loja da Rua da Bahia. Na loja, os livros são expostos ao alcance da mão do cliente, e, embora esse sistema possa atrair, além dos que desejam comprar, os amigos-do-alheio, julga Pedro Paulo que os prejuízos decorrentes de um ou outro pequeno furto não bastam para fazê-lo dar por fracassada a sua experiência pioneira.

☆

Quando saiu de Carangola, rapazote de 16 anos, aí por volta de 1942, Pedro Paulo Moreira tinha um plano: arranjar-se na vida e voltar para casar com a namorada de infância. Arranjou-se, mas não voltou, casou-se aqui mesmo, e dá-se por muito feliz, por estar na direção do Departamento Editorial da «Itatiaia», ajudando a levar a todo o Brasil o nome do nosso Estado, que, desde 1955, produz, além de ferro e ouro, livros.



Fonte Viva:

Persiste e Segue

"Portanto, tornai a levantar as mãos cansadas e os joelhos desconjuntados".
— PAULO (HEBREUS — 12:12)

O LAVRADOR desatento quase sempre escuta as sugestões do cansaço. Interrompe o serviço, em razão da tempestade, e a inundação lhe rouba a obra começada e lhe aniquila a coragem incipiente. Descansa, em virtude dos calos que a enxada lhe ofereceu, e os vermes se incumbem de anular-lhe o serviço.

Levanta as mãos, no princípio, mas não sabe «tornar a levantá-las», na continuidade da tarefa, e perde a colheita.

O viajor, por sua vez, quando invigilante, não sabe chegar convenientemente ao termo da jornada. Queixa-se da canícula e adormece na penumbra de ilusórios abrigos, onde inesperados perigos o surpreendem. De outras vezes, salienta a importância dos pés ensangüentados e deita-se às margens da senda, transformando-se em mendigo comum.

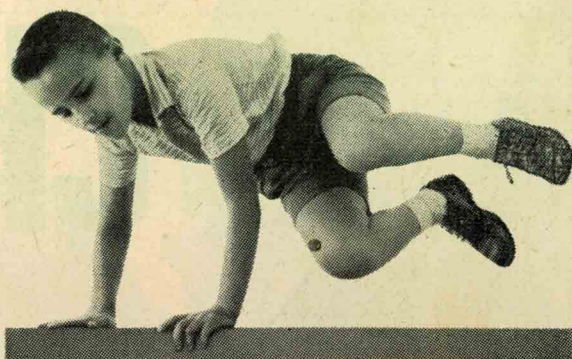
Usa os joelhos sadios, não se dispendo, todavia, a mobilizá-los quando desconjuntados e feridos, e perde a alegria de alcançar a meta na ocasião prevista. Assim acontece conosco na jornada espiritual.

A luta é o meio. O aprimoramento é o fim. A desilusão amarga. A dificuldade complica. A ingratidão dói. A maldade fere.

Todavia, se abandonarmos o campo do coração por não sabermos levantar as mãos de novo, no esforço persistente, os vermes do desânimo proliferarão, precipites, no centro de nossas mais caras esperanças, e se não quisermos marchar, de joelhos desconjuntados, é possível sejamos retidos pela sombra de falsos refúgios, durante séculos consecutivos. — (Do livro «Fonte Viva»).

PECADO

- Elevam-se muitos pelo pecado e caem muitos por causa da virtude. — Shakespeare.
- O escândalo é o que faz a ofensa, e não é pecado quando se peca em silêncio. — Molière.
- O pecado assemelha-se à flecha: introduz-se facilmente, mas é difícil de extrair. — Gilbert.



PUXA!
como são
resistentes...



Lupo

espuma de nylon,
tipo derby

nylon e
espuma de nylon,
lisas

Lobo

EUREKA

algodão lisas

— os primeiros nomes em meias para homens e crianças

PRODUTOS DA FÁBRICA LUPO - ARARAQUARA - EST. SÃO PAULO

CHICO VE

INÁCIO LOIOLA DE SOUSA ENGELMANN

Como podiam aninhar-se no coração de um mesmo homem as doçuras do bem e os demônios do mal ?

zendo-o voltar à cidade no outro dia, em trajes íntimos, fortemente amarrado em um cavalo em pêlo. Ninguém queria ser delegado nos lugares que o Chico Ventura costumava frequentar. Era morte ou desmoralização.

Francisco Miguel Ferreira nascera de boa gente. Fôra criado ao deus-dará, que seus pais morreram, no mesmo dia, vitimados pela gripe espanhola, quando o moleque não tinha ainda completado dez anos. A alcunha de Chico Ventura êle a adquirira em dois tempos : o Chico viera quase que do berço, pois Francisco que não é Chico, Chiquinho será; o Ventura deram-lho mais tarde e era como que o retrato de sua vida de jogador e conquistador. Tinha sorte no jôgo, o danado ! E com as mulheres então ! Francisco Miguel Ferreira desmentira o ditado de que quem tem sorte no jôgo não a tem no amor.

— Ôta cabra venturoso ! — diziam os seus parceiros e os seus rivais. Rivais é modo de dizer, que aquêle que não fôsse seu amigo, era homem morto. Nem inimigo chegava a ser.

— Homem valente não tem rivais — dizia Chico Ventura. E explicava : — Chico Migué Ferreira dá cabo de tudo. Se aparece algum mais macho do que Chico Ventura, o defunto é cá o degas, mas porém, enquanto não nasce êsse filho do curupira, é o Chico Migué Ferreira quem dá as cartas...

Matava à toa : por um pau

de fósforo. Era uma afronta para a sociedade, mas a sociedade era impotente para lutar contra o bandido. E a situação ficava nesse pé : agradar ao Ventura para êle não se zangar, pois, se se zangasse, o sangue corria. Não respeitava lugar nem ocasião. Tanto matava no botequim como na porta da igreja. Ia dizer «dentro da igreja», mas isso não; camarada religioso estava ali ! Não perdia misa aos domingos e era amigo chegado do pároco, que suportava a amizade, na esperança de um dia converter o transviado. Paciente e fervoroso, o padre tentava por tôdas as maneiras intuir na cabeça bronca de Chico Ventura os princípios da caridade, do amor e da fraternidade, entremeando os seus conselhos com exemplos e com narrativas dignificantes. Chico Ventura escutava-o atentamente e, quem o visse ao pé do padre, jamais suporia devesse êle a série enorme de crimes e atentados que o faziam temido e feroz. Dava especial atenção às histórias dos mártires; revoltava-se com os sacrifícios dos cristãos e exclamava convicto :

— Se Chico Ventura vivesse naquele tempo, cristão não morria assim, não, Chico Ventura acabava com a raça dessa gente desgraçada...

O padre Bento transmitia-lhe as doces palavras de Jesus e com muito jeito indagava :

— Chico, por que leva você essa vida ? Por que não toma juízo e deixa de fazer estrepolias ?

O SUJEITO mais valente daquelas bandas era o Chico Ventura. Valente e mau. A maldade em pessoa. Cometera mais ruindade do que o próprio coisa-ruim. Matara, aleijara um sem número, desgraçara tôdas as donzelas que topara em seu caminho; fizera judiação com crianças, batera em velhos — uma verdadeira praga o homem. A polícia vivia em seu encalço, mas fugia dêle tão logo desconfiava da sua presença. Chico Ventura era a dor de cabeça dos delegados. Se o delegado era valente, morria na certa; se era covarde, o povo o destituía tão logo caísse no ridículo em virtude de alguma peça pregada pelo Ventura. E êle vivia pregando peças à polícia : de quando em vez invadia sôzinho a cadeia, soltava todos os presos, sob as vistas acovardadas dos meganhas, encerrava os carcereiros e partia dando tiros para o ar, anunciando em altos brados a sua façanha. Em outras ocasiões raptava o delegado, fa-

PREMIADO NO CONCURSO «CIA. DE SEGUROS MINAS-BRASIL»

NTURA

Ilust. de Moura

Olhe, matar não é crime sômente aqui na terra; Deus, Nosso Senhor, lá do céu, anota todos os seus atos e tem escrito uma por uma tôdas as suas mortes. — E bem baixinho, num sussurro, perguntava: — Quantas mortes você leva nas costas, Chico?

O Ventura encarava o padre, muito sério, examinava-lhe as feições bondosas e no mesmo tom revelava-lhe:

— Só padre Bento... Acho que umas oito...

O padre não se espantava e o Chico, num esforço de memória, ia contando nos dedos:

— O Mané da Serra... O Tião Vagalume... O meu xará Chico



Prêto... O Sargento Balduino... O Matias Silveira... O João Caolho... O Antônio Damião... O Juca do Rebójo... E'... Só oito mesmo, só padre...

— Só oito, Chico? Você acha só? Isso é contra a lei de Deus: você paga no outro mundo, se não se emendar... Olhe o fogo do inferno, Chico... Arrependa-se, enquanto é tempo... Oito!... e você acha só...

— Mas porém, tudo não valia nada, só padre; foi um serviço que eu prestei para a humanidade... A polícia até me deve um prêmio pela limpeza que eu fiz...

— E os que você aleijou, Chico?

— Ah! Esses eu não sei quantos...

— E as moças, Chico?

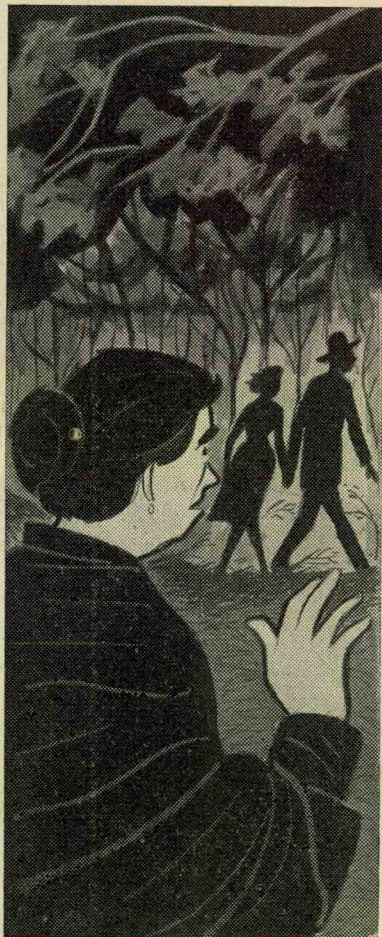
— Elas que me procuravam, só padre... Que culpa que eu tenho...

Mas, acima de tudo, do que mais gostava Chico Ventura das coisas da igreja, do mundo talvez, era do presépio que o padre Bento carinhosamente armava todos os anos ao lado do altar de São Benedito, à esquerda da porta principal da Matriz. Que capricho o do padre! Como eram bonitos os seus presépios! O Menino Jesus, São José, a Virgem, os Reis, os pastores, os animais, tudo feito de barro queimado, por ele mesmo; tudo pintado a óleo; tudo renovado a cada Natal. A gruta do Menino era então uma maravilha! As lâmpadas multicoloridas davam uma impressão etérea e parecia que os anjos cantavam hinos celestiais, tal a calma, a mansidão e o sossego que inspiravam os presépios do padre Bento.

Chico Ventura ficava encantado! Por seu gosto passaria o tempo todo ao lado do presépio. Admirando as cores e as luzes; adorando o Menino Jesus. Trazia do mato pinheirinhos minúsculos para enfeitar os presépios e descobria, ninguém sabe onde, lindas e coloridas pedrinhas que ele mesmo distribuía pelas colinas e pelos riachos imaginados pelo padre Bento. Gostava de mudar de posição os Reis Magos, aproximando-os cada dia da Manjedoura Sagrada; fazia isso altas horas da noite, quando todo mundo dormia, evitando o contato com os fiéis, não que os temesse, mas para que não os assustasse.

Padre Bento chegava a imaginar que não passavam de lenda a valentia e a ruindade do Chico Ventura. Como poderia um homem tão manso e tão crente cometer tantos crimes, tantos atentados? Um homem que cria

em Deus, que adorava o Menino Jesus, que assistia à missa, que conhecia a vida dos santos. Como podiam aninhar-se no coração de um mesmo homem as doçuras do bem e os demônios do mal? Padre Bento ficava pensativo e se julgava, às vezes, no dever de não permitir-lhe o acesso à igreja, de bani-lo como um ente indigno, como Jesus banira do Templo os fariseus. Agiria bem, dando guarida ao lobo diabólico, que dizia a suas ovelhas? Não, Chico Ventura não era lobo; era a ovelha desgarrada



ra que ele deveria trazer de volta ao rebanho. Chico Ventura não era tão ruim assim e tinha razão quando dizia haver prestado um serviço à humanidade; de fato, Tião Vagalume, Matias Silveira, Sargento Balduino e os outros — «que Deus os tenha em bom lugar» — todos eles eram piores do que o Chico Ventura.

Chico Ventura não era tão mau assim. O padre Bento tinha razão. Matava à toa, isso matava. Mas quem ele matou à toa o te-

ria matado à toa também. Foi questão de matar primeiro. Depois ele ganhou fama de assassino. E tudo o que acontecia de mau era obra do Chico Ventura. Todos os espancamentos, todos os atentados que ocorriam na cidade eram de autoria do Chico Ventura. Mesmo que ele estivesse ausente, a culpa era sua. Passou a ser o mais valente daquelas bandas.

Era mulherengo, isso era. E foi uma mulher quem o desgraçou. Não que ela quisesse. E' que a hora dele chegara.

Foi assim: era véspera de Natal, Chico Ventura viera à cidade e ficara jogando cartas no Bar do Neco. Quando os sinos anunciaram o início da missa do galo, Chico levantou-se e dirigiu-se para a igreja, com o pensamento voltado para o presépio do padre Bento. Estava no meio da praça quando, ao seu lado, disseram-lhe:

— Chico, você vai à missa?

Era Lourdes do Tião Policarpo, camarada do Coronel Rodrigues, moça bonita e desmiolada, mais desmiolada do que bonita, que vivia perdida de amores pelo Chico Ventura. Levava várias surras do pai por causa dos seus encontros furtivos com Chico Ventura e, quanto mais apanhava, mais se apaixonava por ele. O Chico gostava dela, como gostava de todas as mulheres que tivera nos seus braços; findo o abraço, nem a lembrança lhe ficava. Não que fosse cínico; é que tão logo deixava uma, outra lhe apagava as saudades da precedente.

Chico Ventura parou e encarou Lourdes do Tião Policarpo:

— Vou sim, tu não vais?

— Se você prefere, eu vou; mas por meu gosto ia dar umas voltas ali pras bandas do morro da Joa-ninha...

O morro da Joa-ninha era uma rua íngreme e escura, sem trânsito algum, cheia de valetas e de buracos feitos pelas enxurradas, por onde só subiam e desciam as vacas da Joa-ninha, cujo curral ficava ali, quase no centro da cidade. Joa-ninha era como se conhecia dona Joana Maria da Fonseca, viúva corpulenta e trabalhadeira, que se unira em segundas núpcias ao Pedro Venâncio, cachaceiro inveterado, que vivia às custas do trabalho da mulher.

Chico Ventura pensou um pouco e disse:

— Pois vou pro morro da Joa-ninha com você. — E como se desculpando: — E' cedo ainda pra missa...

E foram.

Não se sabe, na verdade, o que os dois fizeram naquela noite na escuridão do morro da Joaninha; ninguém viu. Dona Joaninha, porém, viu quando os dois desciam de mãos dadas pela ladeira, o Chico na frente, Lourdes do Tião Policarpo mais atrás. Pareceu-lhe que a moça era arrastada pelo Ventura e ela não teve dúvida em dar o alarme. Correu para a porta da igreja e interrompeu o menino que soava as campainhas:

— Acuda pessoal! O Chico Ventura tá arrastando a Lourdes do Tião Policarpo pro morro lá de casa. Cadê a polícia?! Vamos pra lá. Vamos salvar a pobre da moça.

Ninguém, entretanto, ligou importância aos seus apelos. Ela enraiveceu-se:

— Pois se aqui não tem macho que salve uma donzela das mãos de um bandido, eu vou sozinho enfrentar o cabra.

Pedro Venâncio, que estava tomando quentão numa barracquinha perto da Matriz, quando percebeu que Joaninha partira mesmo em direção ao morro, danada que nem um touro bravo, saiu correndo e foi chamar a polícia.

O delegado, moço valente, recém-empossado no cargo, estava ansioso por dar uma topada com o Chico Ventura. Queria mostrar como se dava cabo de um bandido. A questão, dizia ele para os seus soldados, a questão é enfrentar o demônio com disposição, com a certeza de que se vai ganhar a parada. Nada de tremedeira. E' fazer pontaria e matar de uma vez. Nada de piedade. E' matar ou morrer. Que desmoralizado ele não ficaria.

Pedro Venâncio contou a história ao delegado. O delegado arremou-se e, juntamente com três praças, foi ao encalço do Chico Ventura.

De longe, ouviram a voz de Joaninha, que bramava ameaças e insultos ao povo que não queria acompanhá-la. Foi-se juntando uma multidão na ponta do jardim, curiosa, agora, em virtude da gritaria da mulher e por causa dos soldados embalados.

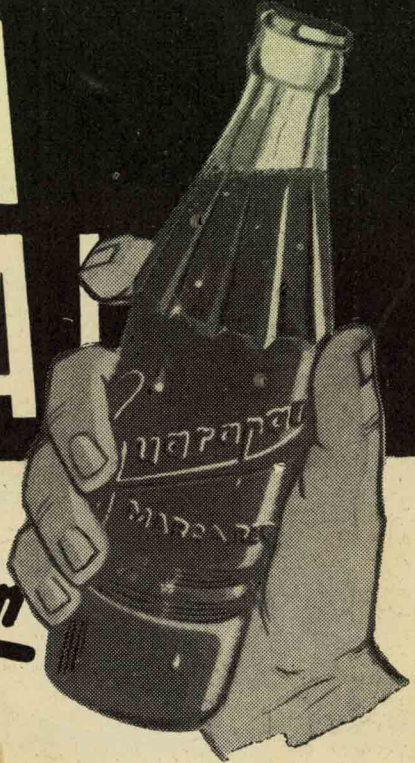
Os soldados e o delegado sumiram tragados pela escuridão do morro e daí a pouco um tiroteio medonho se fez ouvir, assustando toda a gente, chamando a atenção até do padre Bento, que, paramentado, foi ter à rua para ver o que se passava. As mulheres e as crianças correram. Os homens tremeram, mas ficaram firmes.

Minutos depois, como tudo silenciasse, alguns homens mais co-

(Conclui na pag. 45)

E' UMA DELÍCIA

Guarapan
MARCA REG.
gelado ou não

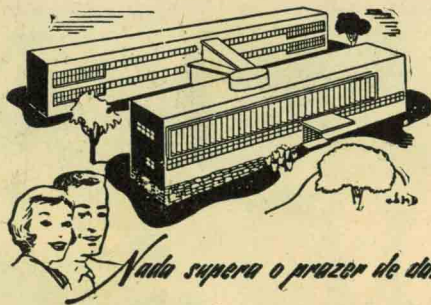


DR. J. MANSO PEREIRA

Docente da Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil

Úlceras do estômago — Obesidade e magreza — Crianças fisicamente retardadas — Diabete — Alergia clínica.

Consultório: Rua Ouvidor, 169 — 8º andar — Sala 809 — Fone: 23-6230
RIO DE JANEIRO



Nada supera o prazer de dar

A nossa capital será dotada agora de uma moderna organização hospitalar para a recuperação dos doentes mentais pobres, pelos processos mais modernos da ciência médica, aliados à aplicação da assistência espiritual recomendada pelos ensinamentos do Mestre. Iniciando essa obra de amor cristão, apelamos para os corações que sabem sentir o amor ao próximo, esperando que enviem os seus donativos ao

HOSPITAL ESPÍRITA «ANDRÉ LUIZ»

SECRETARIA: Rua Rio de Janeiro, 358 — Sala 34 — Fone: 2-8360
— Caixa Postal 1718 — Belo Horizonte



Suzana Rache, debutante de 59; é o rosto mais bonito da "nova geração". Elegante e de muita simplicidade. Gosta dos bons discos e com freqüência reúne em sua residência as amigas para falarem sobre música.



A REPORTAGEM poderia envolver, vamos dizer, cem senhoritas. Mas isto daria trabalho às meninas, preocupações ao repórter e engoliria espaço nesta revista que vale ouro. O seu objetivo é fixar a «nova geração» belo-horizontina, que está apresentando à sociedade garotas bonitas, bem lançadas, modernas, sem, entretanto, os exageros da mocidade-lambreta, nota dolorosa de um estado emocional, pela qual o cinema (mal dirigido) é o principal responsável.

A «nova geração» belo-horizontina traz a marca da tradição mineira. As meninas sentem suas responsabilidades, o reflexo que poderão obter de uma educação mal dirigida, e, elas mesmas dosam o seu cotidiano, dividindo-o entre as distrações caseiras e obrigações domésticas, não desprezando o estudo e a leitura, fatores certos para uma educação perfeita.

Poderia, repito, escolher cem. Mas seleciono quatro. Estas, expressarão a vida da garota belo-horizontina, a garota bem nascida que guarda de seus avós aquelas histórias austeras da antiga Vila Rica: São elas, Ana Lúcia Pádua, Suzana Rache, Aléxia Helena Wikrota e Ana Maria de Abreu. As três últimas foram debutantes de 59. Ana Lúcia apresentou-se à sociedade em 57. Todas têm as mesmas ambições e hábitos idênticos: — Livros, música, arte culinária, piscina, reuniões e esse sonho de toda moça que se preza: casamento.



GERAÇÃO SEM “BLUE JEANS”

- Quatro debutantes mineiras
e a história da menina-moça
- Música, livros e casamento

WILSON FRADE

• Fotos de Humberto Cerri



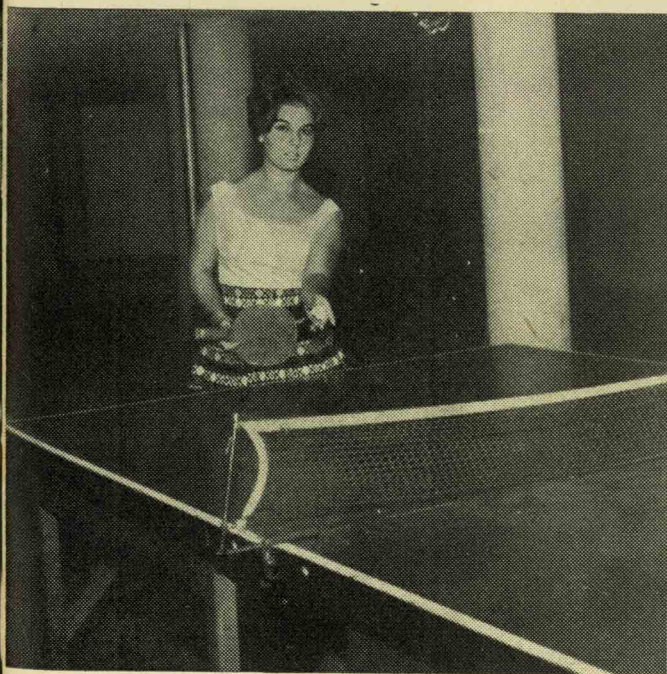
GERAÇÃO SEM

Ana Lúcia Pádua é, atualmente, a moça mais comentada em sociedade. Entre a "nova geração" foi a primeira a usar "perucas" o que, aliás, lhe ficou muito bem. Sabe fazer bons quitutes e nas reuniões sociais gosta de tocar violão.



"BLUE JEANS"

Ana Maria Abreu nasceu em São Paulo mas já é conhecidíssima na sociedade belo-horizontina. Também fez o seu "debut" em 59. E' vista com freqüência nas reuniões de nossos clubes sociais, acha a revista ALTEROSA muito própria para moças de sua geração.





GERAÇÃO SEM "BLUE JEANS"

Alêxia Helena Lana Wikrota, foi a debutante de 59 e maior sucesso. Suas fotos, estampadas em jornais e revistas brasileiras, deram-lhe um ar de Brigitte Bardot e hoje é assim conhecida entre suas amigas. Alêxia coleciona "souvenirs" e os tem recebido de todo o mundo. Tem participado de alguns desfiles de modas com um autêntico ar de manequim.



—útil
e de
bom gosto...

...é seu
presente

Rochedo

Tradição de Qualidade

Natal, festa de família. Para o seu lar, para a dona do seu lar, escolha o presente que a todas agrada — um presente ROCHEDO. Você estará oferecendo a mais útil beleza. E ela receberá o seu presente com o prazer de quem sabe: ROCHEDO é para a vida inteira.

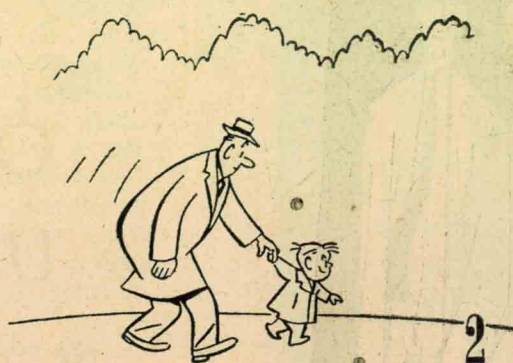
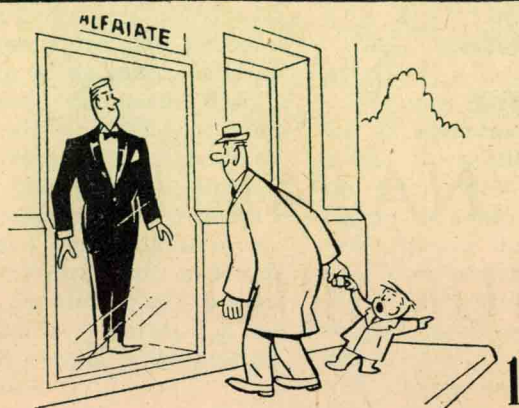
**PANELA DE PRESSÃO
ROCHEDO**

Prepara em minutos o que as panelas comuns gastam horas para fazer. Faz todo o serviço de cozimento, como se fosse uma "cozinheira automática". Poupa gás ou energia elétrica. Tampas em belas cores: azul, ouro e alumínio polido.



Produtos da

ALUMÍNIO DO BRASIL S.A.



humor

cog





O NATAL DO USURÁRIO

Conto de THALES BROGNOLI

Ilust. de Eduardo de Paula

ATRAVÉS da vidraça, o usurário, a face apoiada à mão ossuda, parou de súbito a elaboração da escrita, olhando para fora, a chuva que cai incessantemente.

É um sábado à tarde e o usurário, de acordo com um velho costume, aproveita o tempo para fazer os seus livros. Há anos, sistematicamente, dedica as tardes de sába-

do a essa tarefa. Mas hoje é sábado de Natal e, por um breve momento, qualquer coisa vibrou no ar, uma nota alegre, quase imperceptível, parece que veio lá de fora e tocou de leve na janela do homem taciturno. E aquele toque fê-lo erguer a cabeça dos livros e papéis e lançar um olhar para a chuva que caía continuamente. Houve como que um suspiro que parecia vir do próprio ar, mas que ele acabou por ver que saíra do seu peito. E, sem compreender por que disposição estranha do destino, notou que estava refletindo sobre o Natal, embora não guardasse qualquer sentimento religioso nem cultivasse qualquer sentimento de solidariedade humana — só o

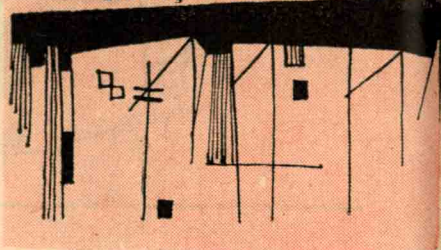
preocupavam a riqueza e os negócios. E, por mais estranho e paradoxal que pudesse parecer, é justamente isto que lhe ocorre, ao olhar a chuva lá fora, nesta tarde triste, na véspera de Natal.

Ao longe, na rua, vê as pessoas passarem, com seus trajes alegres, (êle, o usurário, só usa uma roupa escura) sobraçando pacotes, com seus guarda-chuvas brilhantes. Um retardatário passou, levando um pinheirinho verde. Êle, o usurário, não tinha para quem comprar presentes, nem para quem armar árvores.

Melancolicamente reflete que sua vida gira tôda em torno de negócios e valores e que, talvez por isso, admitiu, estivesse sentindo aquela so-

**Como pudera suportar todos aqueles anos,
sem felicidade e sem amor,
agora que tivera consciência disto,
não o saberia dizer.**

Menção Honrosa no



lidão que antes não percebera, como se, de súbito, houvesse deixado de existir todo o significado do dinheiro, como se houvessem desaparecido todas as coisas que o dinheiro pode comprar, todo o poder e segurança que o dinheiro pode dar. Poder êste, aliás, de que êle não desfrutava, porque não o queria — coisas que não adquiriria porque delas não necessitava.

A escrita ficara paralisada numa parcela de milhares, enquanto o usurário pensava, olhando a chuva. Passou a mão pelos cabelos grisalhos, dando-se conta de que os possuía, e seus pensamentos voltaram a vinte ou trinta anos atrás, quando seus cabelos eram negros e o usurário não era usurário e sim um jovem pobre e recém-formado, com limitadas possibilidades de fazer-se na vida.

Mas, pensava êle, era feliz.

Feliz — como ficava distante êste pensamento. Não tinha preocupações nem problemas — não possuía dinheiro, mas era dono de um coração forte e cheio de vida — era saudável, tinha amigos, parentes, amor... Ah! o usurário tinha amor. Ao passar-lhe pela mente esta lembrança, o usurário que era sêco e duro no tratar, que nunca dispensava um centavo de juízo vencido, que não tinha piedade para com ninguém, sendo conhecido como um homem mau e intolerante, sentiu que os olhos se lhe umideciam.

Era amado... quantos anos!

Por que estranho maquinismo da natureza se processava o que ora sentia, não o poderia dizer; mas o fato é que, depois de tanto tempo, o usurário parara um momento na sua febril atividade de trabalho e dinheiro, para refletir sobre o problema da felicidade.

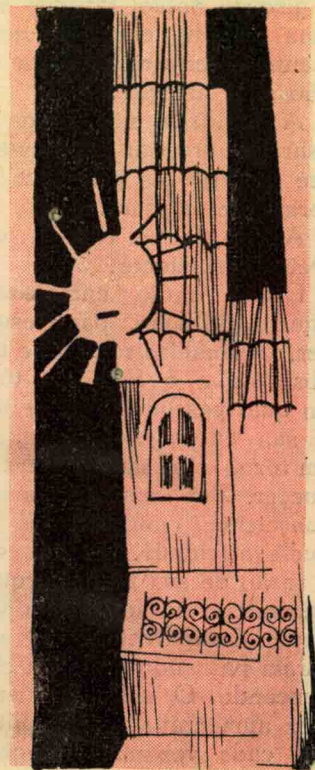
E a razão era clara e incontestável, naquela tarde de chuva na véspera de Natal.

O usurário não era feliz.

Como pudera suportar todos aqueles anos, sem felicidade e sem amor, agora que tivera consciência disto, não o saberia dizer. Chegara até ali e só então, sem saber porque, via-se como que súbitamente paralisado e sua mente voltando lentamente ao passado, longínquo e soterrado.

Via agora que o longo caminho que tivera de percorrer chegara ao fim. Parecia-lhe que, agora, não tinha mais objetivo aquela luta incessante para acumular riquezas, vivendo uma vida desprovida de sentido, completamente abstraído de tudo e de todos. E perguntava-se então: por que fora aquele o seu destino?

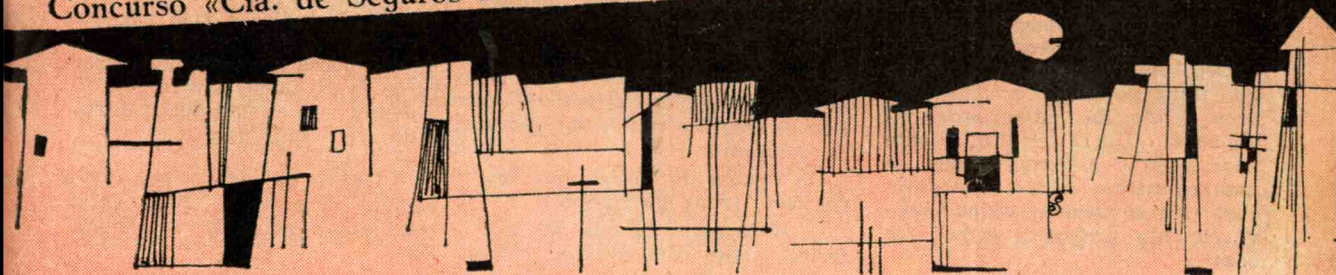
Reverendo sua mocidade, não lhe parecia fôsse capaz de passar a existência entregue a uma tarefa tão materialista e rude. Só se preocupava em acumular riquezas. Fora um trabalho incessante, os dias inteiros e até uma parte da noite, sistematicamente, dia após dia, ano após ano. Hoje era



dono de prédios, de ações e trazia na secretária centenas de títulos. Enfeixava nas mãos magras o destino de inúmeras pessoas. Era temido e respeitado — mas vivia só. Tão só que dispunha de uma única criada. Em seu coração guardava uma dor e um ressentimento surdos, que lhe amarguravam a existência, fazendo-o levar uma vida sombria e triste.

Sua mão dirigiu-se automaticamente ao rádio que ficava próximo à escrivaninha e lhe servia para ouvir os noticiários e as cotações do mercado,

Concurso «Cia. de Seguros Minas-Brasil»



e girou o botão, fazendo soar uma melodia cheia de sentimento e ternura: «Vaya con Dios, mi amor...»

A umidade nos olhos do usurário cresceu rapidamente até escorrer-lhe pela face, em forma de lágrima.

Assim ela se fôra... com Deus certamente.

Desde então entregara-se àquele trabalho, para esquecer. O dinheiro tornou-se uma obsessão e o fôro em torno do qual passou a aplicar toda a sua energia. Consumia-se em torno dele, mas só para esquecer. Era uma atitude subconsciente, concentrar-se naquela atividade, fazendo dela a razão de sua vida, porque a verdadeira razão de sua vida havia desaparecido. Os anos foram passando e ele foi enriquecendo. O vulto dos negócios aumentava diariamente e ele, cada vez mais integrado no seu ofício. E agora, no outono da vida, o usurário, de repente, erguia os olhos dos seus milhões para onde estavam continuamente voltados, para perguntar a si mesmo de que lhe serviam os milhões acumulados, e constatar, cheio de surpresa, que tudo aquilo fôra para esquecer.

A tarde passara rápida e a noite caía sobre a cidade.

O usurário fechou os livros que jaziam abertos sobre a mesa e erguendo-se, deixou a casa. Normalmente iria a

algum restaurante próximo para fazer a sua refeição da noite, mas hoje não sentia fome. Preferiu andar vagamente pelas ruas e foi-se deixando levar pelos próprios passos. Deu-se a espreitar as casas onde se viam pinheiros enfeitados por trás das vidraças e vozes de crianças e música alegre soavam continuamente.



te. E ainda mais se surpreendeu por estar a vê-los e a ouvi-los, pois que, durante todos aqueles anos, não pudera sentir a presença da alegria dos outros, ele que não tinha nenhuma.

Seus passos o levaram ao bairro pobre, onde não havia árvores enfeitadas, mas a alegria era a mesma, em vestes modestas, embora. Tudo ele

observou, e numa casa onde haviam armado um presépio pobre, de figuras de barro, entrou e pôs-se a admirar a arte rústica daquela gente que procurava, através de elementos tão restritos, exaltar também o dia do nascimento. Surpreendeu-se mesmo, opinando e conversando com outros presentes e, ao sair, quase às escondidas, colocou uma nota de valor no cofre destinado à coleta.

Na rua o ar estava alegre e fresco. Seus olhos se ergueram para as estrelas que brilhavam no céu, agora límpido. Aspirava em sorvos profundos, sentindo que o sangue se reanimava e era como se um grande peso saísse do seu corpo, que agora se deslocava com facilidade. A noite era azul e o céu deixara de ser uma cúpula cinzenta, era outra vez infinito.

Então, compreendeu o que se passava com ele. E havia uma grande necessidade interior de agradecer a alguém, pelo que estava sentindo. Naquele momento, compreendeu que poderia voltar ao convívio de amigos e parentes, viu que poderia deixar aquela vida de solidão e trabalho ininterruptos. Compreendeu que poderia viver outra vez, que poderia ainda sentir, que poderia sorrir e talvez... ser feliz. O usurário compreendeu que se conformara.

☆☆☆

O Bôlo de Natal

Conclusão da pag. 91

mos de estar numa mesa oficial. Você provavelmente preferiria estar em qualquer outra parte, mas...

Parou, uma grande luz alvorecia. Estava como Jenny! Desde o começo Jenny havia combatido o que tinha parecido ser uma retirada. «Não lhe interessaria realmente». «Um Ames dificilmente pode aceitar a hospitalidade de uma caixa». «Eu o convidaria para jantar, mas o senhor provavelmente preferiria comer em casa».

Era, sem dúvida, o método Marchmont... sua famosa técnica de venda a jeito de caranguejo. «A senhora poderá adquirir equipamento de índio na seção de brinquedos». «Um livro é dificilmente aquilo que convém a um menino realmente ativo». E no fim o freguês não pode deixar de comprar.

De dentro do abrigo dos braços dele, Jenny perguntou:

— Está certo de que não preferiria estar com alguma outra

pessoa... Bem... com a Senhora Holloway?

Ele começou a rir.

— Lá em cima, há tambores de guerra de índios a três por dois — disse ele, finalmente. — Mas eu não quero um tambor de guerra de índio. Quero é você!

Jenny ergueu um rosto espantado, vigilante, para ele.

— O que...

— Não se importe — disse ele e beijou-a de novo. — Feliz Natal, meu amor adorável e planejador.

O Bem Falar se Ensina com Amor

Conclusão da pag. 28

Recusar-se a dar-lhe o que ela deseja, enquanto ela não emprega as palavras exatas para exprimir esse desejo, é uma prática que dá maus resultados. Muito melhor, nesse caso, é responder aos seus ruídos e gestos, repetindo, suavemente, as palavras que a criança deveria ter pronunciado.

Se, aos dois, três anos, ou mais tarde ainda, a criança começa a gaguejar, é da maior importância, da parte dos pais, que não se revelem impacientes por causa disso. Procurar induzi-la a falar depressa, revelar exagerada preocupação com a sua maneira de expressar-se, só serve para aumentar o seu desconforto e fazê-la gaguejar mais ainda. Não há coisa melhor que a compreensão, a afeição e a paciência, para enfrentar esse problema. — Dr. Garry C. Myers.

☆☆☆

Chico Ventura

Conclusão da pag. 33

rajosos, devagarinho, foram descendo pela ladeira, examinando cautelosamente cada sombra que divisavam na escuridão. Outros vieram mais atrás, trazendo lanternas e de revólveres em punho.

Súbito, toparam com um soldado estendido de costas no chão, com a cara ensanguentada, o sangue saindo em borbulhões de um orifício bem no meio da testa. Mais abaixo estava outro caído, com um talho imenso no peito, feito à faca. Padre Bento ministrou extrema-unção ali mesmo aos dois soldados, que não davam mais sinais de vida.

Dentro de uma valeta, encolhida, com os olhos esbugalhados, pálida, tremendo, com as feições assustadíssimas, estava Lourdes do Tião Policarpo, que nem notara a presença do povo e que fôra carregada para casa, como se morta estivesse. Nunca mais ficou boa; tornara-se apalermada, nervosa; não podia ouvir estouro de foguetes, que se punha a chorar, um choro histérico e prolongado que dava dó.

O delegado, o outro soldado e o Chico Ventura haviam desaparecido. Procuraram-nos por muito tempo nas redondezas e só mais tarde, quando cada qual tomava o rumo de sua casa, é que o delegado e o soldado apareceram. Estavam extenuados, arranhados, e, mais do que tudo, desapontados. O delegado não se conformava com a fuga do Chico. Na perseguição ao bandido se embrenharam num capão de mato, onde o perderam de vista. Garantiam, porém, que o Ventura estava ferido.

A cidade pôs-se, mais uma vez, de luto.

Não houve missa do galo naquele Natal.

Na manhã seguinte, quando o padre Bento entrou na igreja, deparou com um homem em farapos, caído ao pé do presépio, tendo entre as mãos inertes o Menino Jesus, todo sujo de sangue.

Era o Chico Ventura. Estava morto.

☆☆☆

TELEVISÃO CONTRA CINEMA

No ano passado, a grande firma cinematográfica britânica «J. Arthur Rank» só pôde dar aos seus acionistas o modesto dividendo de 5%, em lugar dos 12,5% do ano precedente. E o que explica essa queda é justamente o prestígio alcançado pela televisão. Em 1946, cada inglês ia ao cinema, em média, 34 vezes por ano, elevando-se o total de entradas a um bilhão e meio. No decorrer dos anos seguintes, esse total diminuiu quase que imperceptivelmente para então se acentuar o decréscimo a partir de 1955. Em 1958, o número de entradas foi somente de 915 milhões e, segundo acreditam os estatísticos, em 1959, esse número não atingirá mais do que 725 milhões, o que significa que cada inglês irá ao cinema apenas 14 vezes durante o ano.



MOCIDADE

Norma Lúcia C. Veloso

A MOCIDADE não é um momento da vida — é um estado do espírito. É uma disposição da vontade, um predomínio da imaginação, o vigor das emoções; o predomínio da coragem sobre a timidez, da sede de aventuras sobre o amor ao conforto.

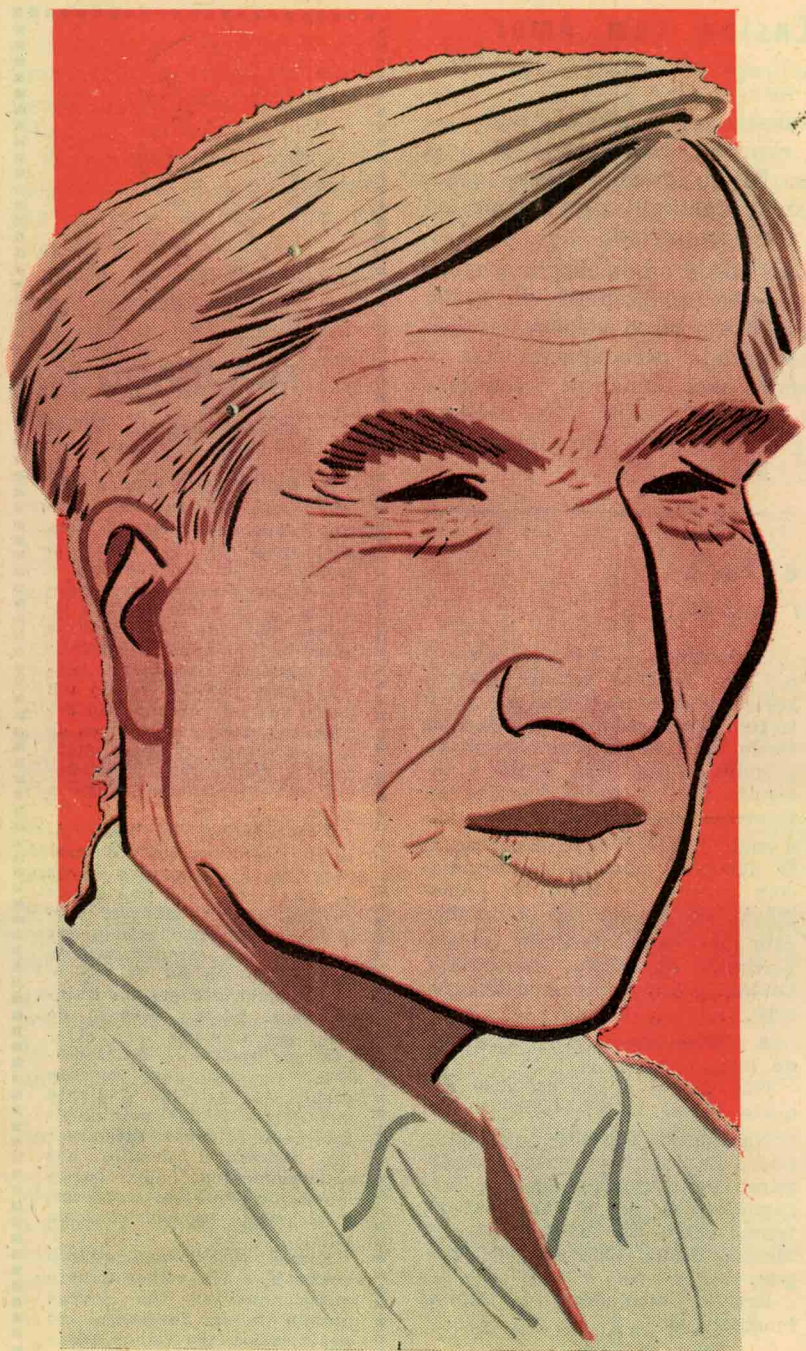
Ninguém envelhece simplesmente por ter vivido um certo número de anos. Só envelhecemos ao desertarmos de nossos ideais; os anos enrugam a fronte, mas a renúncia ao entusiasmo enruga a alma.

Preocupações, dúvidas, falta de confiança em nós mesmos, medo e desespero — eis aí os longos anos que fazem inclinar-se as cabeças, forçando o espírito, ainda em evolução, a transformar-se novamente em pó.

Aos setenta como aos quinze anos, há no coração de todo ser humano uma atração por tudo que é maravilhoso — um suave espanto diante das estrelas e diante das coisas e dos pensamentos com fulgores estelares; um indomável desafio aos acontecimentos; uma curiosidade pelo que vai acontecer, a alegria e os caprichos da vida.

Somos tão jovens quanto nossa fé, e tão velhos quanto nossa dúvida; tão jovens quanto nossa confiança em nós mesmos, tão velhos quanto nossos receios; tão jovens quanto nossas esperanças, tão velhos quanto nossos deses- peros.

Enquanto o coração receber mensagens da beleza, alegria, coragem, grandeza e poder — da terra, dos homens e do infinito — seremos jovens. Quando os fios que transmitem essas mensagens tiverem caído por terra, e o coração se nos cobrir com a nuvem do pessimismo e o gelo do cinismo, então teremos realmente envelhecido, e Deus tenha piedade de nós.



O LIVRO

ca o «best-seller» número um. Seu editor na América do Norte, Pantheon Books, estima em um milhão o número de exemplares que serão vendidos.

Hoje é evidente que esse livro abalador de uma ideologia não teria visto a luz do dia se não fôsse Giangiacomo Feltrinelli. A história dessa proeza está cheia de intrigas, de ameaças políticas e de séria pesquisa d'alma. Com 32 anos de idade, Feltrinelli é o mais jovem editor italiano e provavelmente o mais corajoso. Embora comunista, prefere colocar a liberdade artística acima da disciplina partidária e graças a ele «O Doutor Jivago» foi conquistado para o Ocidente. Para fazer isto, Feltrinelli — homem magro, dinâmico, que usa óculos com aros de tartaruga — teve de enfrentar o partido comunista italiano, o maior e o mais forte aquém da Cortina de Ferro.

Em 1956, quando deu o golpe de mestre com o seu «Doutor Jivago», Feltrinelli tinha apenas 29 anos e encontrava-se na indústria editorial havia apenas um ano. Seu pai, um banqueiro, morrera quando tinha Feltrinelli quase 21 anos, deixando uma fortuna em terras, materiais de construção e outras empresas. Desde então as firmas têm sido dirigidas por administradores, enquanto Feltrinelli agora dedica seu tempo à edição de livros.

Feltrinelli foi presa fácil para os recrutadores comunistas. Mussolini estava no apogeu e o jovem Giangiacomo ficou impressionado pela resistência comunista aos odiados fascistas. Saía de noite para escrever nas paredes: «Abaixo Mussolini!».

Em novembro de 1945, enquanto ainda estudante, entrou voluntariamente para o Exército Italiano, que então combatia ao lado dos Aliados. Graças ao inglês que aprendera quando menino, foi designado como elemento de ligação

PARECE fantasia que o autor russo Boris Pasternak, cuja obra foi chamada um grande ato de fé, tivesse tido seu imponente romance, «Doutor Jivago», arrebatado da União Soviética e publicado por um comunista que teve de lutar consigo mesmo para igualar aquela fé.

«O Doutor Jivago» é um terrífico panorama das agonias revolucionárias da Rússia e, mais

importante ainda, uma veemente negação do materialismo ateu que é o ponto essencial do marxismo. Sua publicação enfureceu tanto os soviéticos que, quando Pasternak ganhou o Prêmio Nobel de 1958, recusaram a princípio permissão para que ele o aceitasse, chamando-o de «porco», de «serpente» e de «ovelha negra de um bom rebanho». Desde que apareceu em edição norte-americana, tornou-se na Améri-

QUE ABALOU O KREMLIN

com o Quinto Exército Norte-Americano e viu combater em torno de Bolonha. Deixou o exército como nele havia entrado: como particular.

Já a este tempo tinha-se Feltrinelli tornado comunista. «Eu era contra aquela classe na Itália que havia apoiado o fascismo, que era contrário ao operário, contra a reforma agrária, contra a mudança», explica ele. (Semelhantes opiniões, incidentemente, são expressas por Pasha, personagem em «O Doutor Jivago», que se volta para o marxismo como uma reação contra o acúmulo, a privação e a «indiferença dos ricos»).

Por algum tempo Feltrinelli escreveu para publicações esquerdistas e em 1954 começou a financiar uma linha de livros baratos sobre economia, história e sociologia. Isto o pôs em contato íntimo com a livraria cooperativa comunista, «Rinascita», que distribuía os volumes. Finalmente, em 1955, pôs-se a publicar por conta própria.

No começo de 1956, os chefes do partido comunista decidiram enviar um representante a Moscou para forçar ligações mais estreitas com os círculos literários soviéticos. O homem escolhido foi Sergio d'Angelo, que estivera dirigindo a Livraria Rinascita em Roma. D'Angelo fala fluentemente o russo e é especialista em assuntos russos. Feltrinelli, que o conhecia da livraria, pediu a D'Angelo que visse algumas obras russas que pudessem ser publicadas na Itália. Como representante de Feltrinelli em Moscou, tornou-se D'Angelo um dos principais protagonistas no caso «Jivago». Mesmo agora reluta ele em discuti-lo, evidentemente com medo de fazer correrem riscos amigos russos. Mas parte da história só pode ser contada por ele.

«Não muito depois de minha chegada a Moscou, em 1956 — diz D'Angelo — ouço uma estação de rádio anunciando que novo

livro de Boris Pasternak seria dentro em pouco publicado». Era uma novidade. Pasternak, o maior poeta vivo da Rússia, estava de novo preparando uma obra máxima depois de 25 anos de silêncio. Nenhum correspondente estrangeiro pensou que o assunto fosse digno de reportagem, desde que poucas pessoas no Ocidente tinham ouvido alguma vez falar dele.

Para D'Angelo, porém, o anúncio tinha importância. Em fevereiro de 1956, Khruchchev havia já pronunciado seu famoso discurso denunciando Stalin. Havia esperança de um abrandamento da polícia repressiva russa. Pasternak, de novo impresso, seria uma importante manifestação dessa mudança. D'Angelo rapidamente escreveu a Feltrinelli.

«Quería garantir-lhe — diz ele — a possibilidade de tornar-se o primeiro editor ocidental a publicar o livro».

Feltrinelli imediatamente disse a D'Angelo que se pusesse em contato com Pasternak e comprasse o manuscrito e direitos autorais mundiais para o livro. Mas descobrir Pasternak, verificou D'Angelo, foi difícil tarefa. Pessoas que o conheciam relutavam em admitir isso e quando o faziam, hesitavam em revelar-lhe o endereço. Finalmente, D'Angelo conseguiu encontrar o autor russo num pequeno escritório que Pasternak mantinha em Moscou. Poucos dias mais tarde, Pasternak convidou D'Angelo a ir à sua casa em Peredelkino, cerca de 20 milhas distante de Moscou.

Pasternak sempre gostara da Itália e dos italianos. Sua segunda mulher é meio italiana. Na varanda de sua pequena casa de madeira, cercada por uma floresta de bétulas e pinheiros, assinou Pasternak um contrato concedendo a Feltrinelli direitos mundiais sobre seu livro. Depois entrou em casa e trouxe uma cópia do romance, dizendo:

— Dei outra cópia ao Goslitizdat (a editora oficial soviética). Não tenho a menor idéia de quando será publicada.

Se D'Angelo tivesse mandado o romance pelo correio — como normalmente teria feito — a cópia datilografada provavelmente jamais teria chegado a Milão. Em vez disso, Feltrinelli fizera preparativos para um encontro em Berlim. D'Angelo pôs o manuscrito no fundo de sua mala, não, diz ele, para contrabandear-lo, mas somente porque não queria amarrar seus colarinhos. Os dois homens encontraram-se na elegante Kurfürstenda, na Berlim Ocidental, e D'Angelo entregou a Feltrinelli um embrulho amarrado de cordão, cerca do tamanho de um jornal dobrado em quatro partes.

De regresso a Moscou, descobriu D'Angelo que as autoridades russas sabiam que o manuscrito de «O Doutor Jivago» tinha deixado o País. Personalidades importantes, disseram-lhe, estavam transtornadas por causa disso.

De volta à Itália, Feltrinelli também descobriu que a atmosfera tinha mudado. Começaram a chegar cartas da Rússia. Uma pedia para devolver o manuscrito a Pasternak «para revisão». Outras sugeriam que não seria prudente publicar o livro. Depois, no outono de 1956, foi Feltrinelli chamado ao escritório de Palmiro Togliatti, o extremamente ilustrado chefe do partido comunista italiano.

— Desejo que você abra mão desse romance de Pasternak — disse Togliatti, com brusquidão. — Acho que você não deve publicá-lo.

— Mas por quê? — perguntou Feltrinelli, tomado de surpresa. — Na minha opinião, é um livro muito bom.

Togliatti, agindo, ao que parecia, de acordo com instruções de Moscou, insistiu no fato de que o próprio Pasternak havia muda-

do de idéia a respeito da publicação do livro. Quando Feltrinelli recusou-se a devolver o manuscrito, Togliatti, encolerizado, ameaçou-o de expulsão do partido e de retirada de todo apoio à sua empresa editorial. Insistiu com Feltrinelli para devolver o manuscrito à Rússia. O homem mais novo permaneceu firme.

— Vou pensar no assunto — disse ele.

— Pelo menos — disse Togliatti — prometa não publicá-lo sem me avisar antes.

Feltrinelli concordou.

Durante vários meses, não se ouviu falar mais no assunto. Depois, em janeiro de 1957, recebeu Feltrinelli uma carta do Goslitizdat de Moscou, pedindo-lhe para não publicar o livro no Ocidente, enquanto não fosse ele publicado na própria Rússia, possivelmente em setembro de 1957. Funcionários do partido visitaram várias vezes Feltrinelli para certificarem-se de que satisfaria o pedido.

Respondendo por intermédio de D'Angelo, em Moscou, escreveu Feltrinelli que não tinha intenção de explorar o livro com finalidades anti-soviéticas. Garantiu também aos russos que esperaria até 1º de setembro de 1957.

Somente muito mais tarde é que Feltrinelli descobriu que os russos já haviam recusado publicar o livro. Devolveram o manuscrito a Pasternak em 24 de outubro de 1956. Fôra ele acompanhado de uma áspera carta em que cinco luminares da literatura soviética apontavam o livro como «um trabalho sórdido e malicioso, cheio de ódio contra o socialismo».

Mas os comunistas queriam ainda convencer o recalcitrante Feltrinelli. Como o narra D'Angelo: «O dia 1º de setembro estava próximo e o partido vinha usando de todos os meios possíveis para impedir a publicação do livro. Mas Feltrinelli continuava a dizer que esperaria somente até a data combinada. Neste ponto foi jogada uma carta de surpresa. Em meados de agosto de 1957, recebeu Feltrinelli um telegrama assinado por Pasternak, dizendo: «Obséquio devolver meu manuscrito pois não o considero obra amadurecida».

Agora devia Feltrinelli tomar uma grande decisão. Encararia o telegrama em seu valor aparente e enviaria o romance? Em seu poder, juntamente com o manuscrito, havia várias cartas de Pasternak que pareciam em contradição com aquela sua derradeira mensagem. Por algum tempo, particularmente depois da revol-

ta húngara, a fé de Feltrinelli no partido tinha sido abalada; fôra submetido ao que ele chama «as maiores pressões». Indubitavelmente, Pasternak tinha também sentido a volta da rôscã do parafuso... e talvez mesmo com mais força. Hoje acredita-se que Pasternak recebera ordem de telegrafar para Feltrinelli dentro de 24 horas, sob ameaça de ser prêso.

— A Feltrinelli e a mim — diz D'Angelo — parecia que Pasternak não passara o telegrama por espontânea vontade. Estávamos certos de que ele não renegaria sua própria obra.

Tinha Feltrinelli outras razões para acreditar que o telegrama de Pasternak não tinha sido espontaneamente enviado. Algum tempo antes havia recebido a autobiografia do autor russo que, em suas últimas páginas,

A vida é dura e, para vencê-la, os novos pedem aos velhos a lição do sacrifício. —
Fernando Magalhães.

continha esta frase: «Acabei justamente minha obra maior, a única de que não me envergonho e pela qual responderei sem medo, «O Doutor Jivago»...»

Mas Feltrinelli ainda hesitou. Se publicasse o livro, estaria cortando ligações com seus amigos e colegas. Além disso, que aconteceria a Pasternak, se ele publicasse o livro? Teria o direito de jogar com a liberdade de outro homem e possivelmente com sua própria vida?

A decisão final de Feltrinelli veio do próprio livro. A princípio, não tinha pensado nele como particularmente anticomunista. Mas depois começou a encontrar respostas a perguntas que ele mesmo havia muito vinha fazendo. Feltrinelli já tinha publicado vários livros sobre o que ele chama «a desconcertante realidade de nossos tempos: o homem contra a máquina». No «Doutor Jivago» descobriu a necessidade da alma obumbrando a necessidade econômica.

— Aqui havia uma significação mais nova e mais aguda para os valores humanos — diz Feltrinelli — algo que é necessário agora, quando cada um de nós está em oposição a uma sociedade super-organizada. Na minha opinião, o homem está lutan-

do pela sua alma. Este livro, acredito, ajuda a gente a lutar.

Se fôsse assim, raciocinou Feltrinelli, Pasternak decerto desejaria que sua voz fosse ouvida. Afinal, tinha ele escrito que não era a função do escritor «servir a principados e poderes, comunismo ou capitalismo». Isto só podia significar que a responsabilidade do escritor era para consigo mesmo como homem. Se, pensou Feltrinelli, ele também tivesse de ser um indivíduo, teria de publicar o livro.

Somente um ano mais tarde iria saber quão correta fôra sua opinião, quando fotografos mostraram a alegria com que Pasternak recebera as notícias de que havia ganhado o Prêmio Nobel.

Entrementes, mandou Feltrinelli uma resposta cuidadosamente redigida ao telegrama de Pasternak. Contratos tinham sido assinados com dois editores estrangeiros: Gallimard, na França e William Collins Sons & Co. na Inglaterra. Era agora demasiado tarde para rescindi-los, telegrafou ele, exprindo seu pesar.

Mas os russos fizeram mais uma tentativa para impedir a publicação. Uma delegação de escritores russos chegou à Itália, ostensivamente, num dia santo. Era chefiada pelo poeta Alexei Surkov, secretário geral da União dos Escritores Soviéticos. Em Milão, Surkov teve um violento encontro com Feltrinelli em que censurou severamente o editor por não querer devolver o manuscrito de Pasternak. Quando Feltrinelli ficou firme, Surkov regressou, furioso, de mãos vazias.

Cheio de raiva, convocou o russo uma entrevista com a imprensa, convidando somente jornais da extrema esquerda.

— Acabo de encontrar-me com um editor italiano — disse ele com desdém — que está a ponto de publicar um romance que nunca foi publicado na Rússia... o autor tentou em vão readquirir de volta seu manuscrito das mãos desse editor. Nós, soviéticos, estamos admirados por ver que os desejos de um autor possam ser tão vergonhosamente violados.

Depois, como por acaso, lembrou outra ocasião, havia muitos anos, em que um livro de Pilniak — que tinha sido rejeitado na Rússia — surgira no estrangeiro. Esta alusão foi recebida com embaraço silêncio. Até mesmo os jornalistas comunistas lembravam-se de que, no período dos grandes expurgos, Pilniak tinha acabado diante dum pelotão de fusilamento!

Em novembro de 1957, «O Dou-

tor Jivago» apareceu nas livrarias italianas. As críticas foram unânimes laudatórias. Até mesmo críticos dentro da linha do partido o apreciaram em termos calorosos, embora, quando vieram a saber que o livro tinha sido condenado em Moscou, virassem a casaca, vergonhosamente, para acusar Pasternak. Dentro de um ano, contudo, mais de 120 mil exemplares foram vendidos, embora poucos «best-sellers» italianos tenham alcançado a tiragem de 30 mil. O êxito do livro tornou Feltrinelli o terceiro maior editor da Itália.

Houve várias tentativas para isolar Feltrinelli da vida intelectual italiana. Mas encontrou ele conforto numa frase de Pasternak de que «somente os isolados buscam a verdade e rompem com aqueles que não a amam bastante». A 6 de novembro de 1958, quase 300 escritores italianos, pintores, jornalistas, personalidades do palco e da tela convidaram o Ocidente a boicotar as atividades culturais soviéticas até que Pasternak tivesse permissão de trabalhar livremente. Foi somente depois disto que o partido comunista começou a atacar Feltrinelli frontalmente.

Houve outras e mais sutis tentativas para desacreditá-lo. Uma, como conta o editor, foi a misteriosa publicação na Holanda de uma edição russa clandestina de «O Doutor Jivago». No frontispício, sem sua permissão, estava o nome de Feltrinelli. Distribuíram-se exemplares da mesma na Feira Mundial de Bruxelas. Estranho foco de luz lateral é afirmar o editor holandês ter entregue exemplares a um mensageiro enviado por Feltrinelli. Feltrinelli nega que haja enviado qualquer mensageiro e posteriormente insiste que nunca deu ao editor holandês o texto russo. Recentemente, em notas publicadas no New York Times e em seis principais jornais da Europa, a firma holandesa admitiu que publicou o livro sem permissão e reafirmou os direitos de Feltrinelli a ele.

Feltrinelli não tem sido feliz em suas tentativas de utilizar «O Doutor Jivago», como propaganda política. Pensa que isto só pode piorar a situação de Pasternak.

Além disso, acha que a significação do livro transcende a guerra fria. Como diz o próprio Pasternak: «Meu romance não tinha intenção de ser uma afirmação política. Queria mostrar a vida como ela é, em toda a sua riqueza e intensidade. Não sou um propagandista».

As circunstâncias em que «O Doutor Jivago» chegou ao Ocidente suscitaram quase tantas controvérsias quanto o próprio livro. Um dos mais espinhosos problemas é a definição da frase «direitos mundiais». Alguns norte-americanos insistem em que têm o direito de utilizar o livro para filmes ou TV, uma vez que não existem acordos de «copyright» entre os Estados Unidos e a Rússia e porque Feltrinelli só possui os direitos de publicação do livro. Feltrinelli diz que é proprietário de todos os direitos e o fato de não existirem acordos entre aqueles dois países nada significa, uma vez que é ele italiano. Seja como for, os direitos têm sido rigorosamente pagos em contas abertas para Pasternak. Deverão atingir a um milhão de dólares.

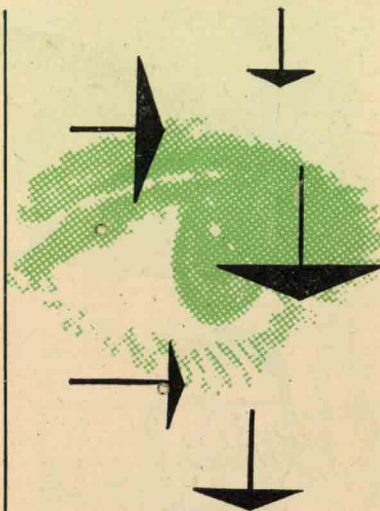
Quão profundamente foi Giangiacomo Feltrinelli, ele mesmo, afetado por «O Doutor Jivago», verificou-se em novembro de 1958, quando publicamente anunciou que havia abandonado o partido comunista um ano antes, «por várias razões, a derradeira das quais fora definitivamente o caso Pasternak».

Outros estão seguindo o exemplo dele. Estranhamente, suas defecções estão sendo efetivadas tranquilamente. Parece haver algo no livro que impele os leitores comunistas a reexaminarem sua posição. Que tão vigorosa afirmação de fé no espírito humano tenha partido da Rússia Comunista, foi um milagre. Que tenha ajudado leitores a se redescobrirem, é outro. Que haja despertado dúvidas entre os comunistas fiéis que não possam mais ser silenciadas, é talvez o maior milagre de todos.

«O Doutor Jivago» pode ter finalmente provido os intelectuais do Ocidente, ainda ligados ao partido comunista, de uma nova crença, graças à qual possam tornar-se livres. — Melton S. Davis.

VELOCIDADE E VÍTIMAS

O ministro dos Transportes da Alemanha Ocidental, declarou no «Bundestag» que, tão logo entrou em vigor a lei que obrigava a redução da velocidade nos centros habitados, o número de mortes por acidentes de trânsito, no ano de 1958, diminuiu sensivelmente, levando-se em consideração o incremento do tráfego automobilístico. Também os feridos diminuíram de 35 mil.



**VIBRANTE !
CORAJOSO !
INDEPENDENTE !**

Diário de Minas

Servindo-se do mais rápido meio de transporte, o avião, **DIÁRIO DE MINAS** atingirá diariamente o seu lar, esteja ele em qualquer ponto do Estado, oferecendo-lhe o melhor noticiário do País e do Exterior. Assine o **DIÁRIO DE MINAS** e fique em dia com o que acontece no Mundo.

Diário de Minas

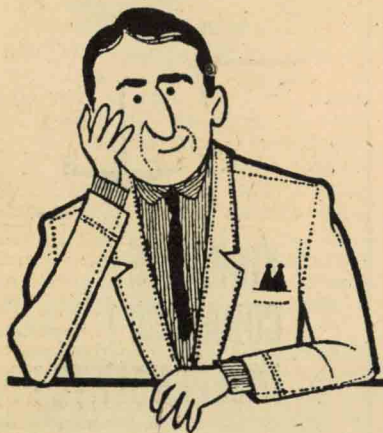
um jornal de fatos!

Redação e Administração :
Av. Bias Fortes, 222
Belo Horizonte

Assinatura :

Ano : Cr\$ 500,00

VIDA DIFÍCIL? POR QUÊ?



MELHOR do que reclamar contra as dificuldades da vida, melhor do que perder tempo em queixas que nada resolvem é dar um jeito de enfrentar as coisas com ânimo forte, tirando partido de todas as oportunidades de ganhar melhor — e de viver melhor! Se é este o seu caso, se você dispõe de algumas horas de folga durante o dia, e à noite também, aproveite esta oportunidade excepcional: inscreva-se em nosso Departamento de Assinaturas, como representante de **ALTEROSA**. Colocando assinaturas, no seu círculo de relações, você poderá fazer um outro ordenado, além de realizar um trabalho útil e meritório.

Para viver melhor
— ganhando mais —
— aproveite suas horas vagas,
colocando assinaturas de

ALTEROSA

a revista que todos desejam.

Dirija-se hoje mesmo à Soc. Editora **ALTEROSA** Ltda, Caixa Postal 279, Belo Horizonte (MG), indicando seu nome e endereço completos, profissão, estado civil, grau de instrução e fontes de referências idôneas — comerciantes, industriais ou bancos de sua cidade — com as quais não tenha relações de parentesco.

Emigração, Problema Moderno

Conclusão da pag. 93

10.400, número superado em 1958.

Por determinação do INIC, as chamadas nominais foram modificadas. Antes, com denominação de dependentes somente eram aceitos parentes de operários já estabelecidos em nosso País. Ampliou-se, assim, a chamada de pessoas que, a rigor, não dependem de emigrantes radicados em nossa terra. Consequentemente, cerca de mil operários especializados e técnicos em indústrias metalomecânicas, elétricas e siderúrgicas, aportaram ao Brasil, cumprindo ressaltar a vitória da Itália nesse fornecimento humano, seguida pela Grécia e a Espanha.

— E os técnicos agrários? — parece-nos estar ouvindo perguntarem nossos patricios. Poucos agricultores seguem na realidade, para o Brasil, deficiência que merece esclarecimento. A imprensa brasileira, reflexo, sem dúvida, da opinião pública, critica o aparente desinteresse dos nossos dirigentes na seleção e promoção da vinda de técnicos agrários. Considerando ineficiente nosso trabalho, declaram até que **artistas de cinema** são encaminhados ao Brasil como emigrantes, constituindo tal afirmação inverdade clamorosa. Cumpre-nos ressaltar, a bem da verdade, que agricultores somente chegam ao nosso País após chamada nominal e seleção regular com garantia pelo Instituto Nacional de Imigração e Colonização, através de contrato com o empregador, de trabalho contínuo e assistência.

Percorremos, periodicamente, por força de função, a Itália, a França e a Espanha, e podemos afirmar que o homem do campo europeu goza de razoável conforto: alimentação adequada, acomodação decente, fatores essenciais para sua fixação à terra. Vêem-se, pela manhã e à tarde, filas de agricultores que, em lambretas e bicicletas, percorrem estradas bem asfaltadas, indo ou vindo do trabalho. A televisão, amplamente difundida, proporciona a quase todos distração acessível, destacando-se os programas dedicados à agricultura e à pecuária, com previsão de tempo e instruções detalhadas quanto à plantação e criação. Quando não possuem televisores, visitam os bares e **tratorias**, que são modestos restaurantes, encontráveis facilmente, e em cujas poltronas cómodas assistem programas ci-

nematográficos e comentários educativos. Na sua alimentação têm primazia o vinho, o pão e o macarrão. Acentue-se, também, a assistência que lhes oferece o governo. E, ainda, a boa aceitação, nas fontes de consumo, do que produzem, e a facilidade de transporte da produção através de magníficas estradas cortando todas as regiões do País.

Quanto aos operários especializados, a seleção se processa dentro de programas estabelecidos. E a confusão algo irônica que a imprensa brasileira cria em torno desses operários decorre das credenciais físicas que apresentam, aliadas à indumentária bem cuidada, fatores que muito os recomendam. A aparência é, realmente, às vezes, de verdadeiros artistas. Mas as mãos calosas desmentem a aparência...

Temos bem vivo na memória o movimento de rebeldia de húngaros que aportaram ao Brasil, causando escândalo e preocupação ao INIC. Mas se atentarmos que foi manifestação da minoria, sob influências ideológicas, chegamos à conclusão de que o acontecimento não significa algo desmoralizante quanto à competência profissional dos refugiados húngaros. Aliás, a seleção foi realizada à base de solidariedade humana.

O governo brasileiro atendera o apelo das Nações Unidas no sentido de acolher o maior número possível de refugiados na Áustria. O Serviço de Seleção enviou dois funcionários a Viena, dando início à seleção. Mas não foi obedecido, na seleção, o critério da especialização profissional. Posteriormente, sim, dando cabal cumprimento à promessa, enviou dois representantes à Iugoslávia, com instruções para criteriosa escolha de técnicos e operários especializados em indústria. O trabalho, cuja parte profissional nos coube, teve a assistência médica do Dr. Guilherme Joffily, atuando, como intérprete, pois descende de húngaros, o estudante brasileiro Pedro Kende. Nove mil famílias estavam instaladas em velhos galpões e vivendas abandonadas, que sofreram reparos para acolhê-las. Equipe de funcionários americanos, colaborando com diversas delegações europeias, procedia à filtragem dos refugiados, baseando-se em sua vida pregressa.

Muitos refugiados preferiam a Inglaterra e os Estados Unidos, e alguns, verificando a ausência

de ingleses no serviço de seleção, desejavam transformar o Brasil em trampolim, alcançando o País desejado, porquanto o objetivo imediato era sair do campo de concentração iugoslavo. E foi assim que procedeu uma família húngara quando aportou, clandestinamente, a Londres.

O número de refugiados que entraram no Brasil atingiu a soma de 1.781, realizando todos perfeita integração em nosso meio e produzindo a contento, como os nossos trabalhadores. Vem-nos à lembrança a figura de Sandor Arvai, casado, técnico em vidro: jornal brasileiro noticia que, atualmente, ele integra sociedade industrial de Porto Alegre, produtora de termômetros, com vultoso capital. E não esquecer que Imre Herbanszky vive, também, na capital riograndense, desde fevereiro de 1957, como sócio de fábrica de lustres de madeira. E, ainda, para melhor comprovação da capacidade de trabalho e do interesse do húngaro em fixar-se no Brasil, citemos Gyort Soltesz, casado, com trinta e quatro anos, que, chegando ao Rio, com profissão pouco rendosa, visitava apartamentos, procedendo a consertos hidráulicos. Nesse trabalho, economizou duzentos e cinquenta cruzeiros e associou-se à firma fabricante de peças, inclusive de automóveis.

Já que falamos nos húngaros, falemos, também, nos gregos e espanhóis. Existem, no Brasil, cerca de 15.000 gregos. De 1952 até hoje, o CIME já transportou, aproximadamente, 6.000 gregos. Brasília tem, a seu serviço, cerca de duzentos. Por estranho que pareça, o trabalho seletivo de emigrantes gregos não estava afeto ao Serviço de Seleção, mas era realizado pelo nosso consulado naquele País. O aproveitamento não era, portanto, correspondente à expectativa, o que determinou decisão do atual chefe do Serviço de Seleção no sentido de ampliar a ação dos selecionadores brasileiros.

Quanto aos espanhóis, observamos grande interesse, que está sendo motivo da periódica viagem de funcionários lotados em Roma para serviço de seleção na Espanha. Aliamos à credencial da alta especialidade dos operários espanhóis a facilidade de sua adaptação em nosso País, por força dessa afinidade racial que, em nossa opinião, é maior que a existente entre nosso povo e o italiano. Sob o aspecto físico e fisionômico, consideramos o espa-

nhol mais parecido com o brasileiro que o italiano. A alimentação é quase igual a nossa, quando a do italiano tem, como base, a massa. Eis por que consideramos que o clima, sistema de vida e outros detalhes tornam, atualmente, o espanhol emigrante de primeira água. Acabamos intensa seleção naquele País, cujo território percorremos todo, e constatamos que, através de cartas a seus amigos e patrícios, os espanhóis que se encontram no Brasil se confessam felizes e perfeitamente adaptados à vida e costumes brasileiros. Aspecto interessante é que, recebendo a orientação que sempre lhes damos sobre as dificuldades comuns em nosso meio, inúmeros espanhóis se referem à construção de Brasília, citam Zweig e sua obra «Brasil, país do futuro», e a revista «O Cruzeiro» na sua edição espanhola que circula na Europa.

Os primeiros espanhóis selecionados pelo nosso Serviço chegaram ao Brasil em agosto de 1958 e foram todos encaminhados a indústrias automobilísticas, percebendo o salário médio de dez mil cruzeiros, tendo sido muitos encaminhados à indústria pesada com ótimos resultados.

Tive, em Bilbao, oportunidade de selecionar candidato que, eufórico, me exibiu carta de amigo e patrício no Brasil: elogiava nossos costumes, alimentação e clima e que havia adquirido pequena casa, onde já residia e para cuja aquisição pagara, já, expressiva soma inicial. As referências se revestiam de tal entusiasmo que se nos afiguraram decisivo estímulo para os elementos que seguirão no próximo embarque. E constatamos que, mesmo com as dificuldades que o CIME encontra para realizar eficiente propaganda naquele País, o nosso Brasil é o sonho da juventude que, operosa e dinâmica, mas asfiziada pela super-população européia, deseja encontrar o caminho do êxito profissional e a felicidade.

Justo que focalizemos, nesta apreciação superficial sobre o elemento espanhol, a figura simpática e dinâmica de Guilherme Mullet, grande amigo e conhecedor do Brasil, e que é um dos dirigentes do CIME de Madrid. Sua atuação eficiente o vem impondo à nossa admiração, motivo por que o ministro Sérgio Correa da Costa, Chefe do Serviço Brasileiro de Seleção de Emigrantes na Europa, estuda designar dois funcionários para atuação permanente na Espanha.

VARIZES

Tratamento sem
operação e sem injeções

Após longos estudos foi descoberto um ótimo remédio para tratamento das varizes (nas pernas). Use na dose de 3 colheres (das de chá) ao dia em água açucarada e fricção a pomada no local. As pernas readquirem seu estado normal e a beleza estética. USE DURANTE 3 MESES. Para hemorroidas (mamilos externos e internos) inclusive os que sangram usa-se a pomada no local e toma-se juntamente o líquido. Com este tratamento em pouco tempo poderão ser debelados tais males.

NAS FARMÁCIAS E DROGARIAS

HEMO-VIRTUS

POMADA E
LÍQUIDO

Limpeza da pele em casa



Agora em sua casa num minuto apenas, antes de deitar-se - faça a mais completa limpeza da pele com **CRAVOSAN!**

Penetrando profundamente nos poros - Cravosan dissolve as impurezas e manchas da pele; remove pó, gorduras, e elimina rugas, cravos, sardas e espinhas. Cravosan - limpa - suaviza e amacia.

CRAVOSAN

remove a maquiagem
Fórmula original do Instituto de
beleza «Guillon» de Paris.
NAS FARMÁCIAS E
PERFUMARIAS

MUSEU DO OURO

Documentação histórica e artística
do Ciclo do Ouro em Minas
Gerais.
Aberto diariamente das 12 às 17
horas. (Fechado às 2^{as} feiras para
limpeza).



Hotel Financial, em
BELO HORIZONTE
Mobiliado com
MÓVEIS GUELMANN
CURITIBA * PARANÁ
Solicitem prospectos

Desde o começo,
Jenny combateu o que
parecia ser
uma retirada e
Martin tinha
uma estranha sensação
de que tudo
acontecera antes.

O BÔLO DE NATAL

MARTIN Ames vagava pela sua loja, aquecido pela calefação central própria, pisando confortavelmente sobre o piso todo alcatifado e refletido admiravelmente pelas suas paredes cobertas de espelhos. A afoção do Natal estava justamente atingindo o seu auge. Renas mecânicas cavalgavam o ar uns seis metros acima dêle e suas campainhas repicavam um alegre dueto com os melodiosos tilinteios das caixas registradoras.

— Ali vai o patrão! — cochichavam suas caixeiros para a turma provisória, e sendo a turma provisória, na sua maior parte, constituída de mulheres, inclinadas a pôr as coisas primordiais em primeiro lugar, cochichava por sua vez:

— Casado?

Não, mas tencionava casar-se. Se fizesse tal proposta a Anita, na véspera de Natal, provavelmente estaria casado antes do fim de janeiro. Anita, como todos os Holloways, acreditava nas decisões rápidas e na ação pronta. Fôra assim que a loja geral Holloway viera a tornar-se a se-

gunda maior da cidade. A da família Ames, que acreditava nas decisões ainda mais rápidas e na ação ainda mais pronta, era a maior.

Sendo Anita a filha única, corriam confortavelmente os pensamentos de Martin, seria apenas uma questão de tempo antes que a união se realizasse. Havia muita gente no quadro de empregados da casa Holloway de que Martin Ames Ltda. poderia fazer excelente uso. O vitrinista, por exemplo...

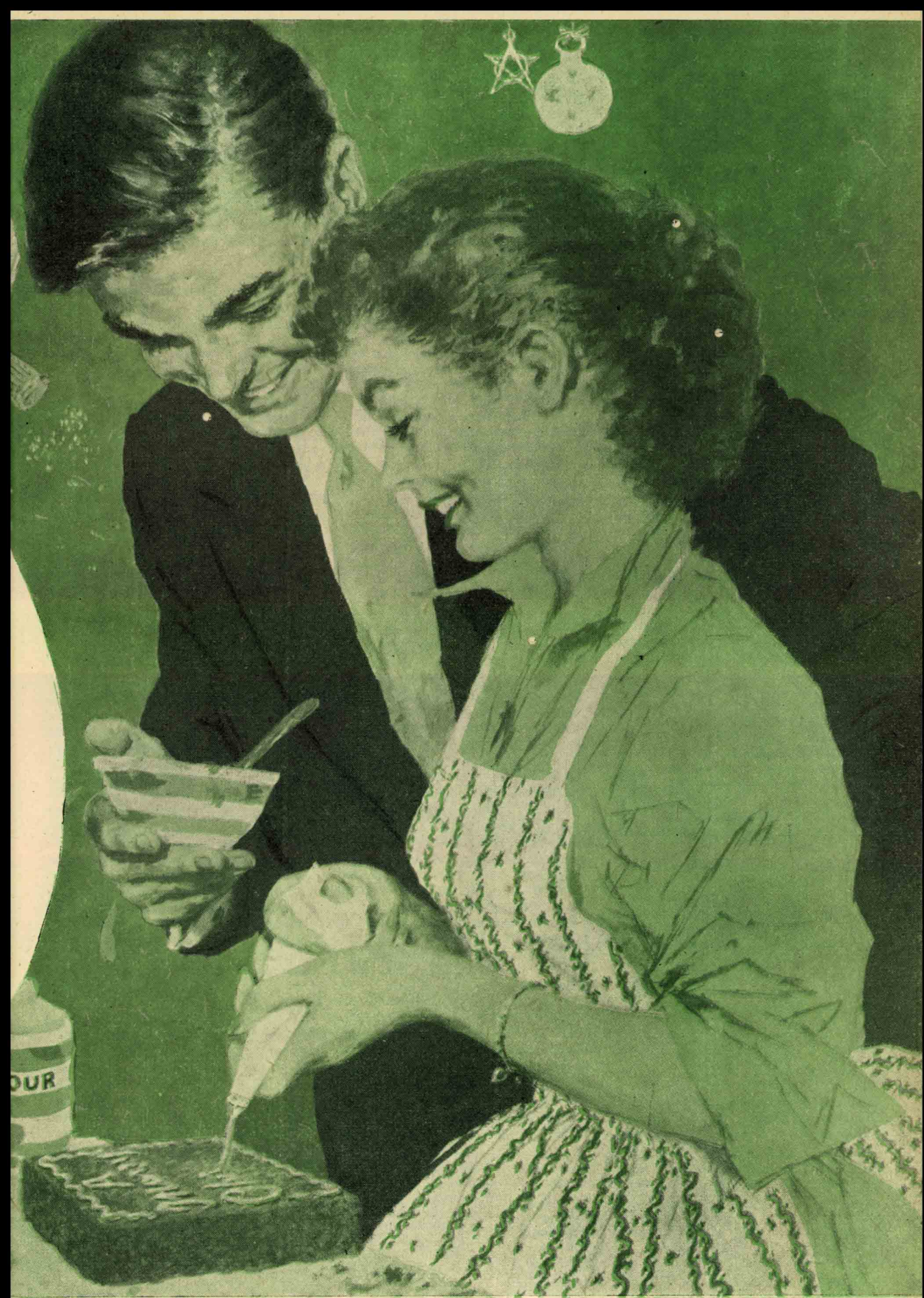
Seu devaneio foi interrompido pelas palavras mais incríveis que jamais ouvira do lado de dentro das portas de vidro da loja.

— Se eu fôsse a senhora — estava dizendo, confidencialmente, uma de suas caixeiros a uma freguesa — não compraria isto. Não vale o seu dinheiro.

Ficou boquiaberto e tornou a olhar. A delinqüente era um tanto alta e delgada, com uma massa de cabelos côr-de-rato, puxada dum jeito deseixado para trás. Não podia ver o rosto, mas não o desejava particularmente; o

(Continua na pag. 54)

Conto de SHEILA SIBLEY



que lhe via das costas não era nada que excitasse a curiosidade.

Dirigiu-se a passos indignados para a chefe do departamento de livros e perguntou:

— Quem é aquela moça?

— É a senhorita Marchmont, senhor.

— Mande-a embora — disse concisamente, e voltou-se para ir.

— Mas, Sr. Martin — disse a velha Senhorita Spinks, que pareceu ter perdido a cabeça — o senhor não pode fazer isto.

Ele fitou-a com um olhar que era digno de seu avô.

— Sou o dono desta firma — assegurou-lhe, de sobranceiras arripiadas — e quando acabo de ouvir uma de minhas caixeiras dizer a uma freguesa que não compre...

A Senhorita Spinks torceu as mãos, mãos de um velho e agitado camundongo.

— Sr. Martin, ela é a melhor vendedora que temos. Não é apenas boa, é incrível. Veja seu caderno de vendas. Sr. Martin, aquela moça conseguiu fazer saírem mercadorias que tínhamos nas prateleiras há anos.

Martin lembrou-se de que seu pai e o pai deste, antes dele, tinham depositado uma boa dose de confiança na Senhorita Spinks. Examinou a fôlha de vendas escrupulosamente e chegou à conclusão que, com uma turma de senhoritas Marchmont, estaria ele milionário antes de terminar o ano, não tendo importância que já se estivesse em dezembro.

— Como ela o consegue? — perguntou.

— Se eu o soubesse, Sr. Martin — disse a Senhorita Spinks com um brilho nos olhos — já teria minha própria loja há muito tempo.

A espantosa Senhorita Marchmont vinha na direção da caixa registradora, com os braços cheios de altas pilhas de livros infantis para serem embrulhados e, caminhando atrás dela, ostentando um ar de alguém cujos problemas foram resolvidos como que graças a uma mão divina, vinha a freguesa a quem ela aconselhara que não comprasse.

— Foi um alívio — dizia ela — encontrar alguém tão prestimosa como a... como é seu nome?

— Jenny Marchmont.

A moça mostrou um sorriso cáldo, quase maternal. Uma espécie de moça que conforta, pensou Martin Ames, vendo-lhe o rosto plenamente, comum, mas agradável.

Depois que a agradecida freguesa pagou uma atordoante so-

ma e partiu, a Senhorita Spinks fez um aceno para a moça chamada Marchmont.

— Estive falando com o Sr. Ames a respeito de recorde de vendas de você. Ficou muito admirado, admiradíssimo mesmo.

— E impressionado, Senhorita Marchmont.

Sorriu Martin para ela, paternalmente, e estendeu a mão no tradicional gesto de um Ames ao felicitar um membro de seu quadro de empregados.

— Continue a trabalhar bem assim.

A Senhorita Marchmont deu-lhe a mão, obedientemente, e deixou que ele a apertasse. Um meio sorriso mostrou uma leve covinha. Martin achou aquele sorriso estranhamente desconcertante.

— Obrigada — disse ela. — Bem, se me dá licença, prefiro ir continuar a trabalhar bem.

A medida de uma boa escolha é dada pelo fato de um homem gostar daquilo que escolheu. — Charles Lamb.

Martin sentiu-se esquerdo, com um sentimento de destituição. Encolheu os ombros e continuou seu giro de inspeção. Em que estivera ele pensando? Ah, sim, na fusão de Ames e Holloway. Anita, sem dúvida, tentaria «Holloway & Ames», mas «Ames & Holloway» tinha melhor timbre, ninguém podia pôr isto em dúvida.

Anita. Com uma sensação de choque, descobriu-se incapaz de relembrar o rosto de sua futura noiva. Tentou com mais esforço. Sim, sem dúvida, era morena, vivaz, tinha uma boca cheia, um tanto protuberante... Seus pensamentos saltaram para uma tangente, ao lembrar-se de outra boca. Mas por que motivo não usava «bâton» a Senhorita Marchmont?

Franziu o cenho. Elegante, certamente era, mas não o parecia. Seu vestido preto, por exemplo. Era verdade que os sacos estavam em moda, mas não aquela espécie de saco, maciço, frouxo, uma polegada mais ou menos demasiado comprido. E aquele cabelo amortecido...

☆

Naquela noite, dirigindo seu carro preto ao sair da loja, achou-se preso num cerrado engavetamento de tráfego. De má vontade, dispôs-se a esperar.

Havia um grupo de pessoas em frente das vitrinas de sua loja, atraídas pela cintilação das coisas de Natal lá dentro. Uma mãe sustentava erguida sua criança para que esta visse um trem de ferro dirigido por anões, e dois jovens namorados, de mãos dadas, olhavam uma bateria de cozinha. Como Martin observou, o excitado murmúrio deles mudou-se em feliz gargalhada.

Sentado sozinho no seu enorme carro, sentiu Martin uma curiosa solidão, um inesperado isolamento. Visitou-o a idiota idéia de que fôra fechado com a loja e na verdade só reviveria quando se abrissem as portas pela manhã.

Aquêle mundo das horas posteriores ao trabalho, em que namorados riam e mães falavam do Menino Jesus, era uma terra estrangeira para a qual não tinha ele passaporte. Para entrar nela, supôs, ter-se-ia de sentir por alguém tão intensamente quanto ele sentia pela sua loja.

Inclinou-se para diante, subitamente. Vinha vindo uma moça na sua direção. Usava uma capa de um vermelho côr-de-melancia e caminhava com a alegre liberdade de uma dançarina.

Pensou admirado: «Mas eu a conheço! Estou certo de que já nos encontramos antes!» Ao vê-lo, ela sorriu e fez-lhe um cordial e casual aceno de mão. Teve a sensação de que tomavam uma decisão por ele, uma decisão que o deixava com apenas uma coisa a fazer — abrir a porta e dizer: «Posso deixá-la em alguma parte?»

— Oh, sim, por favor. O senhor vai passar perto do Parque Holanda?

Não ia, mas naquela noite iria, levado de gratidão a ela por acabar com uma solidão que tinha sido, a despeito de sua brevidade, tão profunda, que não conseguia chegar a medir-lhe a profundidade. Quando ela entrou no carro, perguntou-lhe:

— Já acabou de fazer suas compras de Natal?

— Eu nunca compro presentes de Natal — respondeu-lhe ela.

— Eu os faço.

O caminhão de carga, em frente deles, começou a deslocar-se. Lançou para ela um olhar de soslaio, antes de pôr seu carro em movimento. Os anéis de seu cabelo castanho tinham um brilho sedoso.

— Que outra coisa se pode fazer nestes dias? — perguntou ele. — Gravatas de tricô? Seguradores de painéis?

— Pode-se fazer brinquedos para crianças — disse-lhe ela — e tricotar a meia para a ocasião. Obtive grande êxito com caixas de bôlo de gengibre gelado, antigamente. As pessoas gostam de ganhar coisas que deram à gente algum trabalho.

— Sim, supponho que gostam — acrescentou ele, distraidamente. — Gostaria de receber uma caixa de bôlo de gengibre feito em casa.

Ela sorriu para ele.

— O senhor não está na minha lista.

— Façamos uma troca — ofereceu ele. — A senhorita me põe na sua lista e eu a ponho na minha.

— Feito — disse ela.

Se eu retardar até o próximo sinal de tráfego, pensou ele, talvez possa parar o tempo bastante para olhá-la bem e talvez então consiga lembrar-me de seu nome. Mas quando se voltou para olhá-la, deu com os olhos dela brilhantemente risonhos.

— O senhor não sabe quem eu sou, não é mesmo? — perguntou ela.

— Sei, sei, mas tenho andado com tanta coisa na cabeça ultimamente. — Algo no olhar dela enervou-o. — Não — confessou finalmente — não tenho a mais nebulosa idéia.

— Sou Jenny Marchmont.

— Não é ainda uma luz cegante — disse ele, desculpando-se.

— Da loja. Do departamento de livros.

Ele olhou boquiaberto para a bela boca, pintada com a mesma cor alegre de sua brilhante capa vermelha.

— Não é possível que seja.

As luzes mudaram para verde e o carro atrás buzinou sem parar. Pôs-se o seu carro em movimento vagaroso.

— Aquêlo cabelo que a senhorita usava — disse ele, com cautela. — Era uma cabeleira?

Ela riu.

— Nunca pensei nisto. Uma dose mais forte de verniz barato — explicou ela, bondosamente — escurece o cabelo.

Ele fez um gesto desamparado para o brilhante cabelo dela:

— Então como...?

— Escovei-o. — Sua voz soou muito tranqüila.

— Por quê? — resfolegou ele. — Posso perguntar por que achou a senhorita necessário disfarçar-se daquela maneira?

— Pois não — disse ela — o senhor pode perguntar, se quiser.

E durante o resto da viagem, não disse absolutamente nada. Somente quando saiu do carro é que ela falou de novo.

— Não lhe interessaria realmente — disse ela; e num clarão de cor foi-se embora.

No dia seguinte, dirigiu-se ele à loja, agora com seu vestido pardacento, e disse:

— Não respondeu à minha pergunta.

Ela se mostrou muito polida.

— Que pergunta, Sr. Ames?

De certo modo aquêlo «Sr. Ames» soou errado naquela bela boca, mas não iria ele certamente implorar de uma de suas empregadas, e ainda por cima, das temporárias, que o chamasse de «Martin».

— Por que a Gata Borralheira reaparece? — perguntou-lhe ele.

Ela usava óculos naquele dia, e não lhe ficavam nada bem.

— É o método Marchmont

— disse ela — baseado na teoria de que a dona de casa mediana fica aterrorizada diante das caixas. Quanto mais elegantes se mostram, quanto mais inteligentes, tanto mais a outra se sente acanhada. Mas nenhuma mulher tem receio de uma coisinha desalinhada, apagada, de cabelo repuxado para trás. Um olhar para mim diz-lhes que eu possivelmente não seria capaz de forçá-las a comprar alguma coisa que não quisessem. Desculpe-me.

Afastou-se dele para colocar-se a sotavento de uma corpulenta mulher que folheava um livro a respeito de gatos. Não disse, como lhe ensinavam a dizer: «Posso ajudá-la?» Disse: «São principalmente as meninas que se interessam por gatos».

A corpulenta mulher sorriu levemente e começou a afastar-se devagar.

— Estava procurando alguma coisa para um menino.

Jenny Marchmont sorriu.

— Já está ele no período da imitação de índios?

A freguesa ergueu os olhos ao céu:

— Ora se já!

— A senhora poderá adquirir equipamentos de índio na seção de brinquedos.

— Já ganhou um. — A mulher corpulenta, acalmada, perdera a pressa de fugir. — Pensei que talvez um livro...

— Bem, um livro é dificilmente aquilo que convém a um menino realmente ativo — disse a Senhorita Marchmont, da seção de livros, com o ar de completa candura. — Ora, lá em cima, há tambores de guerra dos índios a três por dois.

— Eu imaginara, antes, algu-

(Continua na pag. 74)

☆☆☆

Depois dos Vinte

MUITAS pessoas são unânimes em afirmar que, depois dos vinte anos de casados, os cônjuges têm idéias completamente diferentes com relação ao amor no casamento, e tal afirmação conta com o apoio do prof. E. Lowell Kelly, Presidente do Departamento de Psicologia da Universidade de Michigan, se bem que com algumas restrições.

O prof. Kelly realizou testes com 116 homens e mulheres, um

pouco antes de eles contraírem matrimônio, e repetiu os testes vinte anos mais tarde, observando que os indivíduos que achavam que o marido devia ser mais velho do que a esposa, devendo, além disso, trazer sobre si as responsabilidades da família, continuavam tendo a mesma opinião vinte anos depois de casados — ainda que com menos firmeza.

Nos casais onde alguma mudança real se fez notar, pôde-se

perceber que fôra causada pela esposa, que tinha alterado o seu ponto de vista, declara o prof. Kelly. Depois de vinte anos de vida conjugal, as mulheres não estavam tão seguras com relação ao fato de que o marido e a esposa deviam partilhar os mesmos interesses intelectuais, por exemplo, do mesmo modo que não insistiam em que ambos deviam expressar o seu amor mútuo através de palavras.



Alfred Dreyfus

O PROCESSO

UM dos processos judiciais mais sensacionais do século passado foi sem dúvida o que levou à degradação e condenação o Capitão Alfred Dreyfus do exército francês e, pelas suas repercussões, chegou a ameaçar a França de uma guerra civil. Até hoje, tantos anos volvidos e depois de ter sido cabalmente provada a inocência de Dreyfus, há quem tenha suas dúvidas e, apaixonadamente, não queira deixar-se convencer pela evidência dos fatos.

Um leitor desta revista pediu esclarecimentos sobre o assunto. Vamos tentar aqui um resumo da famosa questão, impedindo-nos a falta de espaço maior desenvolvimento dos aspectos mais empolgantes desse grande drama judiciário.

★ ★ ★

Em setembro de 1894, a encarregada da limpeza na embaixada da Alemanha, dirigida pelo Conde de Münster, a Sr^a Bastian, que não é senão uma agente do serviço secreto francês, envia, como costuma fazer, todos os papéis abandonados nas cestas ou os restos mal calcinados de papéis que encontra nas lareiras, ao Comandante Henry, um dos membros do serviço francês de espionagem, afeto ao Ministério da Guerra. Entre 24 e 26 de setembro daquele ano, em meio dos papéis enviados havia uma carta dirigida ao adido militar alemão coronel De Schwartzkoppen, sem data nem assinatura, na qual eram fornecidas informações de caráter militar a respeito do exército francês, por alguém que já andava em contato com aquele oficial alemão.

Sandherr, o chefe do serviço de espionagem francês, comunica o fato ao Ministro da Guerra. Reúnem-se membros do Estado-Maior, fotografa-se o documento, mas nada de elucidativo se consegue. Concordam todos, porém, que o documento devia ter partido de um oficial de artilharia ligado ao Estado-Maior. Estudando-se a letra de vários oficiais que estiveram de serviço nos vários departamentos do estado-maior, chegou-se à conclusão que havia certa semelhança entre a letra da carta e a do Capitão Alfred Dreyfus, estagiário junto ao Estado-Maior, naquele momento.

Quem era esse Capitão Dreyfus? Um alsaciano, descendente de judeus, porém toda a família

é francamente favorável à França. Tem 35 anos de idade. Goza de uma boa situação financeira. Não só é rico, mas sua esposa também o é. Formado em engenharia militar, foi um moço estudioso e de conduta exemplar. O Ministro da Guerra, Mercier, encarrega o Capitão Paty de Clam de proceder a um exame mais minucioso e aprofundado, cuja conclusão é de que a semelhança entre as duas letras justificava um exame legal. Há uma reunião do ministério para resolver se se deve levar adiante e publicamente aquele caso de espionagem, baseado em vaga semelhança de letras. O Ministro do Exterior, Hanotaux, é contra, pois a publicidade do processo iria revelar que o papel foi subtraído da embaixada da Alemanha, o que poderia criar embaraços de ordem internacional. Mas o Ministro da Guerra teima em levar o caso adiante. Um perito consultado, Gobert, opina que o documento poderia ser de outra pessoa que não aquela de quem se suspeita, isto é, o Capitão Dreyfus, pois a fraca semelhança não oferecia base para acusá-lo. Mas o documento é entregue ao famoso perito Bertillon, o tal das impressões digitais como meio de identificar os indivíduos. E este vai logo afirmando que as duas letras são idênticas.

Convoca-se Dreyfus ao gabinete do General Boisdeffre, chefe do Estado Maior. O Comandante Paty de Clam dita para ele trechos do próprio documento encontrado. A mão de Dreyfus treme. Paty de Clam interpela-o:

— O senhor está tremendo.

— Sim, de frio — replica Dreyfus.

O comandante dá-lhe ordem de prisão e mostrando-lhe um revólver, dá-lhe a entender que deve suicidar-se. Dreyfus recusa-se e é conduzido à prisão. Faz-se minuciosa busca na casa de Dreyfus, porém nada se encontra de comprometedor, nem mesmo fôlha alguma do papel quadriculado em que está escrita a carta encontrada na embaixada alemã. Interroga-se Dreyfus, que nada confessa. Consultam-se novos peritos. Um deles, concorda com Gobert, dois outros com Bertillon. Não há, pois, unanimidade a respeito das letras.

Mas a imprensa fareja o que se está passando. O *Figaro* de 1º de novembro de 1894 denuncia a

Dreyfus

traição, sem citar nome, mas o jornal anti-semita a **Libre Parole** abre manchete, falando em alta traição e citando o nome do oficial judeu, Dreyfus. As embaixadas da Alemanha e da Itália protestam, pois o adido militar italiano Panizzardi agia em conformidade com seu colega alemão. Panizzardi aconselha o chefe do Estado-Maior italiano a desmentir qualquer relação com o Capitão Dreyfus. Mas este telegrama, que chegou ao conhecimento dos franceses, foi mantido secreto.

A este tempo, Sandherr, o chefe do serviço de espionagem do exército francês, apoiado pelo Comandante Henry, é francamente contrário a Dreyfus. Entre os mais encarniçados acusadores de Dreyfus estão Henry e Lauth, seu companheiro no serviço de espionagem.

Começa a agitação pública, desencadeada pela imprensa nacionalista, que acusa o Ministro da Guerra de se mostrar pouco enérgico naquele caso de traição. Mercier manda publicar um artigo no **Figaro** em que acusa frontalmente Dreyfus, chegando a afirmar que havia três anos que mantinha este relações com agentes de um governo estrangeiro, que não eram nem da Áustria, nem da Itália. Dreyfus estava traindo, portanto, em favor da Alemanha. O embaixador alemão protesta junto a Hanotaux, declarando peremptoriamente que nenhum oficial de sua embaixada jamais tivera relações com o Capitão Dreyfus. Mas foi inútil o desmentido. Os jornais nacionalistas e anti-semitas acendem a fogueira, publicando notícias falsas e boatos. Reuniões dos ministérios com o próprio Presidente da República. A opinião pública está apaixonada contra o traidor.

A 19 de dezembro é Dreyfus submetido a conselho de guerra. Seu advogado Demange quer que a audiência seja pública, mas o Coronel Morel que preside o conselho, ordena que a sessão seja secreta. Está presente à mesma o Comandante Picquart, como observador mandado pelo Ministro da Guerra. Bertillon, sempre numa agitação que raia pela loucura, acusa Dreyfus e justifica a pouca semelhança das letras, a de Dreyfus e a do documento, afirmando que Dreyfus quis disfarçar a própria letra. Henry depõe a princípio sem muita ênfase,

mas depois pede para depor novamente e, numa atitude dramática, espetacular, diz que soube de boca de um personagem importante que um oficial do Ministério da Guerra traía. Não quis, porém, revelar o nome desse personagem. (Era o antigo adido militar espanhol Val-Carlos que, dez anos depois, negará as palavras que Henry lhe atribuiu). E erguendo a mão para o Cristo que pendia da parede da sala do tribunal, jurou:

— Em minha alma e consciência, juro que o traidor é o capitão Dreyfus.

Apesar de não se encontrar um móvel para a traição de Dreyfus, homem rico, de conduta irrepreensível, de fé de ofício limpa, de ser a única prova um documento cuja letra não se podia a rigor atribuir a ele, foi Dreyfus unanimemente reconhecido culpado e condenado à degradação e deportação.

Que acontecera para que tal condenação se desse? No momento em que os juízes entraram para a sala de Conselho, a fim de deliberar, penetra ali Paty de Clam trazendo em nome do Ministro da Guerra, Mercier, um envelope lacrado. De acordo com a lei, não deveria o presidente do Conselho admitir a entrada de quem quer que fosse no recinto secreto das deliberações. Mas permitiu-o e não só isto, deu parte ao Conselho do que continha o envelope. Neste havia especialmente uma carta datada de 16 de abril de 1894, anterior, portanto, ao documento que servia de base de acusação contra Dreyfus, e que no processo era designado pelo nome de «bordereau». Acompanhava essa carta um comentário do Ministro da Guerra em que se explicava que a tal carta fora enviada pelo adido militar alemão ao adido militar italiano. Dizia ela:

«Meu caro amigo, lamento muito não tê-lo encontrado antes de sua partida; de resto, estarei de volta dentro de oito dias. Incluo doze planos que esse canalha do D... me entregou para o senhor. Disse-lhe que não tinha a intenção de reatar as relações. Pretende ele que houve um mal-entendido e que fará todo o possível para satisfazê-lo. Diz que se lhe metera na cabeça a idéia de que o senhor tinha má opinião a seu respeito. Respondi-lhe que ele estava louco e que eu não acreditava que o senhor quisesse reatar as relações com ele.

Faça o que quiser. Adeus, estou com muita pressa.

ALEXANDRINE».

O mais estranho nesta carta é que parece ter sido escrita não pelo adido militar italiano, que era quem usava o pseudônimo de Alexandrine, mas pelo adido alemão. O comentário do Ministro da Guerra que acompanhava esta carta desapareceu depois, um rascunho conservado por Sandherr foi queimado, mas uma cópia do mesmo, conservada por Paty de Clam, foi por ele publicada mais tarde e sua última frase era a seguinte:

«Os fatos enumerados podem aplicar-se ao Capitão Dr... Neste caso, o D... que entregou os planos de Nice, o autor da carta incriminada e o Capitão Dr... não seriam senão uma única e mesma pessoa».

Pressionados assim pelo Ministro da Guerra e sem que Dreyfus e seu advogado tivessem conhecimento desses novos documentos e acusações, foi Dreyfus condenado, embora nunca se confessasse culpado e as provas contra ele fossem fracas. Não importou tampouco que o Imperador Guilherme II, da Alemanha, publicasse enérgico protesto, declarando que a embaixada alemã «jamais teve a menor relação direta ou indireta com o Capitão Dreyfus».

As 8 horas e 45 minutos do dia 5 de janeiro

de 1895, no pátio central da Escola Militar dá-se a cerimônia da degradação militar do Capitão Dreyfus. A multidão por trás das grades grita: «A morte, o traidor! A morte, o Judas! A morte, os judeus!». Após a cerimônia em que se arrancam as divisas e galões do condenado e quebram-lhe a espada, Dreyfus exclama:

— Acabais de degradar um inocente! Sobre a cabeça de minha mulher e de meus filhos, juro que sou inocente!

No mesmo mês partiu ele deportado para a Ilha do Diabo, em frente a Caiena, na Guiana Francesa.

☆☆☆

Parecia tudo terminado com esta condenação. Mas pairava em torno do caso certo mistério. E o que acontecera dentro da sala do Conselho começava a transpirar.

Em julho de 1895, o Comandante Picquart foi nomeado chefe do Departamento de Informações, tornando-se assim superior de Henry. Ao assumir seu posto, foi Picquart informado pelo seu chefe Shanderr da existência daquele documentário secreto cuja apresentação aos juizes determinara a condenação de Dreyfus. Em março de 96, Lauth remete a Picquart um «petit bleu», isto é, uma carta do adido militar alemão Schwartzkoppen dirigida ao Major Esterhazy. Haveria um segundo traidor? Quem era esse Esterhazy? Picquart faz discretas indagações. Trata-se de um chefe de batalhão, de 45 anos de idade, de origem húngara. Sempre cheio de dividas, amasiado com uma antiga prostituta. Fizera parte dos serviços de informações em 1878. Tendo sob suas vistas algumas cartas de Esterhazy, verifica Picquart com surpresa que a letra dele é a mesma do famoso «bordereau», que levava Dreyfus à condenação.

Picquart consulta então o documentário secreto e nele encontra o texto do telegrama cifrado do adido italiano a seu governo dando notícia da prisão de Dreyfus. Mais tarde verificará que esse texto não é o verdadeiro. Mostra a letra de Esterhazy a Bertillon, ocultando-lhe o nome do autor, e o famoso perito não hesita em afirmar: «E' a mesma letra do «bordereau».

Todos os documentos examinados, nenhum se refere nomeadamente a Dreyfus e um deles parece ser de Esterhazy. Picquart comunica não só ao seu chefe o que acabara de descobrir, mas também a Henry. Este fornece informações ao jornal «L'Éclair», que revela o que se passara na sala do Conselho de Guerra, bem como o documentário apresentado, mas em vez de publicar o texto certo que dizia: «Esse canalha do D...» substitui-o por este outro: «Decididamente este animal do Dreyfus torna-se demasiado exigente».

Pensando que tal publicação tivesse partido da própria família de Dreyfus desejosa de provar que houvera ilegalidade no julgamento, com a quebra do sigilo da reunião do Conselho, Picquart propõe a seus chefes um inquérito. Mas o General Gonse, sub-chefe do Estado-Maior, proíbe-o de fazê-lo. Convicto agora da inocência de Dreyfus, Picquart protesta. O advogado e a família de Dreyfus, graças a uma indiscreção do próprio Presidente da República, Félix Faure, vêm a saber que de fato fôra enviado ao Conselho tal documentário, mas dele só conhece a versão falsa publicada na imprensa.

Henry apresenta ao General Gonse uma carta escrita pelo adido militar italiano ao adido militar alemão, na qual é citado nominalmente Dreyfus. O General Gonse mostra a carta a Picquart, achando que ela é prova cabal da culpabilidade de Dreyfus. Picquart põe em dúvida a autenticidade de tal carta e por isto é despachado para uma missão no Leste, sendo substituído pelo comandante Henry. O ministro Barthou manda uma nota aos jornais dizendo: «Dreyfus foi regular e justamente condenado». No dia seguinte, para provar melhor a culpa de Dreyfus **Le Matin** publica uma fotografia do «bordereau» e outra da carta que Paty de Clam ditara a Dreyfus. Mas várias pessoas que possuem cartas de Esterhazy verificam que a letra de Esterhazy é a mesma do «bordereau». Ameaçado, por sua vez, Picquart entrega a um advogado toda a sua correspondência.

O irmão de Dreyfus, Mathieu, começa a alertar a opinião pública para uma revisão do processo. Formam-se então dois campos partidários, um a favor, outro contra Dreyfus, que irão ameaçar a própria vida francesa, dado o desencadeamento de paixões. De um lado o Estado-Maior e grande parte do exército, o Alto Clero, os nacionalistas e os antissemitas. Muitos jornais e escritores e jornalistas brilhantes. Do outro, Picquart, alguns intelectuais, alguns protestantes e a maior parte dos judeus.

A 15 de novembro de 1896, Mathieu Dreyfus envia uma carta ao Ministro da Guerra, General Billot, denunciando publicamente Esterhazy como autor do «bordereau». Na mesma ocasião antes de partir para a Alemanha, o adido militar alemão Schwarzkoppen pede audiência ao Presidente da República e lhe afirma, sob palavra de honra, que jamais tivera relação alguma com Dreyfus. Alguns dias mais tarde, o embaixador da Itália faz idêntica declaração, sob juramento, em nome de seu adido militar.

Esterhazy pede a abertura de um inquérito. O General Pellieux, encarregado do inquérito, descobre em casa da Sr^a Boulancy, antiga amante de Esterhazy, cartas dêsse em que se revela seu ódio à França. Mas Esterhazy enfrenta o perigo. Três peritos convocados acham que a letra do «bordereau» não é dele. Submetido a conselho de guerra, defende-se habilmente e acaba acusando Picquart. Esterhazy é absolvido e carregado em triunfo pelos anti-Dreyfus.

Picquart é metido em prisão. Mas aqui surge o romancista Émile Zola, partidário da inocência de Dreyfus. No dia seguinte ao da absolvição de Esterhazy, publica no jornal **L'Aurore**, de Clemenceau, o seu célebre libelo: «**J'Accuse**»: no qual acusa Paty de Clam de haver criado o caso Dreyfus, acusa o General Billot de ter abafado as provas irrecusáveis da inocência de Dreyfus, acusa os generais Boisdeffre, Pellieux, Gonse, o comandante Ravary, os peritos que fizeram relatório falso, acusa as repartições do Exército de fazerem afirmações falsas pela imprensa e o Conselho de Guerra de ter violado o direito, condenando um inocente baseado em provas conservadas secretas, bem como o segundo Conselho que absolveu Esterhazy, o verdadeiro culpado.

Zola é processado. Toda a opinião pública fran-

(Continua na pag. 62)

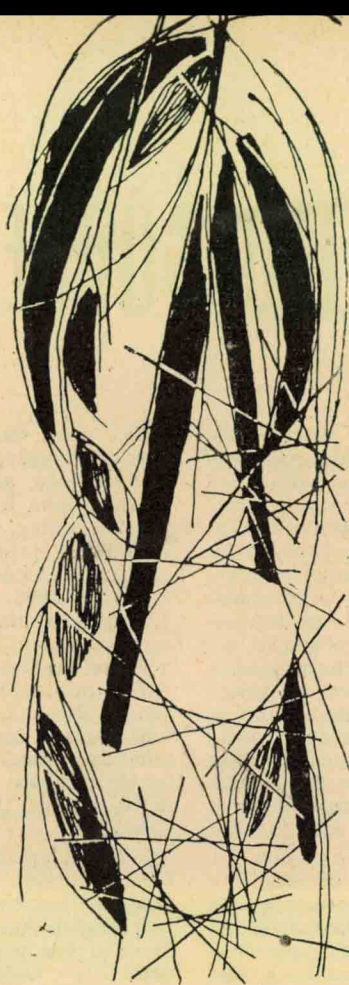
As pessoas glorificam todas as espécies de coragem, mas não se lembram de glorificar a coragem que poderiam demonstrar, em favor de seus vizinhos mais próximos. — George Eliot.

Tôda carta de amor lembra um poema. E esta, que em versos líricos te mando, vai perfumada de minh'alma. Quando nela pousar o teu olhar, querida, possas ouvir a música secreta de cada confissão nela contida. Oh! a inutilidade das palavras, ante a linguagem de um olhar! Pudesses junto a mim neste momento, em que lá fora, pela noite, o vento tange as cordas de uma harpa de luar, êste êxtase de amor sentir comigo e, esquecida do mundo, pertencer-me... Primeira entre as primeiras, quando trazes presença de poesia aos sonhos mortos e um clarão de beleza às tristes pálpebras dos apagados sóis das esperanças! Dá que eu possa sentir como as crianças, reconduzido a iluminados portos, a alegria de amar as coisas puras, entre paisagens claras e divinas, palpantes de rosas e canções. Para saudar-te na manhã sem bruma, hão de os rios cantar versos de espuma, regando a terra que dominaremos. Para que sejas a mais fina essência do enlêvo, da ternura, da bondade, espalhares belezas na existência, num chão de pluma onde repousaremos. O' muito amada, anjo das tardes mansas, não saberemos nunca onde emudecem os que nasceram para ser felizes. Caminharemos para além do tempo, onde lírios esplêndidos florescem em paragens azuis, maravilhosas. Remota é a nossa origem, nosso rumo vai ter às praias do deslumbramento... Lá nos repetiremos noutras almas, ilhas da luz e do pressentimento... E em ti, porque serás a Companhia, corpo que há de florir sob os meus lábios, sementearei meu último poema, nascido da alegria derradeira (Euricleides Formiga)

De Gustavo Corção — Agora eu vejo que era ela o chão que eu pisava, a água que eu bebia, a flor que eu cheirava. Intercessora de tudo, luz de meus olhos, substância própria que me tornava próximo das coisas, ela era a minha salvação...

Nossas mãos se encontravam simplesmente em gestos de amizade, desprendidas da sugestão de unirem duas vidas, ou terem da paixão conteúdo ardente. Certo dia, no entanto, de repente, no mesmo doce enlêvo confundidas, enlaçadas, felizes, esquecidas, ficaram conversando longamente. Os olhos confirmaram a conversa e a Ventura, que o mundo traz dispersa, aos nossos corações se recolheu. O Tempo em nossas mãos ficou parado, enquanto o Amor floria, inesperado, trazendo o céu ao teu destino e ao meu. (Graciette Salmon)

De Paul Geraldy — Você me traz a vida: nos cabelos louros o sol que eu amava nas manhãs primaveris; nas mãos esguias e cariciosas a lembrança dolorosa das carícias de mamãe quando me envolvia, comovida, num abraço cujo calor ainda sinto; nos olhos — doces olhos de menina-moça — essa ternura envolvente que amacia em mim tôdas as arestas de minha inata agressividade...



f u g a

LEONOR TELLES

«Depois da estiagem, meu querido, as minhas mãos te ofertam êstes lilases...»

Querido, a tarde é verde como outrora e o ipê veste a vereda que caminho... os faunos dançam à brisa côr-de-vinho e que distância entre nós dois agora!... A tarde é ainda verde como outrora e o ipê veste a vereda que caminho... aquele nosso banco e nosso ninho soluça confidente nesta hora! O ipê veste a vereda que caminho marcado de iniciais que lá deixamos! e eu sinto a esta dor quase carinho, ao relembrar que ali tanto sonhamos!... Querido, a tarde é verde como outrora e o ipê veste a vereda que caminho... os faunos dançam à brisa côr-de-vinho e que distância entre nós dois agora!... (Lília Aparecida Pereira da Silva)

De Remarque — Eu me sentia perdido ainda, sem você. Você era toda a claridade, o doce e o amargo de minha vida — fez-me vibrar, deu-me você e eu mesmo...

Fui, um dia, cantando à procura do amor... Alguém veio e, no meio do caminho, entre um riso e um olhar, atirou-me uma flor. Outro deu-me a ventura. Outro deu-me o carinho. Mas a nenhum amei. E prossegui cantando. Continuei a procurar o amor. Por fim, eu te encontrei... Tu não me deste nada: nem sorriso, nem flor, nem carinho ou ventura... Tu não me deste nada, e foi a ti que dei toda a minha ternura... (Sylvia Celeste de Campos)

De Maciel Oliveira — Teu oceano fui, fôste a minha tarde mansa... Mas amor próprio, orgulho e caprichos banais destruíram, em nossa alma, o clarão de bonança, a flâmula do sonho e o azul dos ideais. E tu voltas a ser tudo o que não se alcança, brilho distante das paragens siderais, lua do meu enlêvo, ó meu sol de esperança, pelo horizonte oculto e para nunca mais. Tal emoção imã que nos aprisionou, eu vivo em tua alegria e em tua dor agonizo, sinto-te na alegria e clamando em meu grito. Porque entre nós, o amor, que nos iluminou, se nos trouxe visões de estranho paraíso, revelou-nos também mistérios do infinito...

Quando estiveres sôzinha, querida, no teu jardim, ouvirás o céu de estrelas dizendo versos por mim... (Paulo Freitas)

Suas cartas são vivas para mim — sinto-as tão presentes que até posso tocá-las — sim, em tudo que de imaterial contém. Sinto as violetas, a adoração pela menina da infância, seu coração voltado para mim, sua vontade de ser doce para comigo, sua personalidade, sua ternura e seu carinho...

NOVO INQUÉRITO SÔBRE O METEORO

O VERÃO de 1908 apresentou ao mundo um enigma tão difícil, que o governo soviético acaba de decidir, mais de cinquenta anos após, enviar uma expedição ao centro da Sibéria, para esclarecer o mistério. Esquadrilhas de aviões, veículos apropriados a qualquer tipo de topografia, equipes de físicos munidos de contadores Geiger, já devem ter partido de Moscou para empreender uma campanha de exploração, no coração de estepes quase desconhecidas. Por que tal mobilização de sábios, armados de todos os meios de investigação da ciência moderna? O objetivo deve ser de grande importância. Tanto na Capital russa como nos meios científicos ocidentais, os mais estranhos boatos circulam. Ora se fala de uma astronave vinda de um outro planeta, cuja missão teria fracassado na Sibéria; ora de um antigo cataclismo terrestre, ora de uma explosão atômica sem igual entre as que conhecemos.

Durante o verão de 1908, o mundo inteiro ficara estupefato. Duas vezes consecutivas, em toda a Europa Central e Ocidental, uma luminosidade abarsara a noite; e, todavia, não se tratava de uma aurora boreal. O pôr-do-sol parecia estranho e, durante vários dias seguidos, o céu se coloriu de luminosidade verde-clara, com reflexos amarelos. Na própria África, viram-se derivar, nas camadas acima da atmosfera terrestre, blocos de nuvens desconhecidas. Todos os sismógrafos tinham tremido sob o golpe de um abalo planetário, todas as estações meteorológicas tinham registrado uma onda de choque percorrendo a atmosfera. Falava-se de um tremor de terra cujo epicentro estaria situado na Sibéria, que se encontra muito além das zonas de fragilidade da crosta terrestre. O observatório de Irkutsk havia assinalado, na manhã de 30 de junho, a passagem no céu siberiano de um corpo luminoso, que pensaram ser um meteoro gigantesco. Algumas pessoas diziam que a terra havia atravessado a cauda do cometa de Halley, mas a aparição deste só estava prevista para 1909, um ano mais tarde. Os jornais consagraram longos artigos a esse clima de mistério e de assombro, sem encontrar explicações. Uns afirmavam que o eixo de rotação terrestre fora deslocado; outros, que o sol tinha sido o teatro de perturbações de grande magnitude, cujos efeitos foram sentidos nas vizinhanças do pólo. O mundo inteiro recordava com angústia a catástrofe da Montanha Pelada — a erupção vulcânica que, em 1902, arrasara em menos de uma hora a cidade de São Pedro da Martinica.

Logo chegaram a Moscou, pelo trans-siberiano, os primeiros testemunhos da catástrofe. «Eu me encontrava sobre os trilhos de uma estrada de ferro, perto de minha casa — disse um empregado — quando fui derrubado por uma força irresistível, como se um depósito de munições houvesse explodido. O maquinista do trem 92, supondo que o seu comboio descarrilhava, deu marcha à ré. Vimos

então, além das florestas, a centenas de quilômetros da estação, uma enorme coluna de fogo elevando-se no céu, abrindo-se em uma nuvem borbulhante, que tinha a forma de um cogumelo».

Um sábio, cujo testemunho não pode ser suscitado, o professor A. A. Polkanov, declarou: «Estava fazendo uma estada na Sibéria, durante o verão de 1908. No dia 30 de junho, ocorreu uma deflagração inaudita. Dir-se-ia ser um tremor de terra, ou pior, como se todas as entranhas do planeta se revolvessem, e vi uma imensa nuvem elevar-se muito alto, no céu, a uns 20 quilômetros de altura. No dia seguinte, o céu estava coberto de uma camada espessa de nuvens de colorações verdes, amarelas, passando por vezes ao rosa, e, no entanto, reinava uma claridade incomum. Mesmo de noite, estava tão claro que se podia ler fora de casa...»

Nesta época, a Sibéria estava ainda um pouco fora do mundo, pois barricadas de florestas intransponíveis barravam a rota dos exploradores, que não dispunham de meios suficientes para atingi-la. Não era possível dirigir-se ao próprio local do cataclismo. Contentou-se em supor que um meteoro de tamanho desconhecido até então, algo como um pedaço de um planeta, viera despedaçar-se sobre a floresta siberiana. Depois, outros acontecimentos, outros problemas, ocuparam a atualidade: a guerra de 1914, em seguida a revolução russa. Foi só em 1920 que um grupo de sábios soviéticos voltou a falar do grande enigma de 1908. Uma pequena expedição foi organizada, com veículos motorizados que se acreditava serem capazes de transpor grandes distâncias e todos os obstáculos naturais. Mas a expedição enterrou-se, literalmente, na longínqua Sibéria, onde os pântanos e a floresta impediam todo progresso. Em 1927, saiu nova expedição, munida, dessa vez, de jangadas destinadas a seguir os canais naturais dos pântanos: foi também um fracasso. Depois, mudando as estações, o gelo e a neve recobriram o terreno, tornando impossível a observação do ponto de impacto entre o meteoro e a terra.

Mas os sábios soviéticos não abandonaram o seu projeto. Um vasto inquérito permitira reunir grande número de testemunhos: não se duvidava mais dos relatos que mencionavam a extraordinária explosão e a nuvem em forma de cogumelo. Um habitante de Kansk declarou: «Estava prestes a cardar a lã, às margens do Kan, quando ouvi um ruído aterrador. Vi, então, uma vaga enorme correndo sobre o rio e ouvi uma série de ribombos, que pareciam provir do coração da terra. Não sei o que se produziu, então, mas um camarada que trabalhava a meu lado caiu nágua, como tragado pelo rio, ao passo que eu ficara estendido no chão, como que impulsionado pelo deslocamento de ar de uma explosão de dinamite».

A 600 quilômetros de Kansk, nas fronteiras da

zona inexplorada, um camponês declarou: «Uma luminosa faixa branca, muito extensa, apareceu ao noroeste, e produzia tal calor que minha roupa quase pegou fogo. Fui pego pelo sópro e literalmente deitado por terra. Os vidros de minha cabana voaram em pedaços e algumas louças se quebraram; torrões de terra juncavam o solo. Estupefato, olhei para o céu, protegendo os olhos com as mãos, de tão quente que era o sópro. Olhei, sem poder acreditar, as árvores derrubadas ou inclinadas, com a sua folhagem chamuscada. O próprio capim parecia murcho e, acima de mim, o céu estava amarelo-castanho, pesado como um céu de tempestade. De noite, percebi que estava surdo».

Em 1932, o sábio e explorador Kulik conseguiu penetrar na zona onde estava situado o ponto de impacto entre o meteoro e a terra. Entre 102° de longitude e 61° de latitude norte, descobriu, numa zona de 70 quilômetros de diâmetro, uma paisagem de apocalipse: terras devastadas, florestas inteiras assoladas, mais de 80 milhões de árvores derrubadas e calcinadas. O que o surpreendeu mais foi o fato de as árvores não terem sido atingidas por baixo, como num incêndio de floresta, mas pelo alto, e de um lado somente. «Dir-se-ia que toda a vegetação — declarou em seu retorno — tinha sido atacada por lança-chamas. Uma rajada de vento de uma violência inimaginável havia, literalmente, arrasado toda a natureza».

Outras expedições, beneficiando-se dessa vez do concurso da aviação, permitiram fazer melhor reconhecimento da zona devastada, de uma extensão mínima de 5.200 quilômetros quadrados. No centro, num raio de 30 quilômetros, toda a vida tinha sido destruída. Trinta anos mais tarde, não se encontrava nenhum vestígio de vegetação nova. Mas havia coisa mais estranha ainda. Depois da queda do bólido cósmico, esperava-se descobrir, no coração das regiões assoladas, uma cratera imensa. Não se encontrou nada disso. Observavam-se, é verdade, pequenas escavações de um diâmetro de 10 a 15 metros, de uma profundidade variando entre 3 metros e um metro e meio, sendo que a terra parecia ter sido inteiramente revolvida, como um campo de batalha, lavrado por milhares de obuses. Mas não era possível encontrar a cratera gigantesca, onde o meteoro deveria ter cavado seu leito. Supôs-se que o meteoro se havia desintegrado a alta altitude, projetando para todos lados, como «schrapnells», fragmentos que vieram bombardear o solo. Toda a terra foi escavada, mas só se encontraram estilhaços minúsculos, do tamanho de ervilhas, que podiam provir de qualquer maneira, da estrutura de nosso planeta, sublevado no momento da deflagração, assim como dos destroços do meteoro desconhecido.

Era preciso renunciar à hipótese de um meteoro gigantesco, surgindo a toda velocidade, da noite interestelar. Os sábios soviéticos, estudando mais uma vez os testemunhos arquivados nos ins-

titutos de geologia e de astronomia, interrogavam-se ansiosamente a respeito dos fatos que haviam, a princípio, passado despercebidos. Uma tribo nômade, os Ewenk, que se encontrava, quando da explosão, não muito longe do epicentro do cataclismo, queixava-se de um mal estranho. Alguns deles viram seus corpos cobrir-se de chagas que não se cicatrizavam; outros tinham, por muito tempo, sofrido de vômitos e de vertigens; e, se alguns homens pretendiam ter ficado impotentes, certas mulheres, após a explosão, haviam dado à luz crianças anormais. Decididamente, eram fenômenos jamais observados por ocasião da queda de um meteoro: nem o deslombamento, nem o deslocamento de ar, nem o calor tórrido, nem, sobretudo, esta nova moléstia que atacava a própria essência da vida.

Somente em 1945, após Hiroshima e Nagasaki, e a série de explosões atômicas às quais os sábios russos e americanos se dedicaram, que se acreditou entrever a chave do enigma. A luz que cegava, a nuvem se elevando a dezenas de milhares de metros, para se abrir em forma de cogumelo, a ausência de meteoritos e de cratera no local, os troncos de árvore calcinados no centro da zona atingida, esse espetáculo evocava, subitamente, a paisagem de uma região atomizada por uma explosão a grande altitude, todas as características confirmadas pelas mais recentes experiências nucleares, aquelas que os estrategistas denominam **explosões altas**. De fato, quando uma bomba atômica explode a pequena altitude na atmosfera terrestre, seu raio de ação não ultrapassa ainda 30 quilômetros. Mas, se a mesma bomba explode muito acima da atmosfera terrestre, a zona queimada pelo fogo pode atingir 150 quilômetros, sem que haja nem cratera nem arrasamento da crosta terrestre. Imediatamente, geólogos e astrônomos russos reabriram o «dossier» de 1908. Entre eles, os professores Michailov, Párenko, Voronzov-Veljaminov, Bajar e Nabokov, declararam que a hipótese de uma bomba atômica não podia ser excluída. Mas quem poderia ter lançado uma tal bomba, em 1908? Ninguém sobre a terra. Devia-se invocar a intervenção de forças vindas de outros planetas?

Não hesitando em emitir essa hipótese, o sábio A. Kasanzev recentemente publicou na revista, editada em Bonn pela embaixada soviética, *Die Sovietunion Heute*, um artigo em que se esforça por responder a esse ponto de interrogação. «Reagrupando os testemunhos e confrontando-os com as observações dos astrônomos do Irkutsk — escreve Kasanzev — tentou-se determinar a velocidade do pretenso meteoro acima de diferentes regiões. Chegou-se a conclusões inesperadas. Freinado em sua trajetória, o corpo supra-terrestre estava animado, acima do local da catástrofe, por uma velocidade de 0,7 quilômetros por segundo, e não por 30-60 quilômetros por segundos, como se acreditava até agora,

Essa velocidade é comparável à de um avião supersônico, detalhe que tem importância, pois nos leva a admitir que o **bólide não era um meteoro, mas uma nave interplanetária**. Com uma velocidade de queda tão fraca, um meteoro devia ter uma massa enorme. Os cálculos de aerodinâmica são formais: se a deflagração correspondesse a um milhão de toneladas de explosivos, o meteoro deveria representar a massa de um bilhão de toneladas e não de um milhão, como os astrônomos pretendiam até agora. Mas uma tal massa, em vez de transformar a noite em dia, teria obscurecido o céu, o que não foi o caso, segundo todos os testemunhos. A asolação sofrida pela taiga siberiana deve ter sido provocada por uma energia, não térmica, mas, sim, termo-nuclear. O combustível atômico explodiu no interior de uma nave inter-espacial, antes que essa tocasse o solo.

Como Kasanzev foi levado a supor que uma nave atômica vinda de um outro planeta pôde, em seguida a um acidente, uma tentativa imprudente, por exemplo, de freiar, explodir acima da Sibéria? «Não se excluiu a possibilidade — declara ele — de que uma vida inteligente possa manifestar-se, em um outro planeta, Marte talvez. Não serão os misteriosos canais zonas de vegetação? O astrônomo Michailov não anunciou, em 1956, que observara uma verdadeira explosão atômica, em Marte? Além disso, quando se calculam os melhores itinerários para se achar as condições ideais

de lançamento e de economia de combustível, o ano de 1908 oferece condições particularmente favoráveis à viagem de uma nave interplanetária entre Marte e a Terra. O célebre astronauta Sternfeld não calculou, por seu lado, que, em 1908, e precisamente no mês de junho, uma nave vinda de Marte, passando por Vênus, tinha as melhores oportunidades de contornar a Terra, no curso de sua viagem de volta?»

As hipóteses de Kasanzev não esclareceram todos os mistérios da famosa explosão siberiana; mas, pelo menos, levaram os sábios soviéticos a estudar a fundo o «dossier» de 1908 e a organizar essa expedição que, em 1960, irá verificar no local, com a ajuda de contadores Geiger, se se tratou na verdade de uma explosão atômica. Todos os testemunhos reunidos são por demais perturbadores para que não se admita que a Sibéria tenha sido o palco, muito antes de Hiroshima, de uma explosão devida à energia nuclear. Mas será preciso ir um pouco mais longe e supor, com Kasanzev, que uma nave interplanetária vinda de Marte estaria na origem do cataclisma? E' o que contesta o célebre pioneiro do espaço, o professor Kukarikin, fazendo esta objeção: «Se existem, em Marte, seres bastante inteligentes para construir uma nave interplanetária e a enviar até a Terra, como se explica que, após êsse primeiro fracasso, que remonta a cinquenta anos, os marcianos não mais tenham nada tentado, desde então?» — **Georges Bommard.**

☆☆☆

O Processo Dreyfus

Continuação da pag. 58

cesa está abalada. As paixões se desencadeiam. A divergência lavra dentro das próprias famílias, onde há quem esteja contra e quem esteja a favor de Dreyfus. O processo é uma vergonha. As testemunhas ou se recusam a falar ou se desmandam em atitudes apaixonadas. O General Pellieux, arrebatado pela paixão, para provar que Dreyfus é culpado, cita o «petit-bleu», do adido militar italiano, afirmando que nele está por inteiro o nome de Dreyfus, o que é falso, pois apenas nele existe uma inicial. Prossegue tumultuosamente o julgamento e Zola afinal é acusado de difamação e condenado. Foi sua sorte, pois se tivesse sido absolvido, a multidão lá fora tê-lo-ia linchado. Foge depois para a Inglaterra, a fim de não cumprir a sentença.

O novo Ministro da Guerra, Cavaignac, cita na Câmara documentos que acusam Dreyfus, mas Picquart declara-os um falso e os outros dois não terem referência a Dreyfus. E' encarcerado por isso. Mas Cavaignac ordena que o Capitão Guignet faça um relatório, resumindo todos os documentos existentes sobre o caso Dreyfus, Guignet, ao examinar o documento que está assinado por Alexandre e traz com tôdas as letras o nome de Dreyfus, descobre que se trata de uma falsificação grosseira. Cavaignac manda chamar Henry que acaba confessando ter falsificado o documento, mas para atender a ordens superiores. Prêso em Mont Valérien, aparece na manhã seguinte morto. Suicidara-se cortando o pescoço com uma navalha que levava consigo. Mais tarde soube-se que a tal carta fôra falsificada por um judeu Lemer cier-Picard, que em março de 1897, foi encontrado enforcado num quarto de hotel.

A confissão de Henry foi uma bomba. Demite-se o Ministro da Guerra, demitem-se outros membros do exército. A mulher de Dreyfus requer revisão do

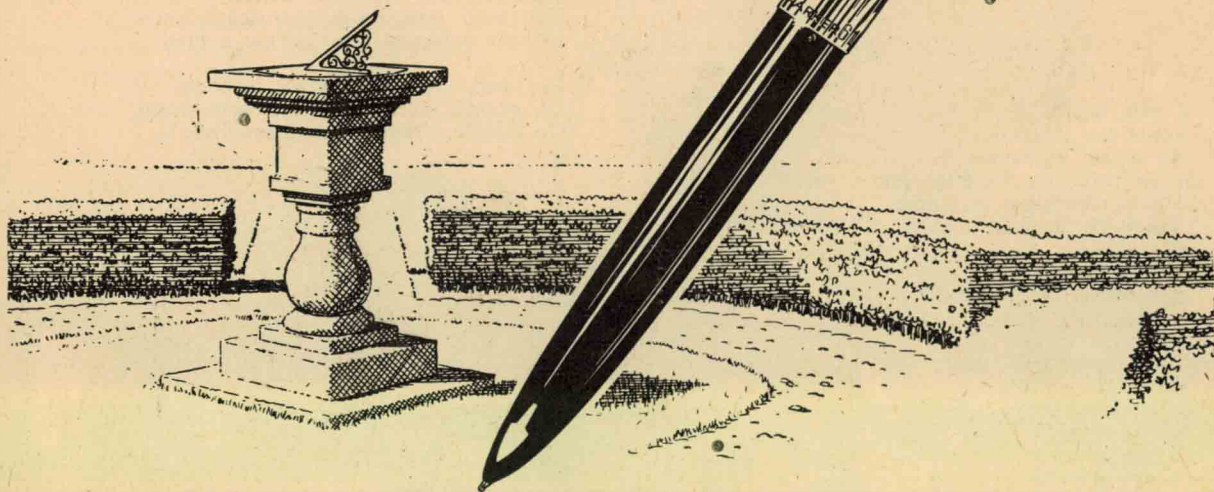
processo. O novo Ministro da Guerra, Zurlinden, manda processar Picquart, acusando de haver falsificado o «petit-bleu» favorável a Dreyfus. Picquart replica que não tem vontade nenhuma de suicidar-se e se aparecer ao lado de seu cadáver a navalha de Henry ou a corda de Lemer cier-Picard, tratar-se-á mesmo assim de um assassinato e não de um suicídio. O Ministro da Guerra desiste do processo. Mas a paixão pública é tão grande contra Dreyfus que se abre uma subscrição para erguer um monumento ao falsificador Henry.

Apesar de tudo, começa a revisão do processo, após a sentença da Corte de Cassação. O processo está cheio de falhas: apresentaram-se documentos após o encerramento dos debates, quebrando-se o sigilo do Conselho; o «bordereau» não foi escrito por Dreyfus, mas parece antes ter sido por Esterhazy. Picquart é pôsto em liberdade. Paty de Clam processado por falsidade e Zola regressa de Londres.

O novo Conselho de Guerra realizar-se-á em Rennes. Dreyfus é trazido da Ilha do Diabo, uma sombra do homem que fôra, tão gasto está pelo sofrimento e pelo clima inóspito. A opinião pública volta a agitar-se. De Londres, onde está refugiado, Esterhazy envia cartas insolentes e confessa que manteve relações com o adido militar alemão, mas a mandado do seu chefe, o Coronel Sandherr. Submetido a novo julgamento, Dreyfus é de novo condenado, mas desta vez a apenas dez anos e à degradação militar, que não será repetida. O veredito foi de 5 contra 2. Se tôdas as provas eram em seu favor, era de esperar uma absolvição unânime. Mas o espírito de classe predominou e o exército, no temor da desmoralização, manteve seu ponto de vista errado. Dreyfus ia apelar, mas o governo propôs conceder-lhe indulto. Para evitar

(Conclui na pag. 88)

Um novo conceito em escrita
inspirado pela
própria natureza!



Parker 61 de ação capilar

**Superior às
canetas-tinteiro comuns por
4 importantes razões!**

Virtualmente à prova de choques - Depósito de tinta "cativo" que resiste aos choques

Virtualmente à prova de vazamento - Reservatório especial, que mantém a tinta sob controle

Simplicidade de ação - Nenhuma peça para manipular e desgastar



Enche a si mesma - Completamente, e sem sujar os dedos. A tinta é canalizada para o reservatório da Parker 61 por uma força natural digna de confiança... a ação capilar!

Como o clássico relógio solar, a Parker 61 usa a força natural a fim de desempenhar sua função. Só a tinta se move nesta nova caneta! Não há partes móveis que se desajustam ou desgastam. A Parker 61 enche a si mesma, com a quantidade exata de tinta, usando a própria ação capilar da natureza. A tinta vai então para um depósito especial, onde é mantida sob controle rígido, até que se comece a escrever. Virtualmente à prova de vazamento e de choques... completamente nova em conceito e desempenho, a Caneta Parker 61 de ação capilar é realmente a aristocrata das modernas canetas de qualidade!



CANETA PARKER 61



CANETA PARKER "51"



CANETA PARKER SUPER "21"

PRODUTOS DA  "THE PARKER PEN COMPANY"

A marca de qualidade para oferecer confiante ...e possuir com orgulho!

9 - 6142 - P

esparsos

Dinda dindinha

Omar P. Rocha

Dinda Dindinha,
conta-me histórias
de fadas, de bobos
e de príncipes encantados.
Dinda, conta-me histórias.
Dindinha, faze-me sonhar.

Quero passear
por terras longínquas
de gigantes, magos
e gênios maus.
Em castelos soberbos
de longas muralhas,
bela princesa
quero amar.
E por ela
viver, andante,
matando feras,
correndo terras,
até de ouro
o "velocino" achar!

Dinda Dindinha,
dá-me de novo
todo calor,
tôda ternura
do colo teu.
E um pouco daquela
doce brandura,
quando nas longas
tardes cansadas
vinhas carinhosa
histórias contar.

Dinda Dindinha. Teu Dino
teve sede de ilusões.
Ele saiu por terras longas...
correu mundo como o malandro
do Pedro Malasartes.
Não viu fadas, nem princesas,
nem dragões e nem castelos!
Nada bonito, Dindinha!

O teu Dino
está triste,
agora só quer
em teu colo sonhar.
Talvez em tua casa
em meio essas flôres,
essas grades e essas cruces
arranjes um lugar
para o Dino sonhar
com fadas, castelos
e um reino à beira mar...

Por mais que o homem pesquisa, não lhe é dada
Coisa alguma afirmar, com justo senso,
Sobre a origem do Ser — enigma imenso
Que o traz a vida inteira preocupado.

Em busca da certeza, num intenso
esfôrço, a ciência em vão tem trabalhado.
Em vão; porque o mistério do Incriado
Jamais ninguém desvendará, eu penso!

Nenhuma das hipóteses aceito
Em tórno, pois, da extraordinária causa
De que sabemos tão-somente o efeito!

Por isso, creio apenas na verdade
Da grande marcha cósmica, sem pausa,
Do mundo, creio só na Eternidade!...



Trio maravilhoso...

...água de colônia, sabonete e talco Regina!

Três produtos distintos e de qualidades idênticas.

Perfume típico e inconfundível...

Pureza absoluta... Adorável frescor...

Eis algumas características do Trio Maravilhoso Regina.



Formosa jóia de arquitetura gótica, a Catedral da cidade de Colônia, simboliza a antiga Köln, onde Paolo de Feminis, no ano

de 1690, inventou a fórmula da "Água della Regina", depois conhecida e admirada em todo o mundo com o nome de Água de Colônia.

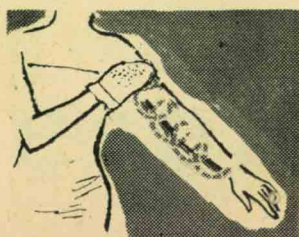
A Água de Colônia Regina, de suave e típica fragrância, é detentora, em nossos dias, da célebre fórmula original.

Os elementos de que se compõe a Água de Colônia são básicos também na fabricação do Sabonete e do Talco Regina, formando assim o Trio Maravilhoso Regina.

★ ÁGUA DE COLÔNIA • SABONETE • TALCO

Regina

A VENDA EM TODO O BRASIL



1

A FRICÇÃO

AMACIA OS

MÚSCULOS

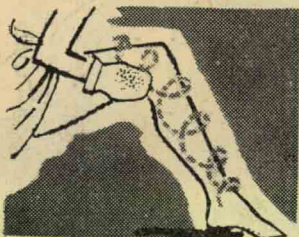


2

BASTA fazer uma ligeira fricção com água de colônia de boa qualidade, para se obter uma boa massagem amaciante e benéfica, que tonifica e rejuvenesce os músculos do corpo. Isto porque o álcool finíssimo contido na água de colônia provoca um imediato amaciamento da pele. A princípio, os vasos sanguíneos são estreitados, mas, imediatamente depois, pela reação, a

pele torna-se avermelhada e os vasos dilatam-se novamente. Os músculos são submetidos a uma verdadeira massagem ativante e perdem a sua flacidez antiestética.

A melhor maneira de se fazer a fricção consiste em usar uma luva de espuma, umedecida e embebida na água de colônia, que seja de boa qualidade, aromática e refrescante.



3

1 — Faça movimentos circulares, que vão do pulso aos ombros.

2 — As costas não devem ser esquecidas, também com movimentos circulares.

3 — Nas pernas, o movimento deve partir da ponta do pé e terminar no joelho.

UMA GINÁSTICA PRODIGIOSA

SE Você, leitora, acaba de fazer um regime para emagrecer e se os seus músculos não estão bastante firmes, vale a pena começar desde logo estes exercícios que apresentamos e que visam justamente os pontos mais importantes para a estética: as pernas e o abdome.

Comece aos poucos — com dois ou três exercícios de cada vez — nos primeiros dias para depois ir aumentando a dose gradativamente. A princípio é natural que

Você sinta os músculos doloridos, mas a continuação dos movimentos a fará vencer esse período de fadiga.

O número de exercícios deve ser aumentado dia a dia e, depois de iniciada a série, não deve ser interrompida. O resultado é que, depois de um mês, Você poderá fazer com facilidade até quarenta vezes cada exercício e, então, o melhoramento estético não se fará esperar.



1

2

3

A RESPIRAÇÃO RÍTMICA

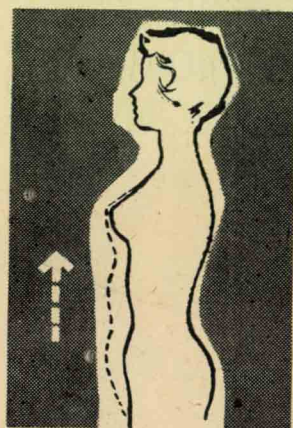
BAZAR
feminino

REJUVENESCE

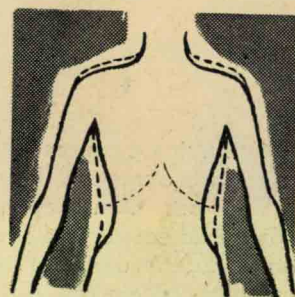
○ PROCESSO mais moderno para o rejuvenescimento é, sem dúvida, a respiração rítmica, adotada pelas atrizes e pelas mulheres famosas, cujo lema é: «Respirar bem para tornar-se bela e manter-se jovem». Com os nossos conselhos, transmitimos também às leitoras este «segrêdo».

A respiração ritmada possibilita a entrada de um volume de ar superior ao normal, proporcionando ao organismo maior circulação do oxigênio, tão indispensá-

vel para alimentar as células da nossa pele e mantê-la mais jovem. Para se fazer este tipo de respiração, deve-se deitar sobre uma superfície plana, relaxando completamente os músculos. Em seguida, inspirar lentamente, pelo nariz, dilatando o diafragma e deixando que os ombros permaneçam imóveis, para depois alargar o tórax, levantando os ombros. Respirar profundamente e expirar lentamente pela boca, mantendo os lábios semi-abertos.



1



2

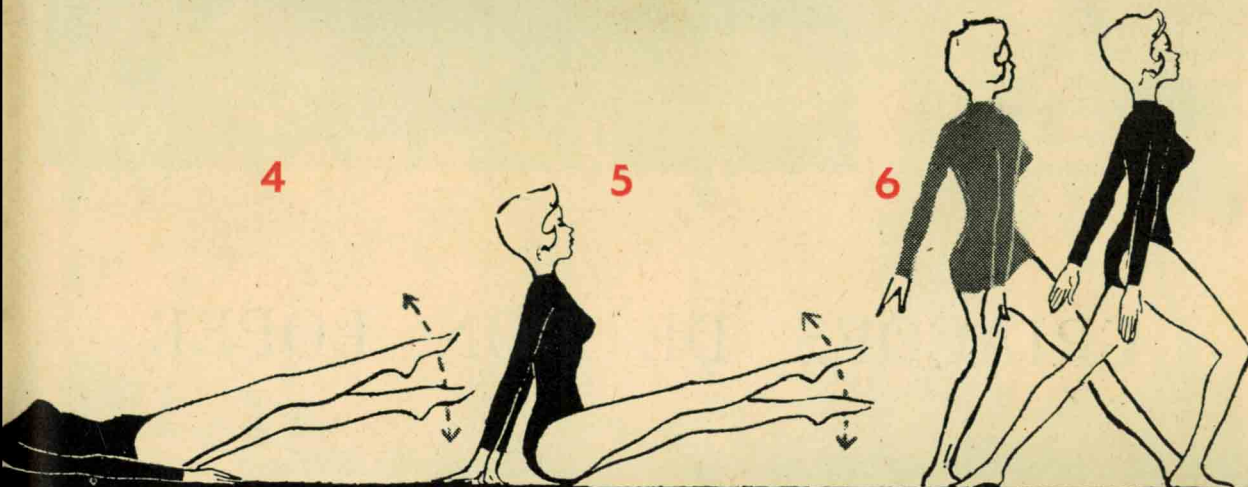
- 1 — Repare como deve ser dilatado o diafragma.
- 2 — A dilatação do tórax é necessária para a entrada do ar.

- 1 — Sentada no chão, pedale como se estivesse andando de bicicleta, conservando as mãos apoiadas no chão.
- 2 — Depois de um mês, faça o mesmo exercício, mas sem apoiar as mãos no chão.
- 3 — Em pé, flexione as pernas, mantendo-se sobre as pontas dos pés e conversando os braços em sentido horizontal.
- 4 — Deitada, faça um movimento alternado de pernas.
- 5 — O mesmo movimento alternado de pernas, mas apoiando-se apenas nas mãos espalmadas no chão.
- 6 — Estendendo bem a perna esquerda, coloque todo o peso do corpo sobre a direita flexionada no joelho. Alterne o movimento.

4

5

6



BAZAR feminino

Continuação

1

«Stephanie» é o nome d'êste glamouroso vestido de baile criado por Don Loper. A côr é azul cobalto e a fazenda é tafetá de sêda pura combinado com renda preta estampada.

2

Simple, mas realmente encantador, êste vestido de baile foi criado por Don Loper, em renda branca e cetim encarnado.



CRIAÇÕES DE DON LOPER



JA que o bôlo é, sem dúvida alguma, o rei da festa, naturalmente a leitora já o incluiu na relação dos pratos que tomarão parte na sua mesa de Natal. E, será que lhe veio à mente o grande, o magnífico efeito que poderá produzir, se decorado com motivos também de Natal?

Com o intuito de ajudá-la a preparar a mesa, de modo a arrancar aplausos, apresentamos duas sugestões para glacê e a decoração do bôlo, dando-lhe uma idéia do resultado, através da foto.

BAZAR
FEMININO

▲ BÔLO ESTRÊLA

PASTA DE AMÊNDOAS

500 g de amêndoas moídas	essência de amêndoa
500 g de açúcar cristal	1 colher de
2 ovos	sobremesa de
1/2 colher de chá de	suco de limão

COMO APLICAR A PASTA — Coloque as amêndoas e o açúcar em uma tigela, faça uma abertura no centro e acrescente os ovos batidos, a essência e o suco de limão. Misture tudo muito bem e coloque a massa em uma superfície salpicada com açúcar, dividindo-a em duas partes, de modo que uma seja o dobro da outra. Em seguida, passe geléia derretida, na parte inferior do bôlo e, depois de abrir a parte menor da massa de amêndoa, aplique-a sobre a geléia. Abra a outra parte da massa e contorne com ela toda a volta do bôlo, deixando-o descansar durante 24 horas.

GLACÊ REAL

1 colher de sobremesa	700 g de açúcar
de suco de limão	cristal
anilina vermelha	3 claras

Decoração :

1 figura de Papai Noel
1 estrêla de papelão
5 vergôntes artificiais
uma fita vermelha
de três centímetros
de largura

COMO APLICAR O GLACÊ E DECORAR O BÔLO — Em uma tigela, misture o açúcar, as duas claras e o suco de limão e bata tudo muito bem, a fim de obter uma massa fina, cremosa e de boa consistência. Reserve 1/4 do glacê para fazer as rosas e, com o resto, cubra a parte de cima e os lados do bôlo, usando uma faca molhada em água quente, para acertar o glacê. Coloque a estrêla de papelão no centro do bôlo e desenhe-lhe o contorno com rosinhas de glacê, previamente colorido de vermelho; depois, coloque o Papai Noel no centro da estrêla. E feite toda a volta do bôlo com rosinhas brancas e vermelhas, em cima e em baixo, coloque a fita e as vergôntes, como mostra a figura.



Tanto o Bôlo Estrêla
como o de Cenas na Neve
são de fácil ornamentação e
ficam um encanto na mesa de Natal.

BÔLO COM CENAS DE NEVE

PASTA DE AMÊNDOAS

100 g de amêndoas	algumas gotas de
100 g de açúcar cristal	essência de amêndoa
1 ovo	suco de limão

COMO PREPARAR E APLICAR — Faça a pasta de amêndoa seguindo as regras dadas para o Bôlo Estrêla e aplique-as do mesmo modo, deixando o bôlo descansar durante 24 horas.

GLACÊ REAL

200 g de açúcar cristal	1 colher de sobremesa
1 clara	de suco de limão

Decoração :
árvores em miniatura
bolinhas de confeito, brancas
figuras que lembrem a neve

MODO DE PREPARAR E APLICAR — Faça o glacê do mesmo modo que o do Bôlo Estrêla e espalhe-o sobre o bôlo, procurando dar-lhe um aspecto de neve, o que pode ser conseguido com o auxílio de uma faca. Distribua as figuras da neve e as árvores sobre o bôlo, não se esquecendo também de colocar as bolinhas de confeito.

Depois de colocar, cuidadosamente, o bôlo em um prato, envolva-o com papel picado, próprio para este fim.

Festas

Stella Marina

Quando uma família oferece uma festa, todos os membros da mesma devem comparecer ante seus convidados, vestidos com apuro e elegância. Faz parte da boa educação, que os donos da casa que recepcionam, se apresentem em condições que não mereçam críticas. O excesso de aparato é condenável, mas a simplicidade demasiada impressiona mal.

O cavalheiro que dança várias vezes seguidas com a mesma jovem, demonstra, com isso, um interesse especial pela mesma. Se ela, no entanto, não corresponde a esse interesse, convém arranjar um pretexto qualquer e dançar também com os outros rapazes presentes à festa. Isso impedirá que os convidados estejam fazendo suposições errôneas a seu respeito.

Tôdas as pessoas que participam numa festa de caridade têm obrigação de empregar todos os seus esforços para assegurar o êxito. Uma senhora que vender rifas, reunirá na sua barraca objetos de bom gosto que, pelo seu caráter de utilidade, recompensarão os compradores da despesa que fizerem.

Os convites para as festas de caridade são dirigidos pelas organizadoras a tôdas as pessoas de seu conhecimento, que sejam susceptíveis de fazer uma aquisição ou concorrer com o seu óbulo.

Não se deve dançar durante todo o baile com o mesmo par, se não se deseja que teçam comentários ditados pela imaginação dos outros convidados.

Quando se dá em casa uma festa, reunindo-se os parentes, e se omitem os mais modestos ou de situação inferior, comete-se uma ofensa flagrante que só tem justificativa se houver, entre eles e os donos da casa, sério aborrecimento ou velha ruptura de relações. Até os estranhos se sentiriam chocados com tal proceder.

Ao terminar uma dança, o cavalheiro eventual da dama deve acompanhá-la até o lugar onde a mesma se achava quando fôra convidada para bailar. Seria falta imperdoável deixá-la sôzinha no meio da sala.

Não se dança, num cassino, com pessoas a quem se não tenha sido apresentado. Observemos, porém, que a vida do cassino não é tão cheia de etiquetas, como em geral a vida mundana, e que se não exige, para admitir um rapaz na roda dos nossos conhecimentos, que tenha sido apresentado por uma pessoa com que se mantenha relações.

O que é necessário é saber quem é a pessoa com quem se dança.

A senhora que vai a um baile acompanhando as filhas, nunca deve dançar, pondo-se no mesmo pé de igualdade das mesmas. Isso, naturalmente, em se tratando de bailes em clubes, pois, em reuniões íntimas e familiares, deixa de ser uma regra.

Quando se tem algum amigo sem família e se sabe que vai ele entrar o novo ano sôzinho, é delicado e prova de amizade oferecer-lhe um lugar em nossa mesa, naturalmente se nos inspira confiança e realmente seja digno dessa atenção de nossa parte.

Não fica mal que os donos da casa que oferecem uma festa dancem juntos e que até sejam eles os primeiros a abrir o baile. Isso não impede, no entanto, que tenham por par outros convidados, o que será muito delicado e de acôrdo com as normas sociais.

Não tenha pressa em chegar em primeiro lugar a uma festa. Prefira chegar sempre meia hora depois da mesma começada.

Levar por alta recreação, uma amiga a uma festa para a qual tenhamos sido convidadas, só é compreensível, tendo-se falado antes com os donos da casa, ou então, quando haja, com êstes uma intimidade quase ilimitada, pois de outro modo equivale a um abuso.



Academia Maxim's

Continuação da pag. 21

pecialmente para o curso da Academia Maxim's. Suas receitas são mundialmente conhecidas, pois «Mapie» é redatora da seção culinária da revista «Elle» e autora de muitos livros de gastronomia que foram traduzidos em várias línguas e estão na lista dos «best-sellers». Já que as alunas têm de executar três receitas por dia, durante cinco semanas (exceto aos sábados e domingos), elas levam para casa na sua bagagem setenta e cinco receitas que aprenderam a executar sob os auspícios da autora e das suas três auxiliares, as senhoritas Véronique de Montesquiou, Sabine Taillandier e a senhora Appleton: as monitoras usam farda amarela, do mesmo feitio que a farda côr-de-rosa das alunas, com uma touca cujo modelo foi feito por uma das maiores modistas de Paris, Paulette. As palavras «Académie Maxim's» são bordadas num cartãozinho branco pregado no peito.

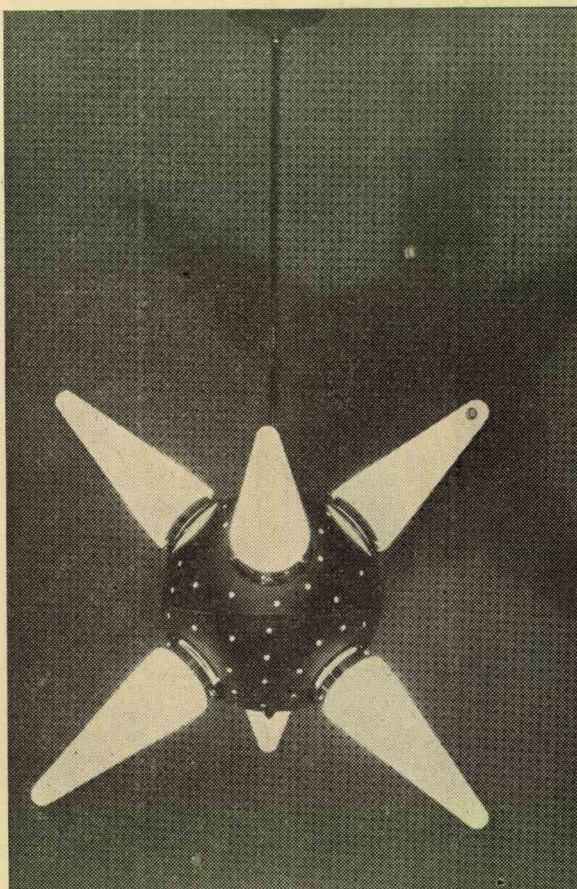
A professora da arte de receber é a esposa do editor Julliard (o mesmo que lançou a romancista Françoise Sagan), Sr^a Gisèle d'Assailly, neta do general La Fayette, escritora e uma das «dez mais distintas parisienses». No seu apartamento, onde organiza recepções das mais brilhantes, ela dá às alunas noções de decoração da mesa, arrumação de flores, etiqueta internacional, completando suas palestras e trabalhos práticos por visitas às grandes lojas de talheres, cristais, porcelanas, móveis, etc. A baronesa Monique de Nervo, uma das «dez mais elegantes» do mundo, delegada oficial da alta costura parisiense nos Estados Unidos, ensina elegância e bom gosto, ilustrando suas explicações por visitas às casas de alta costura, joalherias, salões de beleza e impressionando, antes de mais nada, pelo seu próprio exemplo: sempre trajada com a maior simplicidade e de acôrdo com a hora e a ocasião. A «arte de ver» está a cargo de Madame Solange Doumic, neta do Secretário Perpétuo da Academia Francesa e fundador da «Revue des Deux-Mondes», professora da escola do Louvre e autora de livros sobre história de arte. Com ela, as alunas visitam museus, igrejas, palácios de Paris e dos arredores. Além disso, a irmã da condessa de Toulouse-Lautrec, a poetisa Louise de Vilmorin faz palestras

(Conclui na pag. 74)

Iluminação Moderna
BEL CLAIR

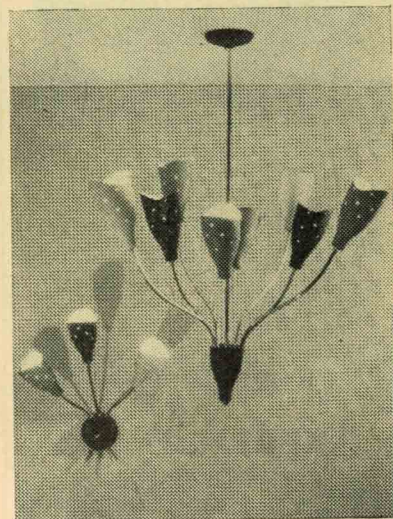
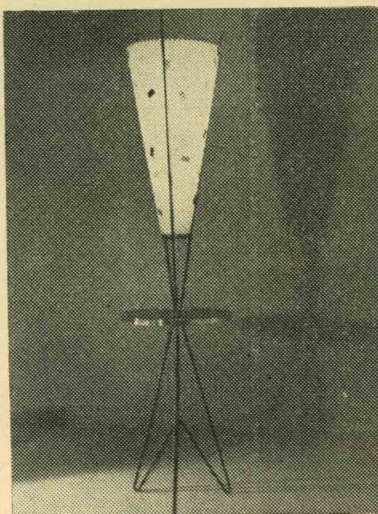
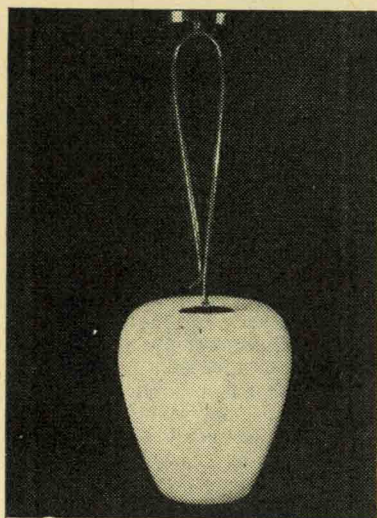
• BAUSCH & LOMB

Lustres de luxo para teto,
 parede, chão e mesa em
 alumínio alemão,
 latão americano pintado com
 tinta vegetal, refratário
 ao calor. Fornecemos
 catálogos.



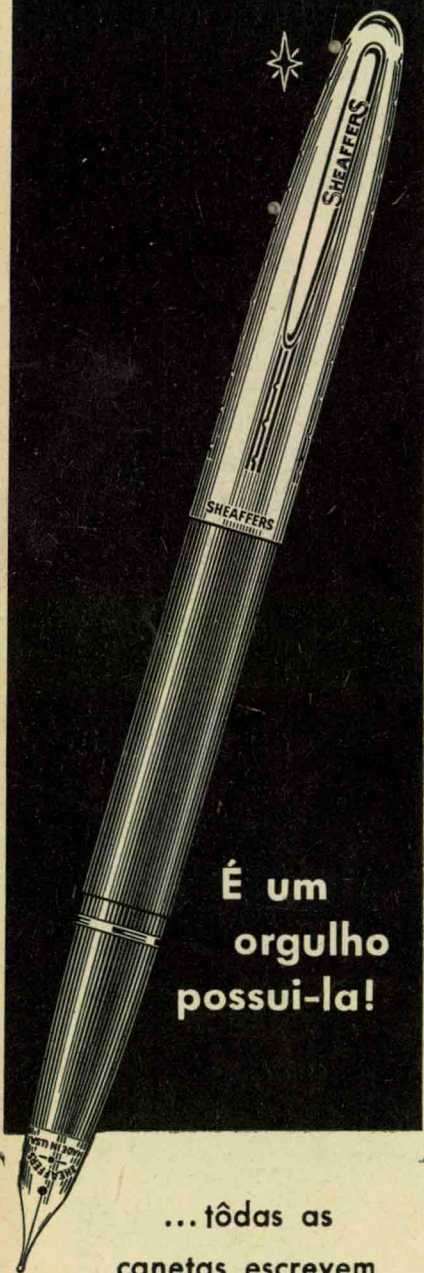
Belgreco Ltda.

Rua Santa Catarina, 308
 Fone 2-7456
 Belo Horizonte —
 Minas Gerais



SHEAFFER'S

- uma jóia



É um
orgulho
possuí-la!

...tôdas as
canetas escrevem
melhor
com a tinta

SHEAFFER'S

Scrip



Academia Maxim's

Conclusão da pag. 72

em sua casa de campo, às portas da Capital, sobre a «arte de conversar». Aliás, ela também faz parte da banca examinadora que deve, no dia do encerramento do curso, apreciar os resultados da aprendizagem, durante um almoço, ao qual os professores são convidados pelas alunas que estão assim passando as provas para demonstrar suas qualidades de «perfeita dona de casa», adquiridas ou aperfeiçoadas na Academia Maxim's.

O cardápio desta refeição constava de

Ovos Poché Maintenon
Lagosta à Armoricana
Frango recheado com azeitonas
Torta de chocolate com molho de baunilha

Souflé de grape-fruit.

Enquanto regava seu franguiño dourado com o molho aromático, uma das candidatas ao diploma acadêmico, Miss France Heard de Santo Antonio (Texas) falava ao microfone, dando entrevista para um programa de rádio canadense. Televisão e imprensa mundial interessaram-se muito pelas atividades da Academia e uma grande revista americana dedicou-lhe um número especial. A «adida de imprensa» da Academia, Mademoiselle Boyer, é ao mesmo tempo secretária geral de Maxim's e desdobra-se em trabalho para atender a todos os que a solicitam. Graças a ela, recebemos confidencialmente para as leitoras de ALTEROSA a re-

ceita dos «Ovos poché Maintenon», que consta do programa do curso, exatamente na segunda-feira da quarta semana, pois não é fácil de realizar e requer bastante experiência, já adquirida durante as três primeiras semanas:

OVOS POCHE' / MAINTENON

(Receita da Academia Maxim's)
(Proporções para quatro pessoas)
8 ovos

250 gramas de massa folheada
1 xícara de molho Béchamel
1 tigelinha de molho holandês
1 limão

250 gramas de cogumelos (champignons de Paris)
sal, pimenta

Esticar com o rôlo a massa folheada numa tábua salpicada com farinha e guarnecer com a mesma oito pequenas fôrmas para bolos. Cozinhar cerca de 10 minutos, depois de bem perfurar o fundo, para impedir de inchar. Deixar ao calor. Preparar os ovos «poché» durante 3 minutos em água fervendo, salgada e adicionada com vinagre branco. Deixar escorrer a água num pano limpo. Passar os cogumelos pela máquina de moer, depois de lavados. Misturá-los com o molho Béchamel quente, acrescentar sal e pimenta e levar ao fogo por um minuto. Encher as torteletas com este pirão. Colocar um ovo em cada uma, cobrir com o molho holandês temperado com o sumo de um meio limão.



O Bôlo de Natal

Continuação da pag. 55

ma coisa que o conservasse quieto — disse a freguesa, um tanto dolorosamente.

— Bem, há este — disse Jenny, com relutância — se a senhora quer realmente um livro.

A mulher quase o arrebatou da mão de Jenny.

«Hum — pensou Martin — dá resultado».

Pensativo, seguiu para seu escritório. Anita estava ali, belamente envolta na melhor pelica que a respectiva seção da Holloway poderia oferecer.

Deu-lhe uma palmadinha no ombro, um tanto distraído.

— E' um prazer vê-la, querida.

— Estou exausta — disse ela.

— Apenas mais três dias de compras para o Natal, repare, e mal

me parece que tenha começado.

Juntando suas peles em torno de si, levantou-se.

— Você virá à minha festa, na véspera de Natal, não é mesmo?

«Ela sabe que será quando eu irei pedi-la em casamento» — pensou ele. Algo fê-lo dizer, contrariamente:

— Tenho de comparecer ao baile do pessoal da loja. Poderia ir depois.

— Acharia melhor? — disse Anita. Disse-o risonhamente, mas não havia engano na mensagem: Ele acharia melhor.

Ao abrir ela a porta para sair, uma rajada de música veio do andar da sobreloja. «Bom Rei Venceslau» encheu o ar.

Com um suspiro, voltou Martin a sentar-se a trabalhar, mas o

dia inteiro ficou a imaginar porque somente ele estaria imune à estranha e alegre loucura que parecia apoderar-se do povo, naquela época do ano.

A inquieta solidão da noite anterior parecia ter tomado posse dele permanentemente.

«Deveria consultar um psicanalista» — disse a si mesmo, mas assim que a loja se abriu, no dia seguinte, desceu para ver Jenny Marchmont.

☆

Lá estava ela, vendendo como um demônio, com seu cabelo sem brilho.

— Senhorita Marchmont — disse ele, formalmente — ocorre-me que a senhorita tenha algo a ensinar-me a respeito da arte de vender e não sou tão orgulhoso que não queira aprender. Se está disposta a jantar comigo esta noite...

— Não posso — disse ela, sem fôlego. — Sinto muito!

O rosto dele ficou vermelho. Retirou-se, espécie de Rei Cophe-tua escarnecido pela sua mendiga. Depois girou bruscamente nos calcanhares e voltou.

— Por que não pode? — perguntou quase gritando.

— Estou fazendo bôlo — gritou ela, enquanto fugia. Com um gesto de exasperação, deixou-a ele ir.

Estava esperando a uma discreta distância da porta do pessoal, quando saiu ela, naquela noite, fresca como uma rosa.

— Senhorita Marchmont, vou para seus lados esta noite — disse ele, ativo. — Quer um lugar no carro?

Ela o observou calmamente.

— Não sonharia incomodá-lo. — Não é incômodo. Insisto — disse ele, surpreendendo a si mesmo.

«Melhor será ir-me rapidamente» — pensou ele, ao parar diante da porta da casa dela. Afinal, era uma loucura para homem na sua posição achar-se às voltas com uma de suas próprias caixas.

— Se o senhor não fôsse meu patrão — disse a moça — e por um alarmado segundo Martin pensou que ela pudesse ler pensamentos — eu lhe agradeceria a viagem com um pouco de Xerez. Mas dificilmente poderá um Ames aceitar a hospitalidade de uma de suas caixas, não é?

Ao ouvir isto, replicou ele:

— Não seja tóla — e imediatamente saiu de seu carro.

Seu estreito aposento era pequeno e brilhante, todo alegrado de decorações de Natal. Ela lhe serviu uma bebida, sentou-se no peitoril da janela e disse:

— O espírito de Natal ainda não se apoderou do senhor?

— Nunca tal acontece. — Martin encurvou os ombros, inciente do descontentamento que se estampava no seu belo rosto moreno. — E por que haveria de acontecer? Giro sobre o Natal como uma torneira. Encho a loja de europeus, ligo as músicas de Natal, empilho os presentes nas janelas.

— O senhor pensa que o Natal está em tudo isso? No lado comercial?

Fitou-o, horrorizada.

Ele desafiou:

— Bem, que é que há mais?

Jenny encolheu os ombros.

— Não posso explicá-lo ao senhor, da mesma maneira como não poderia explicar o que fôsse lantejoulas a um cego. Poderia dizer-lhe como cintila, mas tudo o que ele sentiria seria o barba-te.

Ergueu-se bruscamente.

— Preferiria jantar e depois continuar o meu bôlo. — Lançou para ele um rápido olhar. — Poderia convidá-lo para jantar, mas o senhor provavelmente prefere comer em casa. Só tenho guisado à irlandesa.

Estivera ele pensando no jantar que estaria pronto em casa, um bom jantar diante daquilo, mas agora estendeu o queixo para fora e disse:

— Que é que tem de mau o guisado à irlandesa?

Nada tinha de mau o guisado à irlandesa. Ao comer, sentiu ele certa familiaridade impertinente na situação. Perseguiu-o toda a noite, enquanto ajudava, sob protestos dela, a mexer o pão de gengibre. Cada um por sua vez tratou de escrever «Feliz Natal» sobre cada superfície, com a seringa de açúcar, e achou-se ele a rir ruidosamente diante de todos os seus enganos.

Através da risada, persistia o sentimento de que «isto-aconteceu-antes». A sensação de perplexidade ainda continuava, quando ele abandonou a casa dela e aquele quente e cordial cheiro de pão de gengibre, para voltar para à sua.

☆

O dia seguinte era Positivamente O Derradeiro Dia de Compras Para o Natal. Guiou para a loja numa longa cauda de exasperados motoristas e, ao chegar, não se achava de bom humor.

Sua secretária pôs uma lista de nomes em cima de sua escrivaninha. «A brigada de gratificações» — disse ela, simplesmente. Ele acenou com a cabeça. Era uma lista do pessoal de vendas que

(Continua na pag. 90)



É como se você acabasse de sair do banho...

É natural que ele fique deslumbrado. Quando você usa ODO-RO-NO após o banho... você conserva aquela sensação agradável e refrescante por 24 horas.

ODO-RO-NO é todo desodorante, todo ação e eficácia. Você não poderia encontrar nada mais completo.



Faça de
ODO-RO-NO
o seu melhor hábito diário





←
Sob os olhares curiosos de uma multidão de crianças, uma das empregadas da loja prepara a exposição de brinquedos e objetos de fantasia. Quantas dessas criancinhas não estarão fazendo, mentalmente, o seu pedido a Papai Noel?

Vista do edifício onde funciona a loja GUM, que ocupa três pavimentos. Aqui o público de Moscou encontra tudo aquilo que deseja.

SUPERMERCADO DE MOSCOU PREPARA-SE PARA O NATAL

Fotos Camera Press

As crianças, com seus gostos e predileções, são sempre as mesmas no mundo inteiro e assim também são seus brinquedos. Estes, exibidos pelo departamento infantil da loja GUM, por certo, gozam de apreciação universal.



A PESAR das grandes diferenças de línguas, raças, credos, costumes, etc., espalhadas pelas face da Terra, podemos afirmar que, com pequenas exceções, os preparativos para a festa de Natal são semelhantes em todos os lugares. A preocupação em adquirir presentes e enfeites é a mesma; é a mesma a intensidade no movimento das casas comerciais; e é com a mesma ansiedade que as crianças aguardam o dia de receberem o seu presentinho.

Na Rússia, por exemplo, onde os costumes são tão diferentes dos nossos e onde se fala uma língua bastante complicada, não temos necessidade de intérpretes para ficar sabendo que é época de Natal e que todas as lojas estão procurando expor, da maneira mais atraente possível, os artigos de que dispõem para a grande comemoração.

A maior loja da Capital soviética é a GUM, de propriedade do estado, que recebe normalmente, em suas dependências, cerca de um quarto de milhão de fregueses por dia; mas, em se tratando do Natal, naturalmente esse número é consideravelmente aumentado. Situada bem em frente à Praça Vermelha, a GUM constitui, sem dúvida alguma, o supermercado de Moscou, pois, em suas amplas e bem equipadas instalações, o freguês encontra tudo aquilo de que necessitar: do alimento aos aparelhos de rádio, da agulha aos apetrechos de pesca.

Incluindo-se vendedores, caixas, chefes de seções, entregadores, etc., estima-se em cerca de cinco mil o número de empregados da loja e, se colocados ponta com ponta, os balcões dos seus vários departamentos poderão alcançar bem uns três quilômetros de comprimento.



←
Denise Guimarães Prado, com os cabelos louros tingidos de castanho, sobe a escada do avião, satisfazendo um de seus maiores prazeres: viajar.

→
Muito simples, Denise aparece ao lado do garção Raimundo, do Iate, que foi o seu candidato a vereador no último pleito. O voto da Rainha, e mais outros, porém, não o elegeram.

DENISE: “VIVO O PRESENTE SEM PREOCUPAÇÕES COM O FUTURO”

Reportagem de ROBERTO DRUMOND

QUANDO, no início deste ano, Denise Guimarães Prado, a nossa Miss Minas Gerais 1958, sagrou-se Rainha Continental do Café em Manizales (Colômbia), seus olhos cor-de-mel ficaram cheios de lágrimas.

— Eu acabava de vencer dezoito rivais e, assim, fiquei emocionada.

Sua vitória trouxe, ainda, a oportunidade de fazer uma das coisas de que mais gosta: viajar. Um dia, Denise Guimarães Prado disse que seu maior sonho é casar e ter doze filhos: exatamente seis casais. Mas só o colocaria em prática quando já se sentisse bastante responsável e tivesse andado por meio mundo. Numa de suas mais recentes vindas a Belo Horizonte, o repórter lhe fez a pergunta outra vez, porque agora ela já viajou muito. Sorrindo, Denise Guimarães Prado respondeu, no entanto:

— Não quero falar em casamento, pois quero viver o presente, deixando o futuro para depois. E o casamento é plano para o futuro.

Ouvindo músicas de Nat «King» Cole, numa breve chegada que deu a BH «para matar saudades», Denise Guimarães Prado explica por que, quando se casar, deseja ter seis casais:

— Gosto de meninos e meni-

(Continua na pag. 80)





No Iate a Rainha Continental do Café se escondeu atrás de uma folhagem para ser fotografada.

nas, e vou pedir a Deus que me dê seis casais.

Medindo 1,65 e contando 21 anos, Denise Guimarães Prado nasceu em BH, num dia 21 de julho. Seus cabelos são louros, mas depois que é Rainha Continental do Café ela os pintou de castanho. Adorando sorrir, a ex-Miss MG é uma moça sem mistério, porque o único mistério que possui está em seus olhos: são cêr-de-mel (se há sol) e castanhos (se há sombra).

Denise é filha do médico Cartéia Prado, e tem uma irmã e um irmão. Morou dois anos nos Estados Unidos, estudando economia doméstica na «Stillwater» (Oklahoma), e fala bem o inglês.

— E' quase a minha segunda língua — diz.

Entre o que mais aprecia estão as viagens, e à simples lembrança de viagens «sente água na boca». A carreira de «Miss» começou para Denise com uma derrota: perdeu para Teresinha Aloísio, em 55, no concurso para a escolha de «Miss BH». Mas não chorou nem desanimou.

— Ganhei experiência.

Em 58, porém, ela ganhou um presente de aniversário: foi eleita no dia 21 de julho «Miss MG». Diz que sentiu, de mistura com muita alegria, um grande cansaço. E comenta:

— Estava moída.

Disputando o concurso «Miss



DENISE

A Denise Prado desta fotografia completava vinte anos e ganhava, pela noite, um presente (inesquecível) de aniversário: foi eleita «Miss MG».



Brasil», conseguiu o terceiro lugar. Adalgisa foi disputar o «Miss Universo», Sônia (a segunda colocada), o «Miss Mundo», e Denise, então, foi a indicada para disputar o pleito de onde saiu como Rainha Continental do Café. Começou aí a correr o mundo, fazendo propaganda do café, e em todos os países que visitou fez sucesso, sendo recebida com carinho e admiração, de que é exemplo o que escreveu o diário «La Patria», de Manizales, sobre ela :

— «Tudo nela é brilhante e elevado e para ela vão todos os elogios, os cânticos e os últimos anelos do coração».

Satisfeitíssima em ser Rainha do Café, confessa, no entanto, estar cansada, porque trabalha normalmente de nove da manhã à meia-noite.

— De tanto viajar, quando paro um pouco, sinto o cansaço. Mas, durante as viagens, esqueço que o cansaço existe — explicou Denise, sorrindo.

De vez em quando, enquanto fala ao repórter, Denise se levanta e vai até a radiola mudar os discos de Nat «King» Cole. Quando o cantor negro começou a canção «Fascinação» seus olhos côr-de-mel ficaram distantes.

— Você gosta de alguém, Denise ?

Denise Guimarães Prado prefere não responder. Mas conta que entre as vezes (raras) em que chorou foi numa despedida no Rio, e «despedida é a coisa mais triste que há». Pelo jeito, Denise Guimarães Prado já sabe a quem ama, e com quem deseja casar, porém não o diz e muda de assunto. Como casamento implicava (também) em saber cozinhar, perguntamo-lhe se ela sabe.

— Quem me dera : só sei fazer salada...

— Em que se deve pensar antes de casar ?

— Antes de tudo devemos ter muita, muita mesmo, responsabilidade. Se não for assim, poderá acontecer que seja, um dia, «tarde demais» para pensar...

— O divórcio pode vir, não acha ?

— Deus me livre. Se eu fôsse deputado, daria um voto tranqüilo contra o divórcio. Sou anti-divorcista por excelência.

Dizendo que «se Deus quiser serei feliz no casamento» Denise Guimarães Prado acrescenta :

— Eu disse que não sei cozinhar, mas quero e vou aprender.

Denise Guimarães Prado confessa não gostar de tirar fotografias de maiô : — «Só de roupa comum». Diz que não sente nenhum prazer em mostrar as pernas e, quando foi candidata a Miss MG, só a muito custo concordou em posar de maiô para um jornal da organização que patrocinava o concurso.

Conta que, antes de ser Rainha Continental do Café, ajudava à «Associação Luísa de Marillac»; por causa disso, mesmo que gostasse, não ficaria bem «aparecer na imprensa de maiô».

A Rainha Continental do Café, que é romântica, aprecia os sambas, «bem nossos», mas entre as músicas que sempre gosta de ouvir está o samba-canção «Laura». Diz que em BH, sempre teve um programa, e quando deixar de ser Rainha Continental do Café, voltará a segui-lo. Levanta-se bem cedo, dá umas voltas, visita dois sobrinhos pequenos. Gosta de cinema, mas vai pouco; gosta de buate, mas «de vez quando». Quase tudo que ela faz é sorrindo : tem grande alegria de estar vivendo. Um de seus prazeres é ir nadar aos domingos no Iate. Quanto ao «café-society», também gosta, mas «sem excessos».

— E os cronistas sociais ?

— De vez em quando eu os leio.

Falando sobre o título de Rainha Continental do Café, ela afirma :

— Antes de tudo, realizo um trabalho em benefício de nosso café, ajudando a fomentar o seu consumo pelo mundo afora. O meu título de Rainha significa, antes de tudo, a obrigação de prestar um serviço patriótico.

E' com esse espírito que a bela Denise Guimarães Prado tem andado por vários países, dizendo a todos que devem beber café.

IMPRESSOS DE QUALIDADE

Folhetos

Cartazes

Volantes

Rótulos

Revistas

Livros

Relatórios

Catálogos

.Clichês .Fotolitos

Departamento de Arte

LAY-OUTS SUGESTÕES

MONTAGENS

Aceitam-se encomendas de todo o país

SOC.
EDITORA ALTEROSA
LTDA.

Av. Afonso Pena, 941 — 4º andar
Fone 2-4251 — Caixa Postal 279
End. Telegráfico: ALTEROSA

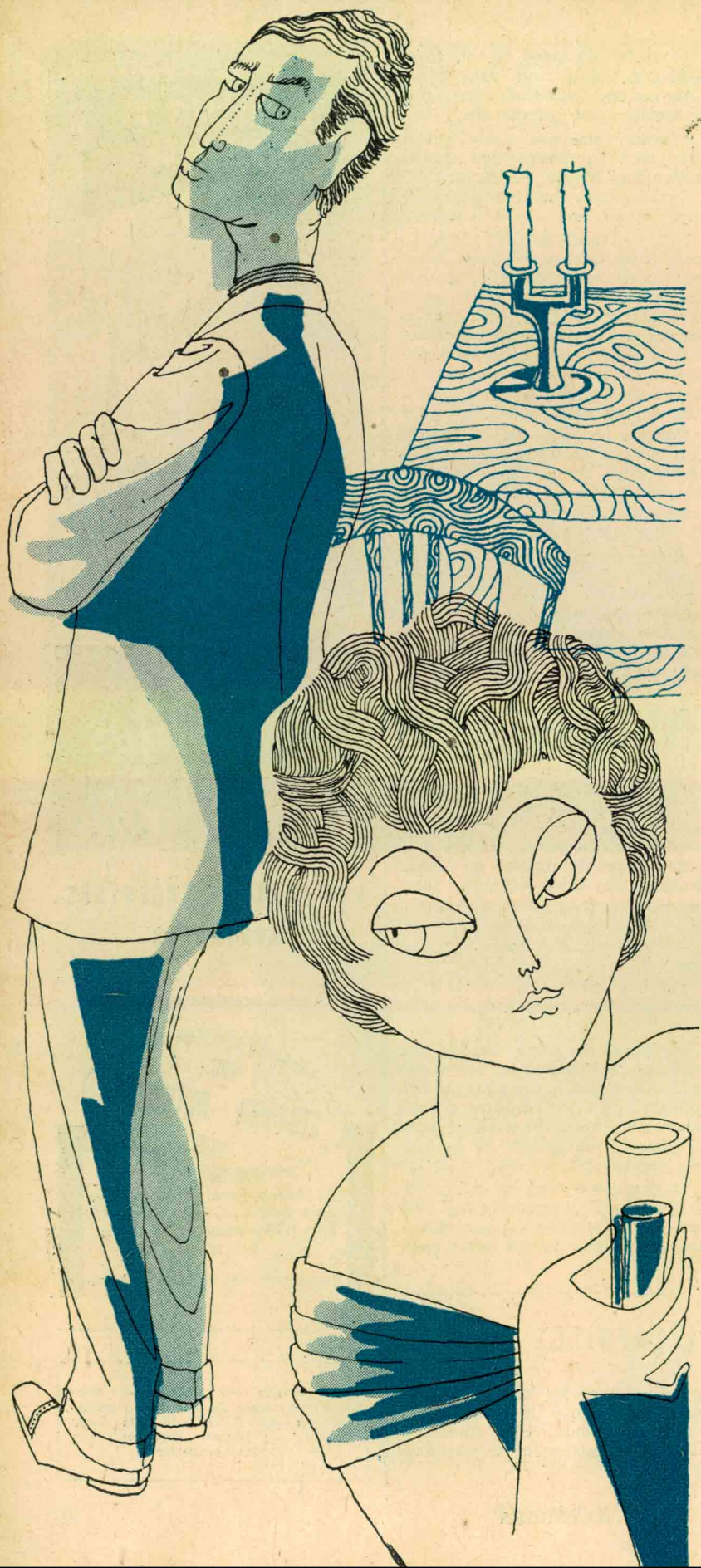
Belo Horizonte

Expediente das 11.30 às 18 horas

CAMPEÕES DE CICATRIZES

O recorde mundial de «ferimentos no esporte» foi batido pelo jogador de hockey no gelo, Eddie Shore. Eddie, que é de Nova York, em treze anos de atividade, fraturou o queixo cinco vezes, quatro o septo nasal e tem o corpo coberto de 978 cicatrizes, além de não possuir nenhum dente verdadeiro.

Considerado em relação à tiragem e à classe de leitores, o anúncio em ALTEROSA é dos mais baratos da grande imprensa periódica brasileira.



E ELA DISSE: "TALVEZ" ... QUINTA PARTE

RUFUS KING

• *Ilust. de* ALVARO APOCALYPSE

RESUMO DA PARTE JA' PUBLICADA — Depois de fazer com que o cadáver de Solda Carmandine passasse por ser o seu e de assumir ela mesma a identidade de Solda, Clara Denlon instalou-se numa casa de campo nas proximidades de Bodmont Falls, onde ficou a aguardar a oportunidade de desfechar o golpe que estava tramando contra Harold Denlon, seu marido. Essa oportunidade chegou quando Harold, considerando-se viúvo, e à instân-

cias dos seus amigos mais íntimos, contraiu novas núpcias, com Edna Washburton, sua vizinha e companheira de infância, viúva também. Harold era homem fino, não gostava de envolver-se em confusões, e Clara teria ocasião de capitalizar essas características. Sabendo que ele era entusiástico colecionador de primeiras edições de obras raras, telefonou-lhe como se fosse outra pessoa, oferecendo-lhe uma preciosidade bibliográfica e conseguindo, com isso, atraí-lo à casa onde estava residindo.

O SANGUE, todo o sangue de seu corpo, pareceu sumir, de um momento para o outro. Sua respiração tornou-se mais lenta e profunda. As mãos ficaram frias, sem vida, na ponta de braços sem vida também.

— Olá, Harold.
— Olá, Clara.
— Acho bom você entrar e sentar.

— Obrigado.
— Ela bateu a porta e tomou a frente, indicando o caminho da sala de estar. Apontou um sofá para o automático que a seguia.

— Bebe um trago, Harold?
— Se você não se incomoda, aceito.

A bebida já estava preparada. Clara sentou-se numa cadeira, bem perto dele.

— Achei melhor não dizer tudo ao telefone, Harold. Por causa dos criados, sabe? Por causa de Edna. Por isso eu disse que era a Sr^a Wiggins e inventei a história do livro. Achei que o susto... achei que você não iria acreditar.

Seus olhos continuaram parados, revelando a sua inteira incredulidade. A respiração permanecia lenta e profunda. Afinal, ele disse:

— Eu absolutamente não posso acreditar. Você não pode ser Clara.

— Pois sou.
— Clara morreu.
— Você acredita que ela morreu, Harold. Mas não morreu.

— Eu mesmo fiz o seu enterro. Ela prosseguiu tentando vencer a sua incredulidade, aquele impulso dele em afirmar que a verdade não era verdadeira. Harold permaneceu sentado e parecia não se dar conta das palavras de Clara, enquanto ela ia falando de coisas íntimas da sua vida conjugal. Numa das pausas, ele afirmou:

— Clara morreu afogada.
Clara teve de recorrer a outros meios. Soltou a corrente que pendia do seu pescoço e entregou a ele o medalhão com uma mecha de cabelos.

(Estes são os seus cabelos...

E eu os guardei comigo durante todos esses anos).

Os cabelos eram dele. A respiração readquiriu o ritmo normal. Não se tratava mesmo de um fantasma. Aquela era ela, era Clara.

— Isso é de mamãe.
— E', sim, Harold.
— Clara... ah, Clara, conte-me o que houve.

Clara contou. Contou uma história que passava por verdadeira obra-prima de imaginação, misturada a uma parte da verdade. Voltou àquela já tão distante quinta-feira. Depois de sair do cabeleireiro e de ter andado a fazer compras pela cidade, ela passara pela incrível surpresa de encontrar uma mulher que era quase a cópia exata dela mesma. Ambas, admiradas com o fato, puseram-se a conversar. Tomaram chá e depois, por sugestão de Clara — uma vez que as duas estavam livres — decidiram abrandar o calor indo para o campo. O nome da mulher era Alice ou coisa parecida. Depois da experiência terrível pela qual passara, Clara não conseguia lembrar-se com exatidão.

Haviam nadado um pouco, comeram qualquer coisa no jantar e, afinal, foram de novo nadar, à luz da lua. De repente, a mulher fôra atacada por violentas câibras. Clara havia feito esforços hercúleos para salvá-la, mas a mulher era muito forte e Clara por pouco não se afogara também.

Daí para diante Clara não se lembrava de mais nada. Evidentemente, o susto, o horror, aquela aproximação tão grande da morte provocara um ataque de amnésia. E Clara não se lembrava de nada, até recuperar sua verdadeira identidade, naquela casa, algumas semanas atrás. A recuperação se dera em virtude de uma queda que tivera na escada.

Após os primeiros instantes de surpresa, em que ela fizera desesperadas tentativas para orientar-se, o Destino (que sempre a havia perseguido) pôs-lhe nas mãos um exemplar da «Gazeta» contendo a história do casamento de

Harold e Edna. Clara quase perdera os sentidos. O jornal era de dois dias antes, e o casamento, um fato consumado. Os criados da casa chamavam-na de Sr^a Carmandine, e ela não quisera dar-lhes conhecimento da verdade, enquanto não decidia pelo melhor caminho a seguir — o melhor caminho para Harold, para Edna e para si mesma.

— Na verdade, Harold, cheguei a uma conclusão que não devemos desprezar: nós não nos amamos mais, não é mesmo?

— E' fato.

Era fato. Mas Harold não estava ainda suficientemente preparado para ele. A confusão continuava muito grande, tornando-lhe mais difícil pensar. Onde (queria ele saber) havia ela vivido? Como adquirira aquela nova identidade, como Solda Carmandine? E com que havia vivido durante aquele prolongado período de amnésia?

Com encantadora simplicidade, Clara apresentou-lhe a indiscutível explicação de que não sabia. Ninguém que sofresse daquela doença poderia saber. Jamais.

(Ela sabia muito bem. Seus olhos passaram dele para o cãozinho de porcelana sobre a lareira e Clara pôde recordar como descobrira a fonte de dinheiro: o que ela mesma havia guardado, e as pobres economias de Solda, que não eram assim tão pobres, porque a moça tinha desejos tão modestos e ainda a pequena herança que Solda recebera de sua mãe; pois, ao que podia recordar, Solda lhe dissera não confiar em bancos e ela não tivera de procurar muito para encontrar o dinheiro num cantinho do banheiro, nos dias que passara no apartamento de Solda, da Rua da Côte).

— Agora, Harold, poderei fazer o que você quiser — disse ela, concluindo sua história.

Era muito fácil dizer uma coisa daquelas. Agora, enquanto a ouvia, Harold compreendeu pela primeira vez a enormidade do problema que tinha diante de si. Acreditasse ele ou não acreditasse na história de Clara (e possivelmente não estaria acreditando

do), o fato é que aquilo o atormentava quase a ponto de fazê-lo adoecer, porque o que sobretudo o preocupava era a posição de Edna.

Ela, seu ídolo adorado, com aquela aura maternal que tanto o agradara, deveria ser poupada a todo custo. Não poderia deixar que ela sofresse por causa daquilo, que fôsse alvo de escândalo público por causa do seu casamento bigamo, ainda mesmo que ele não tivesse a menor culpa no caso. E que poderia fazer ?

Clara já tinha a resposta. Sua chantagem — pois, afinal, de outra coisa é que não se tratava — tomou a forma de uma «sugestão».

— Farei o que você quiser — repetiu ela. Divórcio... anulação... mas quando penso em Edna... quando lembro que quase tudo virá a público... tudo mesmo, Harold... Mas há uma coisa que eu poderei fazer, Harold. Tenho pensado nisso dia e noite. Poderia desaparecer de novo. Como naquele poema... o «Enoch Arden», lembra ? Eu poderia arranjar-me de qualquer jeito, dar um jeito qualquer na minha vida, mas eu sei, Harold, que você não haveria de permitir que eu sofresse... financeiramente.

Completamente atordoado, por causa do número de repercussões que poderiam magoar Edna, Harold concordou automaticamente que, de certo, não haveria de discutir o aspecto financeiro do caso. E Clara, diante disso, sugeriu, como que somente por sugerir, que ele lhe desse alguns milhares de dólares — talvez aí por volta de uns trezentos mil.

Harold não era tolo. Sua noção de valores monetários tornou-se apurada de um momento para o outro, assim como a sua capacidade de raciocinar. Espantava-o imaginar que aquilo pudesse ter sido propósito de Clara, desde o princípio, e que ela, em vez de tentar salvá-la, houvesse procurado apressar a morte da mulher que fôra enterrada com o seu nome. Seus pensamentos parecem ter-se revelado nas linhas do rosto, pois Clara percebeu que ele pensava na possibilidade de ter havido um crime. Resolveu esperar.

Harold agora adotava uma posição lógica para analisar o caso. Supondo que ele revelasse o estratagemma de Clara, Edna haveria de compreender, os amigos também compreenderiam, mas... e o escândalo ? Durante anos e anos, ele haveria de ser perseguido por aquela lembrança, e Edna teria que passar pelos dissabo-

res do divórcio e da anulação do casamento, teria de assistir ao julgamento de Clara, pois a história contada por ela jamais seria aceita sem discussão pela justiça. Tudo aquilo serviu para dominá-lo. Nunca, enquanto houvesse uma solução, ele haveria de permitir que Edna fôsse atingida.

A morte bem que poderia ter sido accidental. Harold considerou essa possibilidade com o mais absoluto ceticismo. Ademais, caso realmente tivesse havido assassinio, o fato é que tudo já havia passado. A morte não tiraria o menor proveito, nem ninguém da sua família, pois não aparecera parente seu para reclamar seu desaparecimento. A que propósito, então, provocar a consumação de um ato de justiça, naquela altura dos acontecimentos ?

Não havia que pensar mais. Tendo tomado a decisão que deveria tomar, as coisas tornaram-se mais agradáveis, pelo menos aparentemente. E' verdade que Clara sentiu uma pontinha de medo, diante da atitude de Harold, fugindo tacitamente a qualquer menção à mulher que morrera, quase como se existisse en-

tre eles uma conspirata. Em que havia ele acreditado ? Cegado pela determinação de proteger Edna, teria ele acreditado na versão de Clara ? Ou teria percebido a verdade ?

Harold passou a tratar do assunto como se tratasse de um negócio qualquer. Uma soma tão grande era impossível, para já. Que tal se ele fizesse dois pagamentos, o primeiro dentro de sete dias, e outro duas semanas mais tarde ?

Clara pôs freio à sua avareza e concordou. Os pagamentos, sugeriu ainda, poderiam ser feitos ali mesmo. Ela daria um jeito de fazer com que a casa estivesse vazia, para evitar indiscreções.

Tudo muito simples, mas não para Harold. Aquela mulher (pois era assim que ele pensava em Clara) que tanto havia significado para ele, e para quem ele não significara mais do que uma conta bancária congelada até que pudesse ser posta em movimento, deixava-o cheio de amargura, quase como se fôsse algo de leproso a ameaçá-lo e Edna. E, embora sentisse dessa maneira, o seu velho hábito de ser essencialmente cortês para com as mulheres fez com que se lhe tornasse impossível sair sem mais nem menos, como era seu desejo.

A verdade, porém, é que não chegou a ser incomodado por aquilo, pois a própria Clara se encarregou de ajudá-lo, dizendo : — Boa-tarde, Harold. Até quinta-feira.

Tomou a frente, para levá-lo até a porta, e abriu-a para ele.

— Até quinta-feira — disse Harold.

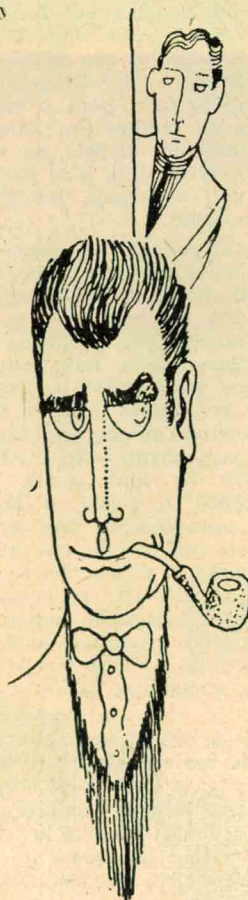
Clara fechou a porta.

CAPÍTULO V

ERA AQUELA hora triste em que a noite dá lugar ao dia, quando as estrelas se apagam e o céu, a custo, vai clareando, pouco a pouco.

Edna (Harold o compreendeu durante uma noite em que não teve pesadelos porque não chegou a dormir) estava vivendo em estado de pecado. Procurou consolar-se, alegando que aquilo se devia a um detalhe puramente técnico — a lei. Pouco valeu o conselho.

As suas amargas conjecturas, formuladas naquelas horas antes do amanhecer, foram sucedidas por outras que diziam respeito a Clara. Nas poucas histórias de chantagistas que tivera ocasião de ler, ele verificara que nunca ficavam satisfeitos. Pelo contrário, voltavam sempre a procurar suas vítimas, até despojá-las do último centavo. Dar-se-ia o mes-



mo com Clara, depois que ele lhe entregasse aquela polpuda soma em dinheiro?

Não. Podia ter quase certeza disso, porque Clara era inteligente e sabia do risco que haveria de correr. Supondo que a coisa viesse a furo — mas não viria, enquanto ele pudesse evitar, enquanto pudesse conservar Edna a salvo — mas supondo por supor, que aconteceria com Clara? Pensava-lhe nos ombros a carga de um corpo de mulher enterrada, com o nome dela, no cemitério municipal de Bodmont Falls. E havia aquela frágil história de amnésia.

Que lhe havia dito o Sargento Morris a respeito da amnésia? «O senhor já viu como a amnésia está ficando popular, de uns tempos para cá?» A Harold, custou um pouco certificar-se de que gostava de Morris. Não havia, para isso, qualquer razão definida. Mas gostava, simplesmente. E agora, que pensar da infeliz cujos restos se encontravam no cemitério? (levando em consideração que Clara houvesse sido posta fora da cena). Quem seria ela? O retrato de Clara aparecera destacado na primeira página da «Gazeta», no dia em que seu corpo fôra encontrado. A semelhança entre as duas era espantosa. Muito embora houvesse sido identificada como Clara, o desaparecimento da outra mulher, o seu completo afastamento dos seus círculos sociais e familiares, ainda não haviam sido objeto de discussão. Mas, seria verdade aquilo? Por ser homem de caráter delicado e sensível, Harold podia perfeitamente pôr-se no lugar dos amigos e da família dela. E sentia todas as dores que haveriam de estar sentindo os parentes e os entes queridos daquela mulher, sem saber onde se encontrava.

Teria sido levado à polícia um pedido de busca de outra mulher desaparecida, no mesmo dia em que fôra notado o desaparecimento de Clara, ou quando fôra publicado o seu retrato no jornal? Poderia ele perguntar aquilo ao Sargento Morris, sem pôr em risco a segurança de Edna, por despertar as suspeitas do policial? Com que desculpa poderia ele apresentar-se diante de Morris? Teria de fazê-lo com o maior cuidado, e, se possível, por acaso.

O sol enviou um raio para dentro do quarto e Harold foi dormir. Acordou às oito horas e, mais tarde, na hora do café, disse a Edna:

— Preciso de ir a Nova Iorque, para estar com Wilkins, Edna.

Quero vender algumas apólices. Gostaria de ir comigo?

— Seria ótimo, Harold. Para quando é a viagem?

— Penso que poderíamos pegar o avião da manhã. Iria procurar Wilkins depois do almoço, enquanto você fazia umas compras. Vou telefonar para um hotel, pedindo reserva de quartos. Assim, poderemos ir a um teatro e regressar amanhã cedo.

Edna ficou mais do que satisfeita.

☆☆☆

AGORA QUE tudo começara a dar certo, a satisfação inicial de Clara ia-se reduzindo pouco a pouco. Com o fim do negócio tão próximo de suas mãos, a sua impaciência ia crescendo. O que mais lhe interessava agora era sair quanto antes de Bodmont Falls, para que o pano caísse sobre aquele ato da sua existência. Ademais, ela podia perfeitamente perceber que estava ficando atemorizada.

Passara a noite inteira a recordar, detalhe por detalhe, o seu encontro com Harold, lembrou como se apresentara à vontade, tão à vontade que chegara a dar na vista. Seus nervos estavam a ponto de rebentar, sobretudo porque ela agora não suportava mais a presença das coisas de Solda. Eram coisinhas sem importância, mas que assumiam uma magnitude desproporcionada, e entre elas predominavam as coisas triviais que Solda havia guardado por razões de coração.

Essas coisas — o cãozinho de porcelana, a cesta de costura feita de vime e o navio a vela — ligavam-se à sua arraigada superstição. Clara já acreditava que, de certa forma algo mística, tais coisas lhe eram mortalmente ameaçadoras. Não obstante, ela não podia — não ousava, mesmo — livrar-se delas, destruí-las.

Não foi melhor a noite de terça-feira. E pior ainda foi a de quarta, que a conduziu, com os nervos cada vez mais tensos, a uma quinta-feira sombria de novembro.

A Clara, bastara mandar que a Sr^a Porter e Joe fôssem passear na cidade, para ter o terreno livre para agir. Ambos acharam estranha a insistência de Clara, e ela bem que o percebeu, mas seu sistema nervoso estava de tal maneira agitado que não ligou importância. Assim foi que, lavados os pratos após o almoço, a Sr^a Porter, apresentando um aspecto mais trágico que de costume, meteu-se no pedaço de lã que para ela era um casaco, e entrou no

(Continua na pag. 86)

CONCURSO DE CONTOS

N^o sentido de incentivar os valores novos de nossas letras, a Companhia de Seguros "Minas-Brasil" patrocina o "Concurso Permanente de Contos" desta revista, nas seguintes bases:

1º) — O original deve ser datilografado em uma só face do papel, em espaço n^o 2, com o máximo de 8 e o mínimo de 3 laudas.

2º) — Motivo e ambiente nacionais.

3º) — Observância dos princípios morais que norteiam os costumes da família brasileira.

4º) — Argumento isento de tragédias fortes ou mistérios tenebrosos, fixando de preferência as emoções do ambiente de família, do lar e os dramas de fundo moral sadio e honesto.

5º) — Os trabalhos devem ser inéditos e, uma vez premiados, terão os seus direitos autorais reservados por ALTEROSA.

6º) — É permitido ao concorrente assinar o trabalho com pseudônimo. Neste caso, deverá mencionar também o seu nome e endereço completos para a remessa eventual do prêmio que lhe couber.

7º) — Os dois melhores trabalhos recebidos em cada mês serão divulgados nas páginas de ALTEROSA e contemplados, cada um, com o prêmio de mil cruzeiros.

8º) — Os trabalhos considerados publicáveis, embora não reúnam qualidades suficientes para que sejam premiados, receberão menção honrosa e poderão ser eventualmente divulgados.

Os prêmios deste Concurso são enviados pela Companhia de Seguros "Minas-Brasil", diretamente aos autores premiados, sessenta dias após a publicação.

Não se devolvem originais, ainda que não sejam aproveitados, nem se manterá correspondência sobre o destino dos mesmos. A revista noticiará, quinzenalmente, o resultado do julgamento, relacionando os trabalhos aprovados.

COLABORAÇÃO DE LEITORES

Para conhecimento de nossos leitores que concorrem com trabalhos para o concurso "Minas-Brasil" e com outras colaborações espontâneas para esta revista, mencionamos a seguir as produções recebidas na 2ª quinzena de outubro e que mereceram aprovação da Comissão Julgadora:

CONTOS: Nenhum conto mereceu aprovação.

CRÔNICAS: Não houve, também, nenhuma crônica aproveitável.

POESIAS — "Pureza", de Antonio Zoppi, 7 trovas, de Benny Silva e 2 trovas de Marilda Geralda M. Sena.

automóvel onde Joe já estava à espera.

Foram-se. Clara ficou sôzinha na desolada mansão. Não realmente sôzinha, porque enquanto esperava na sala de estar, sentia ali a presença de Solda.

Harold chegou às três horas. Tinha um aspecto frio e triste, ao mesmo tempo seguro de si. Agradeceu a Clara com cortesia e disse que não precisava tirar o capote, ia demorar-se pouco tempo. E entregou o dinheiro :

— Aqui está, Clara.

— Obrigada, Harold.

— E' em notas de cem dólares. Notas maiores são difíceis de trocar ou de pôr no banco, sem que o Departamento de Taxação fique sabendo.

— Foi muito bom você ter-se lembrado disso. Eu não me lembraria.

— O resto virá do mesmo jeito. Trago dentro de duas semanas.

— Obrigada, Harold.

— Seria conveniente para você, se eu trouxesse o dinheiro à noite, e não a esta hora ?

Clara hesitou, lembrando-se do problema de Joe e da Sr^a Porter.

— Não, fica bem assim.

— Posso vir às onze, então ? Será tarde demais ?

— Às onze ? Será ótimo, Harold.

«Ele agora irá para casa — penso eu — e eu poderei contar o dinheiro, tocá-lo com as pontas dos dedos, senti-lo». E disse :

— Há uma coisa que eu gostaria de pedir-lhe, Clara.

Ela se pôs numa atitude de defesa.

— O quê ?

— Quero o medalhão de mamãe.

Ela não tinha sabido o que esperar, e o alívio quase fê-la rir na cara dêle.

— Oh, só isso ? — disse ela; e tirando a corrente do pescoço, entregou-a a Harold. — Aqui o tem, Harold.

Ele segurou a jóia, apertando-a calorosamente entre os dedos, enfiou-a no bolso do casaco e agradeceu.

Dessa vez, nenhum dos dois pretendeu exibir cortesia, no momento da despedida. Harold limitou-se a uma breve e silenciosa curvatura, e saiu, batendo a porta com força, por causa do vento.

Clara deu uma volta à chave da porta. Uma inspiração bem profunda libertou-a da tensão nervosa e, com o embrulho seguro com força entre as duas mãos, ela subiu correndo a escada e foi para o quarto, fechando a porta com violência. As suas unhas duras dilaceraram o papel-manilha que

envolvia o dinheiro, e ela espalhou as notas sobre a cama, para depois juntá-las, cuidadosa, em pacotes de mil dólares. Afinal, era seu todo aquele dinheiro ! Eram nada menos de cento e cinqüenta mil dólares, em notas novinhas em fôlha !

O ruído suave da neve misturou-se ao uivar do vento. E era cada vez mais forte a pancada de neve, e cada vez mais desaparecia o verde dos pinheiros. E Clara contava e recontava o dinheiro.

☆☆☆

AQUELES BREVES momentos que passara com Clara fizeram com que aumentasse em Harold o tormento que sentia por causa dos amigos e entes queridos da desconhecida enterrada no cemitério. Atormentava-o a lembrança do rosto de Clara, que era igual ao rosto da outra. Afinal, a temperatura fria da noite, durante a viagem de volta à casa,

Até os homens mais diversos variam, uma vez ou outra, a sua maldade, praticando atos nobres. — Lew Wallace.

serviu para retemperá-lo.

Harold tomou uma decisão. Alguma coisa tinha de ser feita.

Aquela noite, durante uma sessão de meditação enquanto o sono não vinha, Harold concluiu que havia apenas uma saída : acompanhar os movimentos do Sargento Morris. Deveria segui-lo. Procurando manter-se desapercibido, êle haveria de verificar onde Morris comia e onde costumava ir. Obtida essa informação, seria fácil provocar um encontro casual e, então, conversar, sem compromissos, sobre o movimento do Departamento de Desaparecidos.

Afinal, Harold acordou. Na hora do café, falou a Edna que estava na trilha de uma primeira edição, e que não voltaria para o almoço. Era provável, mesmo, que nem voltasse para jantar.

☆☆☆

POR VÁRIAS vezes, quando por qualquer razão tinha de sair da repartição policial, o Sargento Morris percebeu que Harold Denlon estava a espreitá-lo. Na primeira vez, quando fôra comprar um maço de cigarros, enxergara o homem sob a marquise de uma loja de música, entregue a certa espécie de movimento parado, como se quisesse enxergar pela nuca.

Depois, Denlon saiu atrás dêle, acompanhou-o até a tabacaria, e de lá, outra vez, até entrar de novo na repartição.

Aquilo prosseguiu pelo resto do dia, até fazer com que Morris desconfiasse de que Denlon, certamente convencido de que vestia uma roupa que o tornava invisível, estava a segui-lo. E, ainda permitindo que o homem continuasse o seu estranho jôgo, Morris pôs-se a conjecturar.

Gostava de Denlon. De tudo o que conseguira saber a respeito dêle, Morris havia chegado à conclusão de que se tratava de um homem bom. Vivia despreocupado, graças às posses que tinha. Seus gestos de caridade, inteiramente sem cobertura publicitária, eram sempre de largo alcance, e havia os vários casos de que êle cuidava pessoalmente, nunca, porém, procurando chamar atenção sobre a sua pessoa. De fato, era um bom rapaz.

Agora, porém, como explicar sua atitude ?

Denlon não poderia estar a segui-lo. Não havia sentido naquilo. Então, que haveria ? Bem, podia ser que Denlon estivesse à espera de algum momento oportuno, em algum lugar conveniente, para aparecer diante dêle e dizer : «Uai ! Que coincidência encontrá-lo aqui !» Aquilo já lhe acontecera dezenas de vezes, só que com muito mais habilidade.

Podia ser aquilo, mas, por quê ? Sinceramente, Morris desejou não conhecer a resposta. Desejou mesmo estar completamente enganado. Gostava de Denlon.

Perto das cinco horas, Morris deixou-se encontrar por acaso por Harold num bar. A surpresa por êle demonstrada era digna do melhor ator. Depois das primeiras palavras corriqueiras, permitiu ainda que o outro o fôsse levando. Não foi difícil a Morris perceber, após aquela «ouvertüre», que Denlon, mantendo sua palestra no tom de quem não tem grandes razões para tratar do assunto, queria saber como andavam os trabalhos do Departamento de Desaparecidos. Era só isso. Só.

Harold, intensamente absorto no seu papel, não tivera tempo de almoçar, limitando-se a engolir às pressas um copo de milk-shake. Como resultado da falta dessa refeição do meio-dia, o segundo cálice de bebida (desta vez, por conta de Morris), embora não chegasse exatamente a subir-lhe à cabeça, desatou-lhe a língua.

Ocorrera-lhe, durante a noite, quando pensava febrilmente no assunto, que Clara — supondo

que efetivamente fôsse verdadeira a história contada por ela — poderia mesmo ter-se imbuído da identidade da mulher que morrera afogada. Suas poucas luzes psiquiátricas faziam-no admitir que aquilo era lógico e claro. De qualquer maneira (destacava a sua língua), pareceu-lhe que valia a pena insinuar aquela hipótese, mascarada numa camuflagem ligeira.

Morris não deixou perceber o que pensava, diante daquela informação muito significativa, a respeito da mulher que fôra enterrada.

— Não, Sr. Denlon — disse êle. — Não me lembro de que o nome de ninguém... de nenhum Carmandine tenha sido mencionado lá no departamento.

— Bom, certamente eu ouvi notícia de algum desaparecimento ocorrido em outra cidade.

— E'. Deve ser isso.

Harold fez que olhava o relógio de pulso e, aparentando surpresa por causa do adiantado da hora, declarou:

— Ôpa! Acho que terei de correr. Até outra vista, Sargento Morris.

— Até outra vista, Sr. Denlon.

Morris esperou que Harold se fôsse e, então, tomou o volante de seu carro e guiou para casa. Nos seus pensamentos, flutuava o curioso nome de certa mulher chamada Solda Carmandine.

CAPÍTULO VI

CLARA PROCUROU dominar bem os nervos, nas horas do dia, enquanto esperava a chegada daquela quinta-feira em que seria feito o pagamento final, ocasião em que ela deveria desaparecer de Bodmont Falls. Não queria deixar atrás de si nada que pudesse dar margem a confusão ou especulações.

Para desculpar-se da sua partida iminente, ela inventou um radiograma, que teria recebido enquanto Joe se encontrava na cidade, e a Sr^a Porter, atendendo a um velho hábito, dormia a sono solto, depois do almoço. Dizia o radiograma que «Robert Johnson» estava concluindo os seus negócios no Peru e queria que ela o fôsse esperar no Aeroporto de Nova Iorque, na sexta-feira da outra semana. Tal história foi contada à Sr^a Porter, a Joe, a D. Adélia Lovestone e ao administrador do imóvel, Sr. Simms.

Com êste, combinou pagar em dinheiro o correspondente a quatro meses de aluguel, para quebrar o contrato que havia assinado. A Sr^a Porter foi informada de que receberia uma gratifica-

(Conclui na pag. 90)

SUA VISTA MELHORA MAIS NA ÓTICA MINAS GERAIS

PRESTEZA

PARA ESCRITÓRIO

SERIEDADE

PREÇOS
MÓDICOS

PARA ESPORTES

PARA RUA
AVIAM-SE RECEITAS
DOS SRS. MÉDICOS

Em se tratando de ótica, procure sempre um casa de confiança, que lhe ofereça a garantia de uma longa experiência no ramo e a segurança de um critério tradicional em seus negócios.

ÓTICA MINAS GERAIS

Rua Carijós, 456 — Ed. Cecília — Fone 4-3137 — Belo Horizonte

indo ao Rio...

HOTEL TROCADERO

- o mais novo e moderno
hotel de Copacabana

- ar refrigerado
- todos os apartamentos de frente

Av. Atlântica, 2064
Tel. 57-1834 - Posto 3
End. Teleg.: TROCADERO



Suas amigas

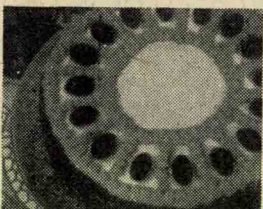
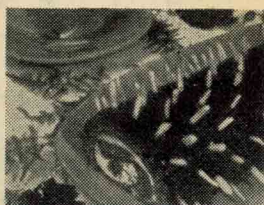
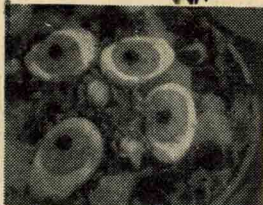
ficarão encantadas com as

novas receitas

MAIZENA

que você encontrará no novo
"Meu livro de receitas".

Uma coleção de 90 receitas, deliciosas
e econômicas!



EXPERIMENTE ESTA, COMO EXEMPLO !

BOLINHAS DE MAIZENA

Misture três xícaras de "Maizena" com uma xícara de açúcar e um ovo. Misture depois manteiga suficiente para ligar bem a massa. Deixe que esta descanse cinco minutos e faça depois as bolinhas, que serão enfeitadas com 1 garfo. Fôrma untada e forno quente, durante cinco minutos.

E agora, é só pedir o seu exemplar grátis
enviando-nos o cupão abaixo:



.....

Amido de Milho MAIZENA 8 59

Caixa Postal 8006 — São Paulo

GRÁTIS! Peço enviar-me o novo "Meu Livro de Receitas"

Nome

Rua

Cidade Estado

com Maizena tudo é
muito mais fácil e gostoso!

O Processo Dreyfus

Conclusão da pag. 62

novas agitações a família concordou. Afinal, em 12 de julho de 1906, a Corte de Cassação sentenciou que fôra «por erro e sem razão» que a condenação fôra pronunciada. Dreyfus foi reintegrado no exército no posto de chefe de esquadrão, ao mesmo tempo que Picquart era promovido a general de brigada.

Mais tarde, por declarações do próprio adido militar alemão ficou-se sabendo que o traidor fôra mesmo Esterhazy. Em recente estudo, Maurice Paléologue, que foi testemunha de todo o processo e trabalhava na alta administração, concluiu que os traidores foram: Esterhazy, Maurice Weil, que sustentava Esterhazy dentro do serviço de espionagem e «um oficial de altíssima patente que, depois de ter ocupado durante vários anos funções importantes no Ministério da Guerra, exerce ainda hoje um comando de tropas». O Capitão Dreyfus, por ser judeu, foi a vítima escolhida para ocultar os verdadeiros criminosos. Tal foi, em suas linhas gerais, esse vergonhoso erro judiciário. — Oscar Mendes.

DO JAPÃO

DURANTE o tempo em que residi em Tóquio, no verão passado, fiquei vivamente impressionada pela hospitalidade dos japoneses.

Estávamos na estação chuvosa e, ainda que pareça incrível, a chuva sempre me apanhava desprevenida. Entretanto, notei que todas as vezes que me detinha nas calçadas ou nas paradas de ônibus, uma ou mais japonesas faziam questão de ficar junto a mim, somente para agasalhar-me de baixo de suas sombrinhas. Isso era feito com a maior naturalidade, mas com alguma dificuldade, pois eu era bem mais alta do que as minhas protetoras.

Certa vez, numa noite chuvosa, encontrava-me em um ponto de ônibus, desagasalhada, como sempre, quando se aproximou de mim uma mocinha japonesa que, sorrindo timidamente, levantou bem alto a sombrinha, de modo a abrigar-me muito bem contra o temporal. Quando chegou o ônibus número 4, a mocinha fez sinal para que eu entrasse, mas, como não era aquele o meu, respondi-lhe que estava à espera do de número 6. Ela, então, sacudindo a cabeça, e sem dizer palavra, reassumiu a sua posição ao meu lado. Poucos minutos depois, chegou o meu ônibus e, imaginando que também ela tomaria aquele, cedi-lhe a dianteira, mas ela recusou, sorrindo e dizendo que esperava o de número 4.

Conquanto eu ficasse estarelecida, não houve tempo para dizer nada, pois tomei logo o meu lugar no coletivo. Mas, enquanto observava a pequena figura, na escuridão chuvosa, e considerava que ela parecia ter preferido perder o seu ônibus a deixar a moça americana desabrigada sob a chuva, fiquei bastante emocionada e senti que havia recebido a última palavra em matéria de hospitalidade. Sherry Waterman.

Economia!
Facilidade!
Sucesso!

*...eis o que as senhoras
donas de casa conseguirão
com o livro*

COMER BEM

por DONA BENTA

Receitas excelentes e experimentadas de salgados, doces, bolos, cock-tails, sorvetes, etc. Pratos saborosos, econômicos, fáceis de serem preparados. Sucesso garantido mesmo para as mais inexperientes donas de casa. Confie em *Dona Benta* e resolva para sempre os seus problemas de cozinha.



Volume com 544
págs., cartonado,
\$ 150,00

UM LIVRO QUE VALE POR UMA BIBLIOTECA DE ARTE CULINÁRIA!

À venda em todas as livrarias do Brasil
edição da

COMPANHIA EDITORA NACIONAL
Rua dos Gusmões, 639 - São Paulo

FIGENIO PACCELLI

edifício

- Rua Tomé de Souza, esq/ Levindo Lopes
- Uma quadra do Minas Tênis Clube
- Apartamentos de fino acabamento, 3 quartos, living, copa, cozinha, armários embutidos.
- Entrega em dezembro de 1960.
- Obra em ritmo acelerado : na 3ª laje.
- Preço fixo, sem reajustamento, com longo financiamento.

NO MELHOR PONTO RESIDENCIAL DA CAPITAL

Informações e Vendas :

Comercial e Incorporadora Loyola, S.A.

Av. Afonso Pena, 867 • Edif. Acaíaca s/615 a 622

Fone : 4-2095 e 2-3732



E Ela Disse: «Talvez...»

Conclusão da pag. 87

ção correspondente a um mês de salário. Quanto à Sr^a Lovestone, numa reunião com café e bolinhos, mais elegante do que usualmente, foi informada de que teria notícias de Solda, na medida em que os interesses de Robert (que, naturalmente, o obrigariam a constantes viagens ao redor do globo, pela Índia, pelo Egito, pelo Iraque, pela Arábia Saudita — e quem sabe mais por onde?) o permitisse, porque, naturalmente, depois de casada, Clara (como Solda) teria de acompanhá-lo.

Faltava falar com Joe. Era uma decisão muito difícil para Clara, a de privar-se da companhia dele. Nunca haviam dito coisa alguma, nunca haviam feito coisa alguma, e o seu frio senso comum deixava patente que nada haveria de ser feito. Mas Clara o amava. Dentro do iceberg amoral que compunha a sua personalidade, havia aquela chamejante verdadeira. Nunca lhe acontecera coisa semelhante e Clara achava que nunca, posteriormente, haveria de acontecer. Sim, ela compreendia que aquilo era fora de propósito, mas não poderia negar a sua existência. Era estúpido, era absurdo, mas Joe passara a ser a única coisa importante que, com absoluta honestidade, Clara havia desejado em sua vida. E não poderia tê-lo para si. Nem por um instante. Bodmont Falls e tudo o que se ligava a ela deveriam apagar-se para sempre, tanto como se apagara a vida de Solda Carmandine.

Tôda aquela série de preparativos havia exigido várias viagens à cidade. Parecera-lhe mais ou menos estranho, embora de menor importância, o fato de ela encontrar o mesmo estranho duas vezes. Ou teriam sido três vezes? Era um homem de quase trinta anos, alto, bem proporcionado, de rosto agradável e expressão inteligente. Percebeu-o da mesma maneira pela qual percebia a presença de qualquer outro homem, mas não podia deixar de estranhar a maneira pela

qual os seus caminhos volta e meia se cruzavam.

E assim, iam-se passando os dias. As noites, porém, eram horríveis porque ela não podia deixar de pensar em Harold e em Solda. Principalmente em Harold, nos últimos dias. Cada hora que passava, aumentava a sua certeza de que Harold estava a ponto de apanhar a sua manha. Com isso, ela sentia medo, e não podia controlar-se, como quase também não o podia, com relação a Joe. O pior é que ela conseguia raciocinar e, raciocinando, imaginava que, se fôra capaz de cometer um assassinio, por que Harold não haveria de ser também? Por que não poderia ele assassiná-la? Pois, se o fizesse, haveria de ser uma ótima solução para ele, refletiu.

Sendo tão inclinada a fazer cálculos daquele gênero, Clara convenceu-se de que tal possibilidade nada tinha de fora do comum. Tinha sido tão perfeita a sua identificação com a falecida Solda Carmandine, que o crime poderia passar por perfeito, pois ninguém se lembraria de ligar ao de Solda o nome de Harold Denlon.

Clara continuou colocando-se no lugar de Harold. Um acidente na noite do pagamento final poderia ser arranjado com muita facilidade, sem testemunhas (pois haveria de ser assim, uma vez que Joe e a Sr^a Porter estariam fora). Seria fácil fazê-la cair da escada, quebrar o pescoço, por exemplo. Certamente, Harold haveria de preferir uma coisa simples como aquela.

Com isso, Clara caminhava para ter uma crise de nervos. Havia mesmo momentos em que ela chegava a achar aconselhável contentar-se com a metade, pegar o dinheiro e sumir. Mas, cada vez que isso lhe dava na cabeça, a ambição fazia com que ela desistisse da idéia.

E aquelas noites continuaram, cada vez mais horríveis, até que, afinal, faltavam poucas para terminar a sua longa espera.

(Conclui no próximo número)

O Bôlo de Natal

Continuação da pag. 75

iria ser presenteado com pingues recompensas, no baile do pessoal, naquela noite. Jenny Marchmont, como era de esperar, encaçava a lista.

Esfregou a mão numa testa que

começava a doer. «Provavelmente esperará ela que a tire para dançar — pensou ele. — Preferiria vê-la particularmente, explicar que não posso destacar alguém do pessoal com atenção especial».

A caminho de casa, dando-lhe um lugar em seu carro, o que seria definitivamente a última vez, terminou:

— ... de modo que como não posso dançar com todas, não posso dançar com ninguém. Evite dessa forma sentir-se mal à vontade.

Ela se afastou um pouco dele, que teve um irracional impulso de empurrá-la para trás.

— Não posso imaginar que houvesse esse constrangimento no Natal.

— A senhorita ficaria surpresa — disse ele.

— De modo algum. — O queijo dela ergueu-se. — Não vou ao baile.

— Mas tem de ir lá — protestou Martin. — Vai ser presenteadas com um rádio, por ter batido todos os recordes de venda até hoje.

— Não terei de ir.

Nunca aceitara de bom grado o ser contrariado.

— Se quiser ficar em nossa loja, Senhorita Marchmont... — começou ele, ominosamente.

— Não irei. — Voltou-se, furiosa, para ele. — Despeço-me neste mesmo instante. — Estavam passando diante da casa onde ela morava. — Aqui está — disse ela, estendendo um pacote para ele. — Tome seu bôlo e deixe-me sair do carro.

«Ela vai-se embora agora — pensou ele — e nunca mais a verei». Ao pensar nisto, a solidão que somente ela parecia capaz de mitigar, abriu-se como um poço sob seus pés.

— Jenny — disse, com humildade. — Esqueci-me de comprar um presente para você.

Querida, com violência, ser capaz de dar-lhe algum presente que o fizesse lembrado, mesmo que fosse apenas por uma fração de tempo, o céu ajudando-o, que ele se lembrasse dela...

Começou a abrir o pacote que ela lhe tinha dado.

— Não o abra agora. — Sua voz soou, excitada. — Quer ter a bondade de deixar-me sair deste carro?

Não a deixou sair do carro e abriu o pacote. Escrito de lado a lado do bôlo, com letra tremida, estava: «Feliz Natal, querido».

Olhou para ela durante um minuto e depois disse, doridamente:

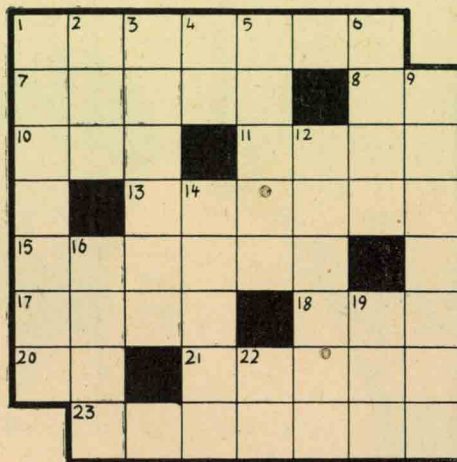
— «Oh! Jenny! — e puxou-a para si e, ao beijá-la, conheceu que o Natal havia chegado para ele, afinal.

— Quer ir a um baile esta noite? — perguntou ele. — Tere-

(Conclui na pag. 44)

PALAVRAS CRUZADAS

VETERANOS

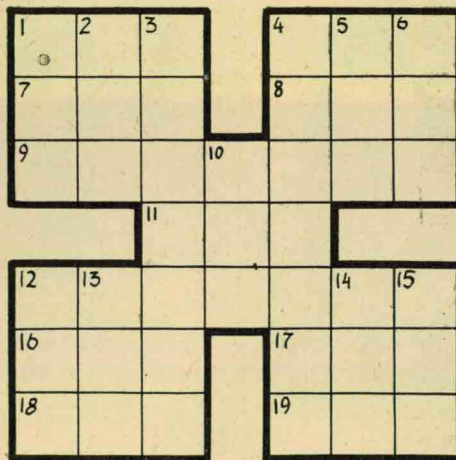


HORIZONTAIS: 1 — Andar muito depressa. 7 — O mesmo que vazio. 8 — Magnetismo pessoal. 10 — Governador de província. 11 — Emblema. 13 — Sideral. 15 — Chuviscar. 17 — Álcool cetílico. 18 — Mau cheiro. 20 — Arrieira. 21 — Exilar. 23 — Bajula.

VERTICAIS: 1 — Estabelecimento onde se alugam automóveis, a hora. 2 — Prefixo tupi significa homem, pessoa, gente. 3 — Molestará. 4 — O ósmio. 5 — Pequeno escudo em forma de crescente, usado pelos Trácios e outros povos antigos. 6 — Fenda; grêta. 9 — Gravara; escultura. 12 — Vagueara. 14 — Herdade ou morada de família nobre e antiga. 16 — Pinhas. 19 — Espécie de carruagem. 22 — Morrer.

Ernesto
Rosa Neto

NOVATOS



HORIZONTAIS: 1 — Membro empenado das aves. 4 — Mau cheiro. 7 — Tonalidade Musical. 8 — Casal. 9 — Sábio; insigne. 11 — Pronome pessoal. 12 — Natural ou habitante do Épiro. 16 — Estuário. 17 — Camareira. 18 — Época. 19 — Maior.

VERTICAIS: 1 — Também. 2 — Ruído. 3 — Suaviza. 4 — Trabalham o pano no pisão. 5 — Uma das ilhas Lucaias. 6 — Argola. 10 — Multidão. 12 — Letra do nosso alfabeto. 13 — Colocar. 14 — Irmão do pai. 15 — Rio da França.

SOLUÇÕES ANTERIORES

VETERANOS — Horizontais: 1 — Fel; 3 — Baba; 6 — Atoba; 8 — Larada; 11 — Até; 12 — Uruá; 14 — Umari. **Verticais:** 1 — Felá; 2 — Laré; 3 — Bodum; 4 — Abará; 5 — Bá; 7 — Tá; 9 — Ata; 10 — Saí; 13 — Ur.

NOVATOS. Horizontais: 2 — Pérola; 7 — Na; 9 — Lora; 10 — Ata; 12 — Rá; 14 — Multa; 16 — Ob; 17 — Em; 18 — Araca; 20 — Um; 21 — Sal; 22 — Onix; 24 — Rá; 25 — Irossas.

Verticais: 1 — Anamés; 3 — El; 4 — Rorar; 5 — Orá; 6 — Lá; 8 — Atum; 11 — Al; 13 — Abalar; 15 — Tamis; 16 — Ocar; 19 — As; 20 — Uno; 22 — Or; 23 — Xá.



O candidato passa a ser examinado fisicamente, pelo Dr. Vianna Cannabrava, do corpo médico brasileiro.



O candidato é examinado pelo selecionador brasileiro, Gastão Fernandes dos Santos, e usa um aparelho de medição.

GASTÃO FERNANDES DOS SANTOS



Funcionários do CIME de Madrid, ladeando o Dr. Guilherme Mullet, chefe do S.A.S

EMIGRAÇÃO, PROBLEMA MODERNO

Emigração dirigida — Artistas de cinema com mãos calosas... — Especialização, fator decisivo — Brasília, Zweig e a afinidade espanhola...

O PROBLEMA de emigração, complexo sob todos os aspectos, merece ampla divulgação através de dados que esclareçam os estudiosos e orientem a opinião pública, quase sempre mal-informada.

Conquanto os governos anteriores ao atual tratassem com interesse do assunto, criando até a Comissão de Seleção de Emigrantes na Europa, no louvável objetivo de promover trabalho consciente, surgiram contratempos e entraves. Faltava ao programa a estruturação que abrangesse todas as iniciativas já tomadas.

Eis por que o atual Presidente da República, compreendendo a significação da emigração no Brasil, determinou a reorganização, em bases mais produtivas, do Serviço Brasileiro de Seleção de Emigrantes na Europa, cuja sede é em Roma.

Dirigindo a emigração dos países europeus, com exceção de Portugal, há uma organização — CIME — que funciona desde 1952 e que em novembro de 1958 assumia a responsabilidade de transporte de 841.670 pessoas, ressaltando-se que para o Brasil foram cerca de 71.367 europeus,

num entendimento admirável com o INIC, cuja sede é, como se sabe, no Rio de Janeiro.

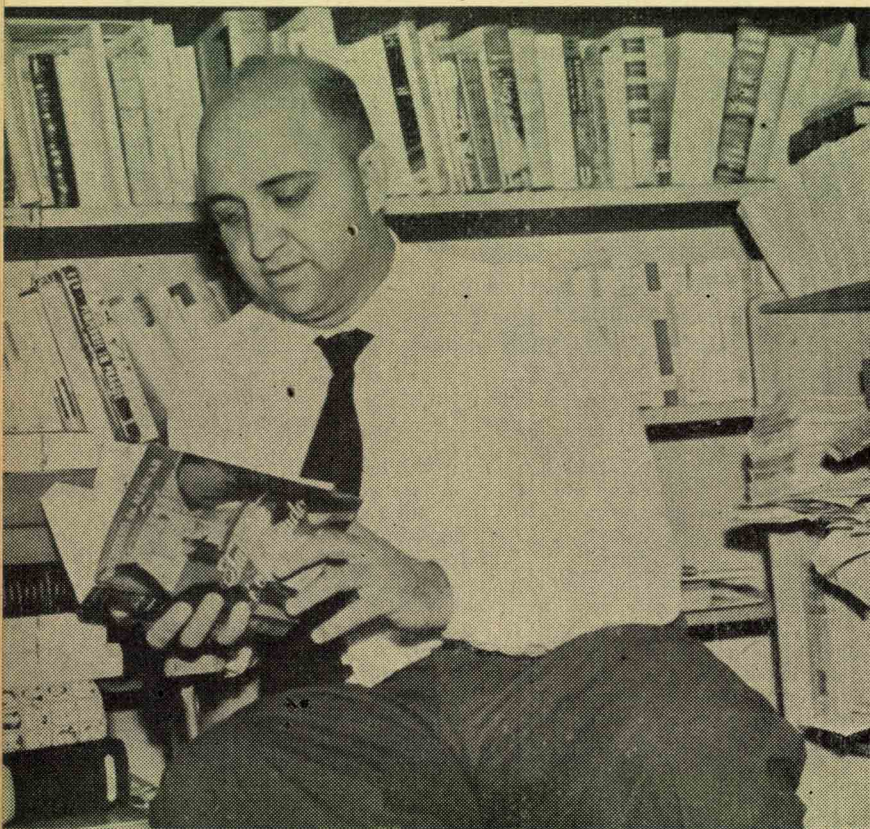
O aumento do serviço no SBSEE e as seleções que se processam na Espanha, para onde são enviados bimestralmente dois funcionários, determinaram a sua ampliação.

A tendência é o crescimento crescente de candidatos ao Brasil. E essa tendência mais se evidencia quando se observa que, em 1956, foram encaminhados às fábricas brasileiras 5.976 operários, havendo acréscimo em 1957 para

(Conclui na pag. 50)

O chefe do CIME de Madrid, Dr. Edgard Storich, em palestra com os membros do SBSEE, Gastão Fernandes dos Santos e Dr. Vianna Cannabrava.





Pedro Paulo Moreira (33 anos, 17 de experiência no ramo de livros), considera-se uma espécie de co-autor do novo livro de Gilberto de Alencar.

Irmãos Moreira, da «Itatiaia»

De "Dentista Frustrado" ao Alferes Tiradentes

Texto de NEIL R. DA SILVA

Fotos de Nivaldo Corrêa

QUANDO saiu de Carangola, rapazote de 16 anos, Pedro Paulo Moreira tinha um plano muito parecido com os planos de muitos rapazotes de 16 anos: arranjar-se na vida para depois voltar e casar-se com a garôta da Rua Santa Luzia que tinha sido a namorada de infância. Em Belo Horizonte já estavam seus irmãos Vivaldi e Edson, e o primeiro foi quem o encaminhou para que realizasse a primeira parte de seu plano. Foi trabalhar numa livraria, iniciando-se nos segredos de um negócio fascinante.

Apaixonou-se pelos livros, tornou-se, com Edson um conhecedor profundo do ramo. Hoje, os dois dirigem uma casa que se transformou em ponto de referência obrigatório, quando se fala em livro; em Minas — a «Livraria Itatiaia».

☆

A «Itatiaia» começou há cinco anos, na sala 1020 do edifício do I.A.P.I., depois que Edson e Pedro Paulo haviam adquirido considerável experiência, trabalhando na filial de Belo Horizonte da «Livraria José Olympio», o pri-

meiro como corretor, Pedro Paulo como gerente. A firma primitiva era especializada na venda de livros pelo crediário, além de representar a «Livraria Martins», de São Paulo e, em dois anos, os seus negócios foram tão bons que animaram os irmãos Moreira a se transferirem para a loja que ainda ocupam no Edifício Dantés.

Essa transferência, assinalando o início da verdadeira história da «Itatiaia», como editora de livros, foi também o marco inicial de uma nova fase na história do livro em Minas. Até então, edi-



tar livros em nosso Estado era coisa que só se fazia em bases de semi-amadorismo. Antes, haviam-se organizado grupos de intelectuais interessados em publicar as suas próprias obras, quase sempre em edições limitadíssimas, feitas dentro de orçamentos muito modestos: os autores procuravam os amigos, obtinham deles o compromisso de adquirir alguns volumes e, por isso mesmo, não podiam permitir-se o luxo de grandes tiragens. Posteriormente, surgiram a «Livraria Inconfidência», de Paulo Brumm, e a «Cultura Brasileira», de Roberto Costa (que um incêndio destruiu). Foram as duas primeiras editôras estrutu-

radas em bases sérias, e lançaram obras de Aires da Mata Machado Filho, João Camilô de Oliveira Tôrres, João Lúcio, João Dornas Filho, Carlos Drummond de Andrade, Eduardo Frieiro, Rodrigo de Melo Franco e outros. As circunstâncias, todavia, e a falta de um clima propício impediram que esses dois empreendimentos lançassem raízes mais profundas. E menos profundas ainda foram as raízes de outras «casas editoras», que se limitavam a dar a sua égide aos livros que lançavam, ficando por conta dos autores tôdas as despesas de edição. Ora, é sabido que nem sempre podem os escritores arcar com tais

despesas e mesmo que o pudessem, não teriam, com as obras assim publicadas, a divulgação que lhes poderia dar uma editora de verdade.

Quando a «Itatiaia» se transferiu para a loja no Dantés, já tinha planos para modificar esse panorama. Sabendo, embora, que editar livros ainda seria, talvez, uma aventura, os irmãos Moreira decidiram aventurar-se. Planejaram, então, o lançamento de uma coleção em 12 volumes, «As Mil e Uma Noites», mas não foi essa a sua primeira edição. O primeiro livro publicado pela «Itatiaia» foi «Verdades Indiscretas», um volume de crônicas de

De poeta que sempre foi, Edson Moreira virou comerciante, ao associar-se ao irmão, para fundar a «Livraria Itatiaia».





Expondo todos os volumes ao alcance da mão dos visitantes, a «Itatiaia» criou também uma nova dimensão no comércio de livros em Belo Horizonte.

DE "DENTISTA FRUSTRADO"...

Antônio Tórres, e, na mesma ocasião, saiu «Depoimento de um Dentista Frustrado», de Moacir Andrade. Era o começo. Viriam depois «Vida de Kant», de Arthur Versiani Veloso, «O Diabo na Livraria do Cônego», «Páginas de Crítica» e «O Elmo de Mambriño», de Eduardo Friere, além de numerosas outras obras de autores nacionais e estrangeiros. Hoje, em pouco mais de três anos de atividades no ramo editorial, a «Itatiaia» já tem um catálogo de mais de 120 obras, em várias coleções, e é encarada, em todo o País, em pé de igualdade com as grandes editoras do Rio e de São Paulo.

«Hoje — diz Edson Moreira — Editar livros já não é uma aventura, embora continue sendo, em muitos casos, um ato de heroísmo».

☆

Quando se fala em «Livraria Itatiaia», não se pode esquecer a colaboração que lhe tem sido prestada pelo escritor Oscar Mendes, desde os primeiros tempos, seu diretor literário, indicando, com base na sua experiência de crítico, o que convém e o que não convém publicar. Por outro lado, os irmãos Moreira conseguiram for-

mar em Belo Horizonte uma excelente equipe de tradutores, na qual se destacam os nomes do próprio Oscar Mendes, Milton Amado, Heitor Martins, Pierre Santos, Paulo Peçanha de Figueiredo, Gilberto de Alencar e sua filha Cosette, contando ainda com os serviços de tradução de conhecidos especialistas de outros centros.

Entre os seus lançamentos mais importantes, Pedro Paulo Moreira aponta a coleção «Descoberta do Mundo», composta de livros que tratam de arqueologia, com uma parte complementar, «Descoberta do Homem», na qual figuram obras de biologia, escritas em linguagem acessível ao grande público. Todavia, foi «O Doutor Jivago», do qual já se tiraram 100.000 exemplares, de dezembro de 1958 até agora, o mais autêntico «best-seller» já lançado pela «Itatiaia», para o que, sem dúvida nenhuma terá contribuído toda a «onda» que se fez em torno do nome de seu autor, Boris Pasternak.

Das obras nacionais que já editaram até agora, Pedro Paulo Moreira considera a mais promissora, como sucesso de livraria, o roman-

(Conclui na pag. 28)

CUIDADO COM A VAIDADE

QUAL o pai ou a mãe que não se sente satisfeito e orgulhoso quando vê um seu filho ou filha destacar-se, salientar-se, nessa ou naquela competição, distinguir-se das outras crianças pela sua precocidade, pela sua inteligência, pelas suas qualidades físicas ou morais? Isto é muito humano e natural. O perigo está em contribuir-se, pelo excesso do louvor, do aplauso, do estímulo, para criar na criança um sentimento de orgulho, de vaidade, que a torne presumida e soberba, fazendo dela um monstrozinho de egoísmo e suficiência.

E' preciso mesmo muito cuidado na educação de uma criança, no evitar que se formem complexos de vaidade na alma infantil. Se uma criança é bela ou graciosa, inteligente ou engenhosa, deve-se evitar criar em torno dela um ambiente de admiração extremada, de incentivo desmedido a que demonstre sempre mais suas habilidades e qualidades. Sem se perder de vista o necessário cultivo de seus dons, não se deve contudo superestimá-los, nem convencer a criança de uma superioridade para a qual não contribua com seu próprio esforço, mas devida tão-somente ao dom gratuito da Providência.

Um «pai que deseja a felicidade de sua filha» consulta-me a respeito justamente de um caso típico de exaltação da personalidade infantil, que, receia ele, com razão, possa vir a ser prejudicial ao desenvolvimento moral de sua filha única.

Teve razão e demonstrou ser verdadeiro amigo aquele que lhe chamou a atenção para o possível dano que faria à criança o ser incentivada a competições em que sua graça e sua beleza merecessem prêmios e vitórias sobre outras crianças.

Cabe aos pais dosarem devidamente esses momentos de destaque para seus filhos. Se se distinguiram algum numa representação no seu grupo escolar ou colégio, na vez seguinte deverá ser-lhe dado papel de menor destaque para que aprenda a ser humilde e a contentar-se com colocações que não sejam as primeiras. Quanto, quando se trata de meninas, a certos concursos de elegância, de graça ou de beleza, devem ser permitidos com muita parcimônia e tendo-se sempre o cuidado em mostrar à criança que nenhum dom físico deve superar a beleza moral, a beleza da inteligência, a beleza do estudo e do esforço.

O comparecer freqüentemente a tais concursos e competições e ser agraciada com prêmios e louvores demasiados, pode levar a menina a tornar-se muito vaidosa e orgulhosa, estimulando-a a, mais tarde, querer tomar parte nesses censuráveis concursos de beleza, em que o corpo da mulher é exibido, para reclame de fábricas de tecidos e outras indústrias, ou para publicidade de certas empresas de revistas e jornais, sem nenhum recato ou pudor.

Bem faz o pai que me consultou em dar ouvidos ao conselho de seu amigo. Não deixe sua filhinha enveredar por esse caminho das ganhadoras de prêmios em concursos. Por mais que isto afague o orgulho dos pais, deve ser evitado, ou permitido com muita prudência e tato. Se quiser evitar desgostos no futuro, trate de agir com muita cautela. Os exemplos dos males que acarretam tais competições estão por aí à vista. Muitas são aquelas que embriagadas pelos louvores à sua beleza, se desencaminham ou não con-

seguem mais adaptar-se à vida ordenada que levavam. Ainda há poucos dias, liamos a notícia de nova tentativa de suicídio de uma dessas desajustadas antigas «rainhas de beleza» ou «miss» de concurso.

Devem, pois, os pais ter todo o cuidado para evitar que seus filhos e filhas possam alimentar complexos de vaidade, de orgulho e de superioridade, tornando-se uns infelizes e desajustados, quando a realidade da vida lhes mostrar que os verdadeiros valores não são os passageiros, da beleza física, mas os duradouros, da boa formação moral e intelectual. — Maria Madalena.



MORENA CURIOSA — Paraíso-polis — Sua curiosidade é censurável e perigosa. Mas, respondendo às suas três perguntas, digo-lhe: primeiro, é como pensa. Segundo, arrisca-se, sim. Terceiro, não é natural. E agora, minha cara consulente, uma advertência, e esta muito séria. Pare imediatamente com isto que está fazendo. E' anti-natural e pecaminoso. Se quer ter conhecimento sobre certos assuntos, leia algum livro sério sobre o assunto. Aconselho o do Padre Álvaro Negromonte, ou consulte pessoa idônea que possa instruí-la devidamente. Nada, porém, de entender-se com amigas, tão curiosas quanto você e também incapazes de fornecer-lhe

um conhecimento certo de assuntos de natureza sexual.

DESCONTENTE — Interior de São Paulo — Procure modificar seu gênio habitual retraído, uma vez que essa mudança pode concorrer para

Tôda correspondência para esta seção deve ser dirigida a Maria Madalena — «Caixa de Segredos», Redação de ALTEROSA, Caixa Postal 279, Belo Horizonte.

torná-la mais feliz e ao seu espôso. Muitas vizes certas atitudes nossas são filhas apenas de nosso egoísmo e comodidade. Com um pouco de menos egoísmo, conseguiremos ser mais felizes e tornar os outros também felizes. Esforce-se, pois, por torna-se mais agradável e mais sociável. Se, porém, seus esforços não derem resultado, em virtude de alguma inibição de natureza mais íntima e mais poderosa, talvez fôsse aconselhável consultar um bom psicanalista que, mediante tratamento, poderia descobrir e corrigir alguma inibição proveniente da educação que a senhora teve na infância.

LANZA:

UMA HISTÓRIA SEM "HAPPY-END"

CORRIA o boato de que Mario Lanza havia perdido a voz. Um programa de televisão, no qual os telespectadores desconfiaram de que Lanza apenas movia com os lábios enquanto era tocada uma velha gravação sua, provocara uma avalanche de cartas indignadas. Na época, uma das buates mais famosas de Las Vegas ofereceu-lhe contrato fabuloso. O cantor abandonou sua sibarítica mansão de Hollywood e, com família e comitiva, tomou aposentos num dos hotéis mais luxuosos da cidade. Ao mesmo tempo, afluíam à cidade artistas do cinema e magnatas famosos. A presença de Frank Sinatra e de Bing Crosby ainda é hoje lembrada, como se os dois cantores tivessem ido a Las Vegas para julgar da veracidade do boato. Todo o mundo endinheirado norte-americano queria assistir ao espetáculo de uma vida pendente por um fio: o fiasco nessa apresentação significaria para sua vida artística o polegar do público virado para baixo.

No auge da expectativa, aparece a mulher de Mario Lanza com a notícia de que o marido estava gripado, com laringite e que mal podia falar de tão rouco. Na verdade, pouco antes do espetáculo, a laringite chegara a um ponto agudo e vinha acompanhada de febre alta. Consultado anteriormente, o médico só consentira em que cantasse se tomasse inalações de oxigênio. Lanza chegou mesmo a levar um balão de oxigênio para o camarim, mas junto iam também seis garrafas de champanha...

Com a cotação ao rés-do-chão, o astro desapareceu rapidamente no horizonte. Recapitularemos sua breve história. Alfredo Arnoldo Cocozza — nome verdadeiro de Mario — nasceu a 31 de ja-

neiro de 1921, no bairro italiano de Filadélfia, chamado *Little Italy* (Pequena Itália). Seus pais eram imigrantes provenientes da região de Abruzzi e, como quase todos imigrantes, pobres. Daí porque a primeira profissão de Mario Lanza tenha sido a de motorista de caminhão.

Quando sua voz de ouro se revelou sua mãe lhe disse:

— Meu filho, sua voz é um dom divino e só com ela você deve se preocupar. Conserve esse dom e o resto virá por si.

Ainda antes da guerra, Lanza começou a estudar canto; a princípio, com uma norte-americana, depois com Enrico Rosati, antigo mestre de Gigli. Sua carreira teve início quando cantou na *Bohème* de Puccini, em 1942, na cidade de Boston. O conflito de 39, porém, a interrompeu. Depois da guerra, tendo voltado ao canto, o momento decisivo de sua carreira veio durante um concerto em Hollywood. Na platéia encontravam-se alguns produtores americanos, que estavam em busca de «musical talents». Logo após cantar sua romança, Mario Lanza encontrou em seu camarim o secretário particular de Samuel Goldwin, que lhe ofereceu um contrato. Vem então a história de *O Grande Caruso*, que todos conhecem. O sucesso do filme foi estrondoso. A propaganda apresentava Mario Lanza como o novo Caruso. E se há uma lição a tirar de toda esta história é que se há males que vêm para bem, há bens que vêm para mal. O mal foi que Lanza acreditou na comparação, que só poderia valer para efeito publicitário e que, fora disto, só lhe poderia ser desfavorável. Nesse tempo, Lanza imitava a tal ponto a Caruso que chegava a usar fora do estúdio as roupas da época do grande cantor. Começou



Mario Lanza, com sua esposa Betty, pouco depois do nascimento de uma filha. Ao morrer, tinha quatro filhos: duas mulheres e dois homens.

a pautar sua vida pela de Caruso e a transformou num monte de frustrações.

Apoderou-se de Mario Lanza a mania da grandeza e da genialidade. Queria ser original em tudo e ter o mundo a seus pés. Mas as próprias condições de vida que lhe impunha o cinema não o permitia. De bom grado os tenores deixam-se engordar, já que a exuberância torácica é o que dá energia e plenitude à voz. Coisa a que Mario Lanza se daria de maior bom grado, ainda devido a seu insaciável apetite. Começa, então, a luta entre ele e os estúdios. Mario chegou a pesar cento e trinta quilos, quando o máximo permitido em contrato era apenas noventa quilos. O resultado foi que, no espaço de duas ou três semanas, Lanza tinha de perder vinte ou trinta quilos para satisfazer às exigências contratuais, o que lhe debilitava saúde e voz. Argumentava com os produtores, mas esses sempre encerravam a discussão com um «não queremos um bisonete, queremos um herói romântico, e isto é o que o povo também quer». Chegou ao ponto de não cantar mais, mexia com os lábios enquanto gravações antigas suas eram tocadas. Deu-se então o caso do programa da televisão, com que iniciamos nosso artigo, que ficou como um marco trágico em sua vida e que, com certeza, veio motivar o «dénouement» no cabaré de Las Vegas.

Mario Lanza sentiu que sua carreira no cinema norte-americano estava terminada e voltou então o olhar para a terra de seus pais. Vem à Itália e se instala em Roma, com a família. Faz um filme com Marisa Allasio: *Arrivederci Roma*. Mas os italianos estavam longe de considerá-lo um novo Caruso e não se deixavam impressionar pelo seu modo faustoso de vida e por suas extravagâncias.

Depois desse filme, Mario Lanza deu-se com fúria aos prazeres da mesa, não tanto por glotonice, mais por desespero de ver sua carreira frustrada e por se ver reduzido a mediocre cantor e mediocre ator. Por esse tempo confidenciou a um amigo que daria anos de sua vida por uma *tournee* operística; sua angústia era a de não poder ultrapassar o plano de simples tenor de filmes. Não cantava mais, para ninguém. Quando se banqueteava com os amigos nos restaurantes de Roma consentia, quando muito, em imitar Armstrong, o que fazia com perfeição. O verdadeiro canto, porém, morrera nele.

Por causa de seus excessos na mesa, Lanza viu-se constringido a iniciar outra severa dieta para perder peso. Desta vez experimentou um método mais drástico. Com o pretexto de se tratar de broncopulmonite, deu ingresso na clínica de Valle Giulia. O tratamento dietético a que se submeteu consistia num longo sono artificial durante o qual injetavam-lhe substâncias químicas no sangue, para que o organismo não recebesse alimento por via normal. O coração já estava fatigado por tantos esforços e extravagâncias, era-lhe impossível resistir a esse último regime. Note-se que Mario Lanza antes de dar entrada na clínica pesava 120 quilos, quando morreu pesava apenas 97. Morreu na véspera de voltar para casa e estava sozinho. O atestado de óbito diz «cardiopatie arterioesclerótica hipertensiva culminada em enfarte cardíaco».

Dizíamos antes que Lanza não cantava nunca, a não ser quando imitava Louis Armstrong. Poucos dias antes da morte, porém, cedeu aos pedidos insistentes de uma enfermeira e cantou para ela uma ária do terceiro ato da *Tosca*: «A hora é passada, morro desesperado e nunca amei tanto a vida».



PANORAMA

Desafiou a
morte
nas pistas –
morre
tranquilo
na cama

Caracciola : Vinte anos como
piloto número um da «Mer-
cedes».

VINTE e oito de janeiro de 1938 foi um dia frio e ventoso em toda a Alemanha. A frota de carros de corrida da «Mercedes» chegou ao ponto inicial da rodovia de Darmstadt pelas oito e meia da manhã. Grosso véu de neblina se desvanescera havia pouco e o ar mostrava-se gelado. Enquanto o sopro do vento se apresentava cada vez mais forte, os mecânicos ocupavam-se em fazer os últimos testes numa grande «Mercedes» de 6.000 cilindradas, estacionada na pista. O frio gelava-lhes as mãos durante o trabalho. As nove horas em ponto a máquina ficou pronta, os cronometristas estavam a postos, o público era escasso e mantido à distância pela polícia.

Neste momento apareceu um jovem aparentando trinta e cinco anos, rosto redondo, cabelos louros e olhos azuis, corpo pequeno e ágil. Sentou-se ao volante, e subitamente partiu em meio a um estrondo. Soube-se pouco depois que veio a atingir a velocidade de 457,700 quilômetros por hora, a mais alta, jamais conseguida no mundo inteiro numa es-

A outra
face
do delito

PROCESSO criminal que recentemente teve curso em Zurique, e que culminou com a condenação do réu inglês David Hume, ou Donald Brown, a uma razoável pena, além da atração especial que despertou e que já foi divulgada, deu azo a uma curiosidade excepcional. E' que, além das conhecidas transações que Donald fez com uma editora britânica, a qual publicou a sua vida de crimes transformada em novela, divulgou-se recentemente a notícia de que o criminoso recebeu agora de um semanário da Baviera a soma de 1.500 libras esterlinas.

Mas o interessante da história é que a noiva do bandido, por sua vez, concluiu também com certa companhia cinematográfica alemã um contrato para um filme baseado em sua própria vida de «mulher de um gangster». Receberá pelo negócio uns bons milhares de dólares.

UM livro intitulado «A Rainha e os Cavalos», apareceu nos últimos dias em Londres e logo interessou a milhares e milhares de súditos de sua majestade britânica. A autora, senhora Helen Casthcart, apresenta a rainha Elizabeth como uma das mais perfeitas entendedoras do turfe internacional, a ponto de recordar a genealogia dos maiores campeões e a sua apresentação em campos ingleses e continentais. E conta numerosos episódios que servem para testemunhar a paixão que ela, desde a infância, demonstra pelos cavalos. Desde menina, Elizabeth, segundo a autora, gostava de brincar com o avô George V, fazendo-o caminhar a quatro pés e tirando-o pela barba como a um cavalo pela rédea, até quando a coisa não foi descoberta e o rei substituído na tarefa por uma governanta.

Tornando-se mais crescida, Elizabeth começou a freqüentar os hipódromos, a princípio, acompanhada pelos genitores, depois, só. Nenhum acontecimento importante, como por exemplo o anúncio oficial de seu noivado, foi suficiente para afastá-la das pistas onde corria algum cavalo seu.

Elizabeth
e os
cavalos

trada normal, com motor normal de automóvel. Acabava de bater um «record» que até hoje não foi ainda quebrado.

O piloto era Rodolfo Caracciola, o famoso campeão do automobilismo germânico, um dos maiores de todos os tempos e todos os países, e o último daquela estirpe de mosqueteiros do volante que era composta, na Itália, por Varzi e Nuvolari, na Alemanha, por ele próprio, Rosemeyer e Lang, na França, por Wimille e Guy Molo. Obtinha a grande vitória, o ás que viria morrer, dias atrás, numa clínica alemã da cidade de Kassel, aos cinquenta e oito anos, atacado por enfermidade do fígado. Desta forma, seria o único, entre todos os acima citados (juntamente com Nuvolari), a terminar os dias num leito e não na vertigem das pistas.

Sirvamo-nos, a propósito, da formidável façanha de Darmstadt para sublinhar a estranha fatalidade do destino dos campeões. Naquele mesmo dia, duas horas depois do feito de Caracciola, Rosemeyers, jovem ás da «Auto Union», companhia rival da «Mer-

cedes», tentou igualar o «record» recém-batido. Rosemeyer esqueceu que o vento estava já muito forte e, insensível aos conselhos de prudência, «arrancou» com um estrondo. Logo depois morria por sua excessiva ousadia, traído pelas vibrações de sua máquina transformada num projétil que mergulhava célere nos abismos da auto-estrada, a 400 quilômetros horários. Caracciola, embora tão corajoso como ele, jamais morreria sob a máquina espatifada: dos demais campeões possuía a temeridade e o ímpeto, porém, mais do que eles, possuía também a prudência e a intuição do perigo. Em toda a sua vida, em duzentas e doze competições, das quais venceu 135, sofreu apenas dois acidentes: em 1932, em Montecarlo, pilotando uma «Alfa Romeu», quando se desviou da estrada e fraturou a perna esquerda; e em 1946, em Indianápolis, onde, numa «Mercedes» estava tentando classificar-se nas «Quinhentas Milhas». Desde então passou a mancar, sendo que o acidente contribuiu para que abandonasse definitivamente as pistas.

Enquanto os novos campeões despontavam para a celebridade esportiva, o grande ás alemão retirava-se para a sua «vila» de Ruvigliana, localizada nas proximidades de Lugano, na Suíça, país do qual adquiriu a cidadania, por ocasião do advento da Segunda Guerra Mundial.

Caracciola nascera em 1901, na Renânia, de uma família de camponeses que emigrara da Itália para a Alemanha havia muitíssimos anos. Estreara em 1922, em Colônia, correndo em motocicleta. Quando passou a dirigir automóveis tinha vencido dezoito grandes prêmios internacionais, fôra duas vezes campeão da Alemanha e três vezes campeão da Europa.

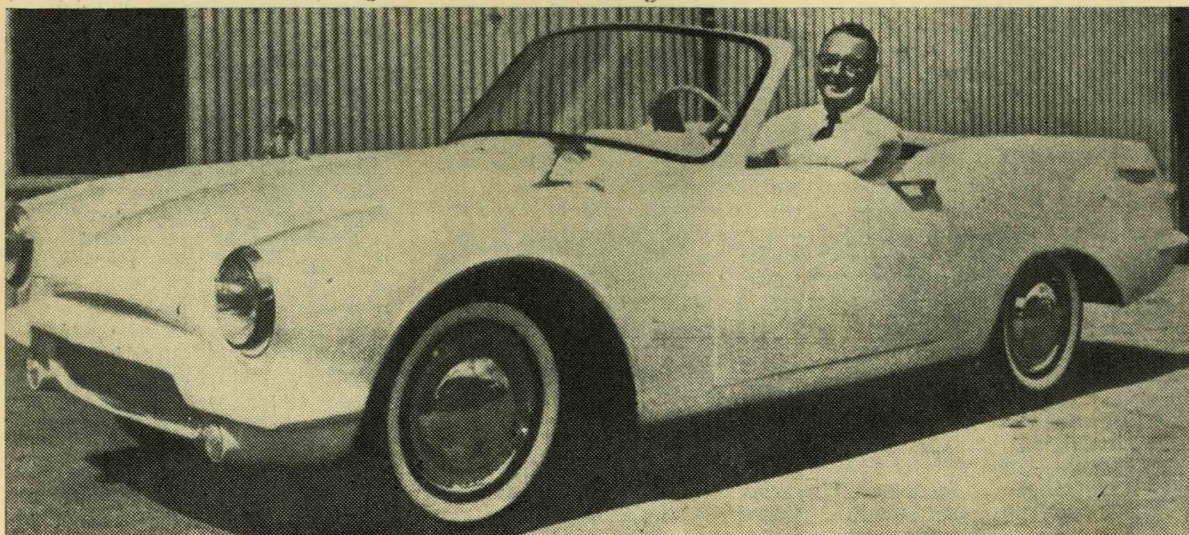
Na Suíça, é certo que o grande campeão se enfadava. Atacava-o uma intensa nostalgia das pistas. Assim, em 1952, inscreveu-se numa competição internacional, com todo o fascínio e prestígio que seu nome inspirava. A prova seria realizada em Bermgarten, próximo de Berna. No entanto, capotou espetacularmente, e saiu vivo por milagre. Decidiu então se retirar para sempre.

Adeus à gasolina

SANTA Ana — Estados Unidos. Georges Lippincott, presidente de uma fábrica de aparelhos elétricos com sede nesta localidade da Califórnia, apresenta com visível satisfação o «Pioneer», novo e surpreendente automóvel movido a baterias, produzido nas suas oficinas.

O veículo tem a carroceria confeccionada em fibra de vidro, apresenta quase quatro metros de comprimento, tem acondicionamento para três pessoas, e pode atingir a velocidade — notável, em se tratando de veículo elétrico — de oitenta quilômetros por hora.

O recarregamento das baterias se faz ligando-se uma tomada elétrica localizada na traseira do carro. Esta operação, que não custa muito dinheiro, permite que o carro vença um percurso de mais de cento e vinte quilômetros, sem parar.



Simple
mas
eficiente

RELATIVAMENTE às recentes conversações mantidas entre Eisenhower e Khruchchev, tudo indica que os americanos mostram uma concepção de diplomacia totalmente diversa da convencional quando tratam com os russos. Com efeito, no último contacto que mantiveram, o esforço despendido pelos americanos parece ter sido orientado no sentido de proporcionar ao «premier» russo uma atmosfera amena e aconchegada, deliciando a visão do ditador com paisagens de campos e fazendas, ou, quando mais não fôsse, para mostrar a Nikita que também nos Estados Unidos existem camponeses, e camponeses muito mais bem equipados do que na União Soviética.

Por exemplo, a aparência do local escolhido para a conferência mais importante entre os grandes, pode assustar àqueles que não estiverem a par dessa nova concepção de trato diplomático. A rusticidade da sala usada para as conferências impressiona. Na rústica sala de estar que aparece na fotografia, valiosa pelos detalhes que oferece, o presidente Eisenhower e o primeiro ministro soviético discutiram durante quarenta e oito horas, os problemas mais importantes para a paz no mundo. Como se sabe, os contactos se desenvolveram, na maior parte, em torno da mesa de carvalho que se vê ao centro da sala do «chalet» de Camp David. Houve breves interrupções, durante as quais os dois estadistas continuaram a conversar passeando ao longo das alamedas do bosque. Sômente os mais estreitos colaboradores assistiram às conversações; os jornalistas, como já foi divulgado, ficaram alojados numa residência de Gettysburg, a cerca de cinquenta quilômetros de Camp David.



Latim
na ONU

restringindo, é um dos dramas do nosso tempo, enquanto uma porção sempre maior de nossa juventude «intelectual» se acha lançada fora da cultura. E' assombroso que haja pessoas que não tenham sugado o leite da Loba Romana, que não tenham experimentado a disciplina do Latim, que ousam discursar, fazer leis, governar povos...

Mas o mesmo escritor que fez este patético elogio do Latim como «instrumento pedagógico», assim escreve da possibilidade do idioma como «língua internacional»: «Língua pobre, concreta, língua de camponeses e de soldados, que levou séculos para chegar às idéias abstratas. Mesmo no momento de seu maior fulgor a «filosofia» do Latim jamais superou o nível da moral pragmática. Como poderemos exprimir nesta língua as nossas complexas noções de política, economia, e os aspectos científicos e técnicos de nossa civilização? Como tratar nela dos satélites artificiais e dos raios lunares, ou da coexistência pacífica? Já, por outro lado, para conseguir formular as suas idéias, a escolástica medieval construiu uma linguagem à parte, que apresentava apenas remotas ligações como o idioma de Cícero».

Esta «descompostura» no Latim, aplicada por um professor que no

ENQUANTO em vários países do mundo se discute sobre a oportunidade de reduzir, ou definitivamente abolir o ensino do Latim, um importante congresso de latinistas, que se realizou, há pouco, em Lion, lançou a idéia de que o Latim viesse a ser adotado como língua internacional. Segundo alguns dos eminentes latinistas que participaram dos debates, a adoção do Latim nas relações internacionais ofereceria grandes vantagens: aplacaria, em primeiro lugar, as suscetibilidades nacionalistas, e seria aconselhável pelo fato de já haver sido a língua universal, seja no Império Romano, seja na Igreja Católica (nesta última ainda o é), a mais adequada para facilitar, senão promover o acôrdo de todos os povos

(«concordia gentium») que é um dos mais antigos sonhos da humanidade.

Proposta razoável? Manifestação platônica dos últimos cultores de uma língua ilustre que se acha ameaçada de expulsão, mesmo das escolas? O fato é que ela determinou críticas imediatas e veementes de um lado, e apoio franco de outro.

Temos ouvido elogios ao Latim como instrumento pedagógico nestes termos: «Língua simples e forte, o Latim é um incomparável instrumento de adestramento intelectual. Ao mesmo tempo, ele permite atingir-se uma vasta cultura de idéias gerais. O Latim, para dizer a verdade, é insubstituível na pedagogia. O fato de seu ensino ir cada vez mais se



congresso se bateu para a adoção definitiva do francês como língua universal, não agradou, é claro, aos admiradores do idioma do Lácio, nem aos demais partidários desta ou daquela língua. Estes contra-atacaram, fazendo a pergunta: «Por que só o francês estaria em condições de exprimir as abstrações, de captar os matices, e de atingir o máximo grau de clareza? Qualidades que devem ser negadas também, além do Latim, ao alemão e ao inglês. Do italiano, do russo, do português e do espanhol não falam nem de longe.

E concluem: a escolástica medieval teve de formar uma linguagem à parte? Então, os franceses falam e escrevem de projéteis lunares e de satélites artificiais na língua diplomática do «Setecento»? Como se não tivessem de criar neologismos? O francês foi língua internacional, isto é, diplomática, não porque apresentasse particulares virtudes, como o inglês não as apresenta, mas porque era a língua de uma nação hegemônica: o francês foi língua diplomática no «Setecento» e no «Oitocento», continuam os apaixonados defensores da língua morta. Antes do «Setecento» e do «Oitocento», os embaixadores, os oradores, faziam os seus discursos em Latim.

Para não perder o ano

NA Itália, uma comissão de professores estava-se preparando para dirigir-se à prisão de menores «Aristide Gabelli» de Roma, a fim de submeter aos exames parciais o estudante Mario Cifariello, prêso «por ter molestado uma moça, e por haver agredido e batido com a ajuda de outros três indivíduos no noivo da mesma».

O privilégio concedido pelas autoridades «em consideração ao fato de que Cifariello, não podendo se apresentar aos exames no estabelecimento de ensino, iria perder o ano escolar «suscitou acerbas críticas na imprensa italiana».

«Os indulgentes extremados», afirma-se a propósito nos círculos romanos, «são ainda mais perigosos do que os extremistas da severidade, que propõem o restabelecimento das penas corporais. Nos dois casos, o resultado é idêntico: os malfeitores se sentem cada vez mais «heróis».

Cigarros salutareos

O PROFESSOR Mackeown, da Universidade de Birmingham, Inglaterra, publicou um estudo no qual afirma que vinte cigarros por dia produzem o benéfico efeito de manter a pressão do sangue num nível moderado. O médico em questão examinou o comportamento de mil indivíduos de mais de sessenta anos — época da vida em que a pressão do sangue tende a subir e começa a dar motivos a preocupações — assinalando que aqueles que nunca fumaram tendem a apresentar uma pressão muito mais alta do que a daqueles que fumam com moderação.

Um seu colega, comentando estes resultados, concluiu: «O homem moderno encontra-se frente a um trágico dilema: não fumar, para evitar o câncer, ou fumar para fugir a um ataque apoplético».

Prêmio Nobel

PARA titular do Prêmio Nobel de Literatura deste ano, a Academia Sueca escolheu o poeta Salvatore Quasimodo, italiano da Sicília, atualmente com cinquenta e oito anos de idade.

Antigo comunista e, segundo alguns, simpático às causas vermelhas, Quasimodo é quase desconhecido entre seus próprios patricios, a quem a sua poesia complicada e um tanto pessoal não chegou a ser familiar. Manifestando admiração pela escolha e súbita celebridade de Quasimodo, disse um escritor italiano: «Estou certo de que os seus trabalhos só foram traduzidos na Suíça».

Em Milão, onde ensina Literatura no Conservatório Musical Giuseppe Verdi, Quasimodo recebeu a notícia de que havia feito jus aos 42.606 dólares referentes àquele prêmio.



Khruchchev zoológico

TUDO indica que os animais têm grande importância para Nikita Khruchchev. Certo é que, durante a sua permanência nos Estados Unidos, ele falou repetidamente, segundo se comenta, de vacas leiteiras, bezerros, cães, gatos, ursos, cavalos, carneiros, perus, etc., sem contar os animais muito conhecidos no seu País como os lobos, as raposas e as gralhas.

Por ocasião de uma visita feita a uma fazenda, Khruchchev declarou que os gansos lhe recordavam «o vôo dos inimigos da URSS». Alguns dias depois, vendo que alguns touros de propriedade do seu amigo Garst mostravam sinais de espanto pela presença de tantos estranhos, exclamou: «Um touro desses bem que podia nos livrar dos jornalistas. A ação dos touros não está prevista nas leis sobre a liberdade de imprensa».

A alusão mais importante, porém, foi aquela que ele fez por ocasião da visita a uma criação modelo de porcos, em Ames: «A anatomia dos porcos», disse Khruchchev, «parece-se muito com a dos homens». E, em seguida, virando-se para o senador americano Cabot Lodge, que o acompanhava: «Eu, querendo, poderei dizer tranquilamente que os russos são porcos, mas o senhor não ousaria dizer isso dos americanos: não o elegeriam mais».

«Nestas palavras», observa um jornal, «encontra-se todo o comunismo».

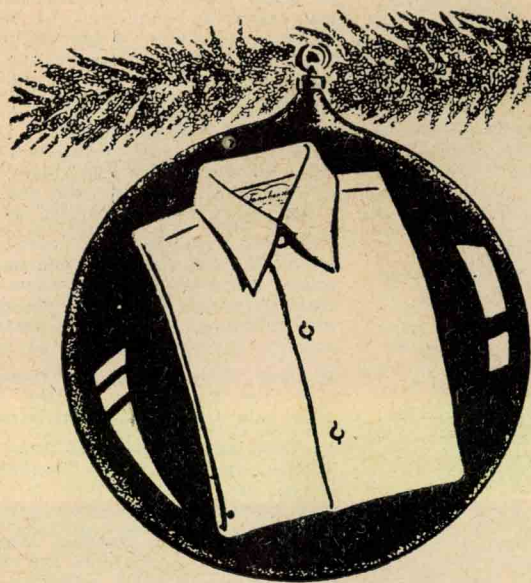
LOGO que Khruchchev retornou dos Estados Unidos para Moscou os americanos, como qualquer família preocupada com o próprio balanço, trataram de fazer as contas a fim de saber quanto custou a permanência do hóspede excepcional. Os hotéis de luxo que hospedaram o Primeiro Ministro Soviético e as sessenta pessoas de sua comitiva apresentaram uma conta que subiu a uma quantia superior a 8 milhões de cruzeiros. Para as despesas de transporte as companhias aéreas pediram cerca de cinco milhões, enquanto as outras viagens, de trem e automóvel, custaram um outro milhão.

As despesas de hotel e de restaurante para o embaixador Henry Cabot Lodge e para cerca de cinquenta representantes do Governo e funcionários da polícia superaram a casa dos sete milhões. Um «supermercado» de São Francisco, que os clientes e jornalistas danificaram para poderem ver melhor o insólito visitante, exigiu nada menos de meio milhão pelos danos sofridos.

Acrescentando a estas «verbias» a grande despesa com a manutenção da ordem pública, a conta sobe a 150.000 dólares (Cr\$ 28.500.000,00).

Khruchchev
custou
150 mil
dólares

*Para ele,
no Natal.*



*Camisas
Pijamas*

Tannhauser
DESDE 1893

Ex-espião
para
diretor

○ INSTITUTO Central de Física Atômica da Alemanha Oriental tem agora um novo vice-diretor, com o salário de 20.160 dólares por ano, ou seja, cerca de trezentos mil cruzeiros mensais. Nascido na Alemanha, tendo estudado na Inglaterra, e com experiência única nos domínios da energia atômica, era ele o homem mais indicado para a tarefa: trata-se nada mais, nada menos do que o ex-espião comunista Klaus Emil Fuchs, de 47 anos, antigo chefe do Departamento de Física Teórica do Instituto Harwell de Pesquisas Atômicas, da Inglaterra, que transferiu a agentes russos segredos da bomba atômica, tendo sido acusado e prêso em 1950. Pôsto em liberdade há cerca de dois meses, Fuchs voou para Berlim oriental, tornou-se cidadão da República Democrática Alemã quase ao mesmo tempo em que as rodas do avião que o conduzia tocavam a pista de concreto do aeroporto.



Saint Exupéry e o Céu Sem Limites

Novos Estudos e Depoimentos

O SR. Daniel de Carvalho publicou, há pouco, pela José Olympio, seu mais recente trabalho «Novos Estudos e Depoimentos», onde analisa vários episódios da História pátria. Estudioso apaixonado dos fatos mais importantes de nossa vida pública, Daniel de Carvalho faz, a respeito de muitos episódios, considerações pertinentes e valiosas. Não segue apenas a rota dos velhos historiadores, mas consulta os arquivos, as fontes, iniciando, às vezes, sábias revisões.

Autor de vários ensaios, antigo político militante, de rija tempera, o Sr. Daniel de Carvalho tem experiência e cultura bastante para saber descobrir através do cipoal de desencontradas opiniões, ou de desvairada paixão, o justo tom, a nota exata.

Com mais vagar, pretendem voltar a este livro.

A IRMÃ Rosa Maria publica, agora, pela «Livraria Duas Cidades», o ensaio «Saint-Exupéry e o céu sem limites» que é uma tradução da tese apresentada a algum tempo à Sorbonne, tradução esta feita pela própria autora. O trabalho aprofunda-se na obra do autor de «O Pequeno Príncipe», extraindo dela observações justas e oportunas. Vasta citação de Saint-Exupéry é feita pela Irmã Rosa Maria e sempre com oportunidade.

Dedicando o livro aos aviadores brasileiros, cita, por exemplo, este conceito de Exupéry: A grandeza de uma profissão está, antes de tudo, em unir os homens».

LIVROS e LETRAS

Euclides Marques Andrade

Pequenas Notícias

• Ildeu Brandão, o excelente contista mineiro, conquistou, há pouco, o prêmio «Gavião». A láurea lhe foi oferecida por um trabalho que havia sido premiado também por «O Diário», de Belo Horizonte.

• Vivaldo Coroady publicou, pela José Olympio, suas memórias. Título: «Todos contam sua vida». Nesse trabalho, aparece, com nitidez, o Rio de Janeiro do começo do século.

• A «Melhoramentos» acaba de publicar «Papa-Milho», de Hector Sanchez, livro para crianças, onde surge uma galinha que é excelente dona de casa.

• José Condé está nas livrarias com «Um Ramo para Luísa», lançado pela Civilização Brasileira.

• Castelar Sampaio ofereceu ao público, na Bahia, «Nas Veredas do Ouro», interessante livro de poemas.

• Outro livro de poemas, lançado recentemente, é «Poesias Inéditas», de Francisco Minieri, publicado em São Paulo pelo odontólogo Henrique Minieri, onde se encontram belos versos.

FLASH



Oliveira
e Silva

D. Quixote e Carlito

OLIVEIRA e Silva classifica seu trabalho «D. Quixote e Carlito» como «tentativa de interpretação». Tentativa bem sucedida, pois o autor analisa as duas imortais personagens com entranhado amor e esclarecida visão. Em um dos capítulos diz: «Enquanto não sucumbirmos, acreditemos na lição de D. Quixote, procurando lançar pontes sobre os abismos que separam os seres humanos. Com a sua presença, que é a própria imagem do ideal, D. Quixote nos acena com a nobreza e a intrepidez de sua mensagem, insistindo em dizer, em nossa noite profunda, que ainda não estamos perdidos».

Pelo trecho citado, nota-se que o autor não é ensaísta frio a derramar conceitos pomposos sobre temas vagos e indefinidos. Com vários livros publicados, é, pelo contrário, escritor que sente seu tema, vivendo com a personagem que dissecou, o que faz desse «D. Quixote e Carlito» um trabalho que se lê com proveito e emoção.

Em sua jornada pela gesta imorredoura de Cervantes, Oliveira e Silva leva consigo a clareza de seu estilo. Sua análise é bem feita, não padeca-

• «A Exploração do Espaço», de Arthur C. Clarke, é título do livro que a «Melhoramentos» programou para este ano. Versando tema muito atual, a conquista do espaço interplanetário, o livro da «Melhoramentos» deverá interessar bastante aos leitores.

• Outra obra da «Melhoramentos», já nas livrarias, é «Barro Blanco», de José Mauro de Vasconcelos. Neste trabalho, o autor conta a história de uma ilha e de seus habitantes. «Barro Blanco» foi a seleção de agosto do «Círculo de Boa Leitura Melhoramentos».

A Foicinha

Voadora

CARMEN Lemos Coutinho nos oferece, nesse lindo livrinho, uma sugestiva história para crianças, toda ilustrada por Angélica de Rezende. A característica da autora é a ternura envolvente com que desenvolve o tema que irá, por certo, deliciar os pequenos leitores. Confecção gráfica magnífica.

Publicações

RECEBEMOS e agradecemos as seguintes publicações:

«SR.», mensário que se edita no Rio, e cujo representante em Belo Horizonte é o Sr. Samuel Koogan.

«Almanaque do Pensamento» para 1960, apresentando variada matéria numa elegante brochura.

Qual o melhor cronista brasileiro?

A «ENQUÊTE» que vimos fazendo (Qual o melhor cronista brasileiro da atualidade?) tem encontrado a melhor repercussão entre os leitores. Temos recebido respostas de todos os pontos do País e até mesmo do estrangeiro. Há tempos, uma leitora do Canadá aqui compareceu com seu voto. Agora, a jornalista Orlani Cavalcante, de Hollywood, nos Estados Unidos, escreve-nos interes-

sante carta, apontando Carlos Cavalcanti como o cronista de sua preferência. Diz ela, referindo-se a este escritor: «Creio que sua biografia literária relâmpago deveria ser apresentada ao Brasil, pois o homem é muito bom intelectual». Em seguida, faz considerações sobre a vida nos EE. UU. e sobre assuntos de cinema.

E' como se Rubem Braga nos passasse a chave das criaturas... •

JOÃO Antônio, de São Paulo, assim se manifesta: «Ler crônica de Rubem Braga é como beber cachaca, comer tutu de feijão com torresmo, jogar palitinho, gostar de morena». E mais adiante: «Se a mulher é linda, ele pinta num traço. Mas a gente enxerga completamente, como se Rubem nos

passasse a chave das criaturas». Rubem é uma barbaridade, bota uma coisa, um dengue nas frases, que ficamos com vontade de fazer uma urgente porção infinita de coisas boas, sair à rua e ficar amigo de todo o mundo, não falar mal do governo, achar que a vida é boa, apesar dos tropeços».

Gilberto de Alencar comanda a votação

NOSSA pergunta continua. No fim do ano, selecionaremos as melhores cartas e faremos um sorteio. Três leitores serão assim premiados, com livros oferecidos pela Livraria Oscar Nicolai.

Até o momento, a classificação geral é a geral:

1º lugar, Gilberto de Alencar, 21 votos; 2º, Raquel de Queirós, 10 votos; 3º, Rubem Braga, 9 votos; 4º, Fernando Sabino, 7 votos; 5º, Elsie Lessa, 5 votos; 6º, Félix Fernandes Filho e Henrique Pongetti, 3 votos cada. Em seguida, Eneida, dois votos e mais os seguintes cronistas com um voto cada: Carlos Cavalcanti, Lâsinha Luís Carlos de

Caldas Brito, Diná Silveira de Queirós, Newton Prates, Limeira Tejo, Moacir Andrade, Franklin de Sales, Maria Madalena, David Nasser e Jorge Abrantes.

Além das cartas acima recebemos outras das seguintes pessoas: Alfa Viana Dinis, Marialva de Castro, Nunciata Calábria, Nancy Viana Calábria, Marta Viana Calábria, Wilda Panucci de Castro, José Domiciano Freira Maria, G. F., Irma Alves da Silva Castro, José Maria Mattos Chelotti, e um eleitor cuja assinatura consideramos ilegível.

Todos votaram em Gilberto de Alencar.

O João Batista da Silveira, de Matão, votou em Fernando Sabino.

do do vício moderno tão comum nessas empreitadas: frieza e alarde de vã cultura. Dá as informações necessárias sobre Cervantes e sua obra e vai mergulhando no livro, dêle extraindo sentenças que possam repercutir na sensibilidade do leitor de hoje. Sabe recolher delas o velho sabor das coisas realmente amadas. Longe de ser gélido analista, anima seu ensaio com suficiente calor humano.

Sua aproximação de D. Quixote e Carlito é feita com sutileza. Os pontos de contacto entre as duas personagens são apontados ao leitor. Assim, diz ele: «Vivendo em Idades tão diferentes, é fácil, entretanto, aproximar D. Quixote de Carlito, compreendê-los e amá-los. Carlito será louco, em sua vagabundagem inofensiva, à procura de emprêgo modesto, ou louco o mundo que não lhe concede um pequeno lugar ao sol?»

Sobre D. Quixote «Se Deus o entende, como um dia nos confessara, não devemos descrever do destino humano. Antes, pelo contrário: pensar que há uma estrêla, mesmo de claridade fugitiva, que nos guia e ampara, não permitindo que afundemos na escuridão».

Sobre Charles Chaplin: «O importante para Chaplin é a serenidade que antecipa a da morte e arduamente se alcança, a paz interior que só se cristaliza depois de anos de sacrifícios e lutas contra os demônios que cabriolam dentro de nós». Oliveira e Silva tem ainda oportunidade de citar o criador de Carlito: «Necessitamos de mais humanidade, do que de máquinas, de mais bondade e ternura do que de inteligência».

O autor sabe descobrir o que de mais característico possui cada uma das duas personagens que estuda. Consegue vislumbrar em seus atos aquele anseio constante que marca o verdadeiro ideal. Oliveira e Silva poderia, talvez, aprofundar-se um pouco mais na alma desses seres — mais humanos do que muita gente que se movimenta nas modernas cidades de nossos dias. Talvez seja esta uma das poucas restrições que se poderia fazer ao trabalho, que tem a valorizá-lo compreensão e amor às personagens focalizadas.

O livro foi lançado pela Editôra Aurora.



OS TITÃS KIRK DOUGLAS E ANTHONY QUINN

cinema

GUIDO A. DE ALMEIDA

AS cabeças dos donos do cinema norte-americano estão sempre cheias de idéias novas para convencer o público a assistir suas produções, ajudando-os a remediar sua aflitiva situação de menos ricos do que poderiam ser. O segrêdo, agora, é contratar dois artistas igualmente famosos para uma mesma produção. O filme «Duelo de Titãs», produzido segundo esta receita, reúne dois nomes famosos (e não apenas famosos, mas merecidamente famosos), o «titã» Kirk Douglas (foto) e o «titã» Anthony Quinn. Como Kirk Douglas pode dar-se ao luxo de escolher a

dedo suas histórias (diz-se que ele lê, em média, 8 roteiros por semana, passando, às vezes, meses sem encontrar um que lhe agrade), esperamos que este «western» seja tão bom como o seu «Sem Lei e Sem Alma». Quinn, por outro lado, é também uma forte garantia. Temos apenas a notar que, neste filme, Quinn volta a seus antigos papéis de vilão violento e criador de casos.

Entre os dois titãs, aparece Carolyn Jones, um nome que traz em sua bagagem o ótimo desempenho em «Despedida de Solteiro», no papel da existencialista neurótica, que lhe valeu citação da Academia.

Câmara Um

FELLINI
E A
HUMANA
POESIA

FEDERICO FELLINI



PARA um crítico italiano a arte de Federico Fellini é uma «umana poesia». Poesia, porque é uma radiografia da personagem em seus sentimentos mais autênticos diante de um mundo freqüentemente hostil e mau. E poesia humana porque é o homem o objeto primordial de sua arte. Se bem que caracterizados por uma «mise-en-scène» impecável, os filmes de Fellini não se comprazem nunca numa construção puramente estética da história. Cada filme seu é, em primeiro lugar e principalmente, um corte vertical na alma do homem, na alma continuamente solicitada pela inconsciência de um lado, pelo cinismo e desespero do outro.

Atualmente Fellini realiza — talvez a tenha terminado quando sair esta revista — uma nova produção «La Dolce Vita». Sua humana poesia abandona nesse filme o reino da pureza de Gelsomina e Cabiria e retoma os caminhos cínicos de «Os Boas Vidas» e «A Trapaça». «A Doce Vida», segundo outro crítico italiano, é um grande afresco da vida da Roma moderna. Não conta ele, a rigor, uma história, pelo menos no sentido convencional da palavra; o filme é um conjunto de cenas documentadoras da vida ro-

mana, vividas por um jornalista (Marcelo Mastroianni), que se vê inerte diante desta vida louca, incapaz de mudá-la ou de mudar a si próprio. É a história da doce vida inconsciente, da doce vida de cinismo e desespero.

Fellini é um diretor imprevisível ao escolher o elenco de seus filmes. Richard Basehart, por exemplo, que se revelou um grande ator em «A Estrada da Vida» e em «A Trapaça», costumava aparecer em filmes de piratas e noutros igualmente fracos. Agora, surpreendentemente, Fellini escolheu para «A Doce Vida» Marcelo Mastroianni e Anita Ekberg, dois atores que se notabilizaram, não por seus dons estritamente artísticos. Marcelo Mastroianni costumava fazer o mocinho de filmes do tipo «A Bela Moleira», onde Sophia Loren era a moleira e ele, o moleiro, mas, em todo caso, tem a seu crédito a atuação no filme «Um Rosto na Noite». E quanto a Anita Ekberg sabemos suficientemente que seu renome está feito à base do físico. Não há dúvida de que estes dois artistas estão tendo a maior oportunidade de sua vida... Mas Fellini sabe o que faz. Resta-nos esperar mais uma obra-prima do cinema italiano.

COMPLEXO NEGRO

PARECE que os norte-americanos não apreciaram muito certas verdades, ditas em alto e bom francês, por causa da coloração negra em que vinham envoltas. Nós sabemos como eles são susceptíveis a matiz tão sombrio. Referimo-nos a um filme que se chama «J'Irai Cracher Sur Vos Tombes», e que começa com o linchamento de um negro na cidade de Memphis. Mas a ação começa propriamente quando, após a tragédia, o irmão da vítima resolve mudar-se para New Jersey, onde pretende passar por branco. Aí se envolve em aventuras amorosas e acaba por seduzir duas irmãs. Foge, em seguida, com uma delas em direção do Canadá. São perseguidos pela polícia que os mata, no fim do filme, numa rajada de metralhadora.

O filme obteve grande sucesso em Paris, mas os norte-americanos ficaram indignados e acoimaram o filme de absurdo, escandaloso, tolo, mentiroso, etc. Evidentemente, devido à nacionalidade do filme, deve faltar-lhe autenticidade de ambiente, esse «tonus» peculiar ao modo de vida norte-americano. E, talvez — estamos julgando pelo noticiário — haja mesmo má fé na história, como querem os norte-americanos. A este propósito, note-se que o livro, escrito há catorze anos por um francês, Boris Vian, foi publicado como tradução do romance norte-americano de um tal Vernon Sullivan. Mas, quer seja autêntico e sensacionalista, quer não seja, o filme acusa, com razão, os norte-americanos de um crime de que não conseguem se desembaraçar — ou será que Little Rock não está no mapa da «terra da democracia e da liberdade»?

O fato é que os norte-americanos estão engasgados com um negro na garganta. Esperemos que não morram sufocados e que um dia possam retorquir com melhores razões às razões de Boris Vian. As razões de Vian, não a ele, porque, ao iniciar-se a projeção da película em sua pré-estréia, escorregou de sua poltrona e tombou morto.



SANDRA DEE



CARROLL BAKER

CINE - NOTAS

• Domenico Modugno, que se celebrou internacionalmente com o seu «Volare», depois de voltar de sua curta temporada no Brasil, filmou uma produção da Paramount. O filme se chama «The Bay of Naples» e tem em seus papéis principais, além do próprio Domenico Modugno, Sophia Loren e o vovô Clark Gable.

Diz a propaganda que o famoso criador do «blu di pinto di blu» está preparando uma nova «bomba» musical para a partitura de «The Bay of Naples».

• A estudante asiática Timy Van Nga ao voltar de sua viagem de núpcias ao Haiti, com o seu marido, um dentista chamado Miles Graham, perdeu a paciência quando alguns repórteres indiscretos tentaram fotografar o casal. O fotógrafo que estava mais próximo levou uma «bolsada» e uma tapa no rosto. Mas, não é o acidente em si mesmo que faz a notícia; o mais original da história é que o dentista é conhecido como Marlon Brando e a estudante como France Nuyen, também atriz de cinema, e atual esposa de Brando.

• Os artistas do cinema norte-americano que se enriqueceram com a fama, em vez de destinar o produto de seu suor (sua-se muito debaixo das lâmpadas de filmagem...) para poços de petróleo no Texas, voltaram agora seus olhos para a produção cinematográfica independente. John Wayne pretende produzir neste fim de ano um grande filme. A película se chama *The Alamo*, pretende ser a maior bomba dos últimos anos e custará a bagatela de 8.000.000 de dólares!

• Sandra Dee tem um dos contratos mais originais de Hollywood. Esse contrato, firmado a longo prazo com a Universal-International, proíbe especificamente que ela receba qualquer espécie de instrução na arte dramática. Sandra Dee comparece com seu rostinho bonito (confira a foto) no filme «Imitação da Vida», já lançado no Brasil, mas ainda desconhecido em Belo Horizonte.

• Todo o Central Park de New York, mais um quarteirão residencial, mais uma ponte, mais o bairro teatral da Broadway, foram transportados para dentro do estúdio da Paramount. Tudo isto foi feito para a filmagem de «Beijos que Não se Esquecem» («But Not For Me»). Este filme é uma comédia sofisticada que reúne Carroll Baker («Boneca de Carne») (ver foto) e Clark Gable. Não estará este astro um pouco maduro para a menina?

Campeão (Britânico)
de Popularidade

DIRK BOGARDE

VAI VIVER FRANZ LISZT

Reportagem de
ORLANI CAVALCANTE

FOTOS M. G. M.

Dirk aproveita as horas vagas para praticar o
desenho, seu passatempo favorito.



HOLLYWOOD (Via Varig) — Da pena de Bernard Shaw saiu a peça «O Dilema de um Médico», que Anatole De Grunwald encarregou-se de adaptar para o cinema, sob a direção de Anthony Asquith e com a participação do veterano ator inglês, Alastair Sim. A película foi classificada como sensata, onde um bom gosto e um delicioso conteúdo artístico não deixaram de ser notados.

Entretanto, o que mais impressionou no filme foi a convincente interpretação da personagem principal, no caso, um jovem pintor francês impregnado de cinismo e da mais completa indiferença pelo bem-estar alheio, e a quem uma tuberculose galopante imprime um toque místico de artista consumido por sua arte.

O jovem a quem foi confiada a tarefa de **convencer** a platéia do estado mórbido e da inspiração latente da personagem foi Dirk Bogarde o galã número um das Ilhas Britânicas, que se saiu maravilhosamente bem. Na verdade, Dirk é a mistura de um Gérard Philipe («O Idiota») e de um Jean Louis Barrault («Crianças do Paraíso»). Existe, porém, na sua interpretação, algo de «enfant terrible», aliado a um individualismo flamante que se expressa nos seus olhos e no vinco dos seus lábios voluntariosos.

Foi tal a realidade que Bogarde emprestou ao jovem pintor de Bernard Shaw, que Hollywood tratou de ir-lhe ao encalço, «implorando-lhe» para que interpretasse o papel de Franz Liszt, na majestosa biografia do músico,

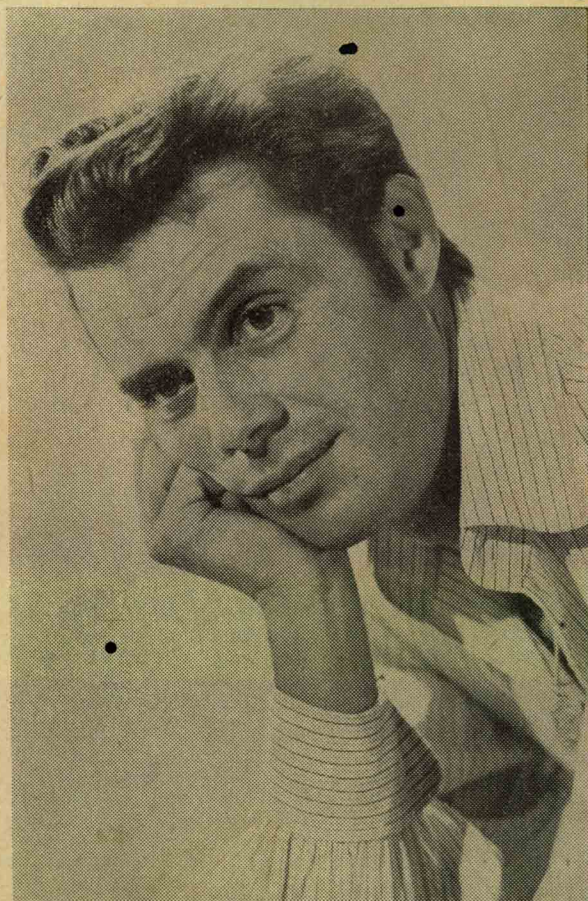
que se acha planejada pelos estúdios da Columbia e já foi orçada em três e meio milhões de dólares. William Goetz, o produtor de «**A Magic Flame**», trouxe o ator à capital do cinema, a fim de que ele possa tomar lições de piano, não para tocar de verdade, é lógico, mas para praticar movimentos de dedos, imprimindo, assim, realidade à cena, cada vez que a câmara fizer «close-up» das suas mãos. Apesar do seu grande talento, Dirk terá que trabalhar em dobro para não decepcionar o público no seu papel de Franz Liszt, personagem genial, por isto mesmo difícil de ser transportada para a tela.

Mas ninguém duvida da possibilidade de ele ter sucesso, pois não é a primeira vez que a Columbia se projeta no domínio dos músicos famosos, já tendo pro-



Dirk Bogarde e Leslie Caron numa cena do filme «O Dilema de um Médico», onde o artista põe em evidência suas credenciais de homem de talento.

Dirk Bogarde, o ator cujo grande talento lhe garante o título de número um em popularidade nas Ilhas Britânicas.



duzido a vida de Frederic Chopin («À Noite Sonhamos»), em inesquecível riqueza musical, côres abundantes e suntuoso vestuário. Quem não se recorda de Cornel Wilde, pálido e nervoso, a despejar sua genial hemoptise sobre o marfim do piano? Ou quem não se lembra de Merle Oberon, exótica e malvada, mas muito amada pelo compositor da «Polonaise»?

Agora, a história se repete, tendo como enredo a vida de outro músico consagrado, Franz Liszt; tendo como «leading man» o jovem inglês de méritos indiscutíveis, olhos melancólicos e voz sentimental, que possui também grande experiência na ribalta.

Dirk Bogarde iniciou sua carreira aos 15 anos, quando, desistindo de ser pintor (ganhou uma bolsa de estudos para desenho

no «Royal College of Arts»), decidiu aceitar papéis secundários no teatro londrino, a fim de adquirir a experiência necessária. Contudo, sua veia de desenhista não o abandonou e, durante a segunda guerra mundial, quando era oficial do exército, carregava consigo cadernos de desenho, aproveitando as oportunidades para criar alguma coisa. E, de fato, ele possuía pendores, pois seus dois desenhos do «Victory-Day» foram comprados pelo «British War Museum». Mas, era seu destino tornar-se ator — e ator de fama e fortuna!

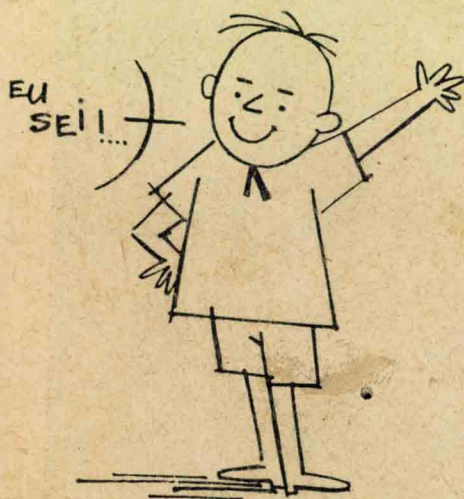
De regresso a Londres, estreou em «O Poder e a Glória», no papel de um jovem esquizofrênico, e chamou a atenção dos críticos, sendo logo depois contratado pelos famosos estúdios de J.

Arthur Rank. Daí por diante, os degraus da fama foram galgados sem dificuldade.

Dirk é solteiro e possui uma bela mansão, nos arredores de Londres. Como inglês tradicional, seu esporte predileto é a equitação. Até hoje ele ainda conserva o gosto pelo desenho, mas não tem muito tempo para dedicar-se a essa arte, pois todos os seus pensamentos e energias parecem concentrados num único objetivo: aperfeiçoar-se como ator de primeira linha, o que, aliás, vem fazendo com brilhantismo. A interpretação de Franz Liszt será a prova de fogo. A película, ainda em estado embrionário, está sendo filmada nas suas primeiras cenas na Europa, local onde se desenrolou a história original.

PRESUNTO

Gilberto de Alencar



O ÔNIBUS parou dentro do povoado, junto à porta de um botequim. Sei perfeitamente que, hoje todos dizem «bar» em vez de botequim, mas vou dizendo mesmo é botequim, que éle afinal é nosso, e deixo de lado «bar», que jamais o foi. Cada qual é nacionalista a seu modo, e o meu modo, com o qual vivo muito satisfeito, é este de refugar anglicismos, italianismos, galicismos e outros «ismos» da mesma laia.

Parou, pois, o ônibus junto à porta do botequim e eu desci, como os demais passageiros, para tomar o meu café e fazer as demais coisas que é costume serem feitas em tal ocasião. Percebi depois, na casa ao lado, um rumor de escola em atividade: tabuada cantada em voz alta, perguntas da professora, respostas dos alunos, todos gritando ao mesmo tempo.

Fui ver de perto.

Tratava-se de escola realmente.

A porta de entrada era uma porta-janela, com a bandeira cortada bem acima do meio, estando fechada a parte inferior, para evitar olhares indiscretos, e escancarada a parte superior, para iluminar e arejar o cômodo. Não havia, porém, nem luz nem ar, que o cômodo não passava de uma espécie de corredor de três metros de largura por cinco ou seis de comprimento, sem outra abertura a não ser a já descrita.

De costas para a rua, sentados nas fileiras de bancos toscos, uns vinte ou trinta meninos. De frente para eles, em pé e atrás de uma pequena mesa encostada à parede do fundo, a professora. Devia dizer a professorinha, pois era miúda e por sinal bastante bonita, muito graciosa no seu vestido simples de trabalho, nos seus gestos, na maneira de falar em voz alta.

Se me perguntarem como é que vi tudo isso, se a porta estava fechada, direi que havia um orifício na mesma, certamente praticado pelos moleques da rua, a fim de assistirem às aulas da banda de fora e a seu gosto. Colei o olho ao orifício e vi o que acabo de contar. Não coleí a orelha porque tudo se podia ouvir facilmente a grande distância.

Depois da tabuada, veio uma lição de geografia da América do Sul, com as perguntas da professorinha e as respostas cantadas dos alunos, falando todos em côro, tal qual como no meu tempo.

- Venezuela, capital ?
- Caracas !
- Peru, capital ?
- Lima !
- Paraguai, capital ?
- Assunção !

Acabados os países com as suas capitais, a mestra perguntou :

— Qual é a forma que tem a América do Sul ?

Aí a meninada tôda respondeu num só grito estridente :

— Tem a forma de um presunto !

Nesse ponto, apesar de tôda a minha boa vontade e de tôda a minha simpatia, não me senti lá muito convencido. Porque, enfim, aqueles meninos do povoado provavelmente jamais viram um presunto em tôda a sua vida deles.

O ônibus buzinou para partir, corri a tomar o meu assento e por muito tempo vim pensando, durante o resto da viagem, na alegre escolinha, achando que ela, como centenas e centenas de outras da sua espécie, presta serviço de monta no combate ao analfabetismo pelo desamparado interior do País. Não me digam que a normalistazinha emprega métodos pouco pedagógicos. Ela decerto cursou aulas de metodologia, mas não pôde, evidentemente, sem a ajuda que o govêrno não lhe dá, pôr em prática o que aprendeu. Numa sala que é um corredor escuro e sem ventilação, com vinte ou trinta meninos assentados em poucas carteiras, sem material didático, sem nada do que é preciso, o ensino tem que ser mesmo o que vi e ouvi. Mas já é alguma coisa isso de saberem os meninos do povoado que a América do Sul é um presunto. O presunto que eles talvez jamais tenham visto.